

COLEÇÃO
PALAVRAÇÃO

PALAVRA PALAVRA
PALAVRA

palavra
palavra

ABRAÇAR A LIBERDADE

SUBSÍDIOS PARA O TRABALHO ENTRE JOVENS - 2

PALAVRA
PALAVRA



palavra ação

guia de atividades para grupos de jovens

COLEÇÃO
PALAVRAÇÃO

Coleção PalavrAção

Subsídios para o trabalho entre jovens

Caderno nº 2 – Abraçar a Liberdade

Coordenação:

Joni Roloff Schneider

Capa e ilustrações:

Artur Sanfelice Nunes

Edição, diagramação e revisão:

Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

Realização:

Departamento Nacional para Assuntos da Juventude -

DNAJ da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no
Brasil - IECLB

Pedidos para:

Depto. Nacional para Assuntos da Juventude - DNAJ

Caixa Postal 14

93001-970 São Leopoldo - RS

Telefone/Fax: (051) 590-2366

e-mail: juventudieclb@nh.conex.com.br

Home Page: www.dnaj.org.br

***Reprodução total ou parcial dos textos deste
caderno somente mediante autorização
expressa do Departamento Nacional para
Assuntos da Juventude - DNAJ***

São Leopoldo, fevereiro de 2000

O primeiro livro da coleção **PalavrAção** foi um sucesso de público e de crítica. Esse resultado satisfatório, levou-nos a planejar e elaborar o segundo livro. Porém, diferentemente do primeiro, que abordou dois temas centrais (espiritualidade e cidadania) este segundo caderno enfoca a questão da liberdade e suas relações com a ética, a política, a sexualidade, a religião, o consumo e a responsabilidade social e ecológica. Em todas estas temáticas, a máxima de Lutero de que "o cristão é um senhor livre de todas as coisas, a ninguém sujeito; e um servo de tudo, sujeito a todos" dá sustentação à toda prática de liberdade cristã. *Abraçar a Liberdade* é portanto viver radicalmente a fé em Cristo através do serviço. Essa liberdade que se vive a serviço é, portanto, vocação a qual abraçamos com o coração.

Este caderno *Abraçar a Liberdade* está dividido em **Palavra** – subsídios teóricos, e **Ação** – subsídios práticos. Para estabelecer mais facilmente essa divisão, o caderno ganhou duas frentes. Uma inicia pela teoria, outra, pela prática. Você começa por onde quiser. A idéia é que você faça a mistura entre a Palavra e a Ação e vice-versa. Ou, não. Se preferir, pode trabalhar em seu grupo apenas um texto de reflexão. Ou aplicar uma dinâmica, relacionando-a a outro tema qualquer.

O caderno é seu! Várias pessoas escreveram o resultado de suas reflexões ou contaram suas experiências. Agora, você pode aproveitar livremente esse material para servir melhor ao seu grupo, à sua cidade, à sua Igreja.

Seja livre para usar e abusar desse material.

Departamento Nacional para Assuntos da Juventude
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

ÍNDICE

PALAVRA

Liberdade ... até onde?.....6

O que é Liberdade?.....6

1. O que dizem alguns pensadores sobre a liberdade.....8
2. Três histórias para ilustrar a questão.....9

Liberdade & convivência.....12

O medo à liberdade.....12

Liberdade e convivência.....15

Protagonismo juvenil.....17

Desafio.....19

A liberdade cristã.....20

Introdução.....20

A história da liberdade na Bíblia.....20

A liberdade na história da Igreja Cristã.....25

A nossa história de liberdade.....28

Apontamentos29

Bibliografia.....30

Tema: Liberdade. Bibliografia específica.....31

Liberdade & política.....33

Participação do jovem.....34

**Liberdade e sexualidade: resgate da
humanização.....37**

O Momento Histórico Presente.....37

Limites Humanos e Relacionamentos.....38

Vivência da Sexualidade Hoje.....39

Sexualidade e Humanização.....39

Liberdade religiosa.....41

Mercadoria e Sedução.....42

Só Deus é Livre.....44

**Uma viagem pelo universo das coisas
descartáveis.....46**

A escola do consumo.....47

Um mundo descartável.....48

O limite do consumo.....48

Direitos humanos & liberdade.....51

**Liberdade e responsabilidade com a
criação/ecologia.....56**

Liberdade exige Compromisso.....56

Criação – Modelo de Liberdade e
Responsabilidade.....57

Ecologia – Um Novo Jeito de Educar.....58

LIBERDADE ... ATÉ ONDE?

.....
● Roberto E. Zwetsch

O que é liberdade?

"Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Não nos submetamos, de novo, à canga da escravidão." Apóstolo Paulo (Gl 5.1)

Introdução

O tema é oportuno, atual, desafiador. Mas minha primeira reação ao cogitar sobre o convite de apresentá-lo foi de temor. Quem brinca com fogo, está sujeito a se queimar! O tema liberdade é como o fogo. Tocá-lo não permite uma atitude neutra ou distanciada. Sabendo disso, aceitei o convite para tratá-lo em profundidade. Pois, o tema da liberdade é, de fato, urgente, provocativo e essencial para a juventude dos anos 90, para a juventude que irrompe desde já o 3º Milênio. Várias razões confirmam esta opinião. Vejamos algumas:

Vivemos tempos de neoliberalismo, que usa e abusa do termo liberdade. De que liberdade esta ideologia hoje universal está falando? A liberdade daquele cigarro, daquele novo jeans, do novo carro, do novo modelo de absorvente, do xampu para os cabelos, etc.? É a liberdade única de aderir e nunca divergir? De gozar e jamais questionar? De buscar vantagem em tudo sem se importar com a coletividade?

Vivemos também tempos de permissividade geral. Tudo é permitido e é legal. Por que se deixar reprimir?

Vivemos tempos de um grande cinismo. Executivos

.....
Prof. de Teologia Prática
da Escola Superior
de Teologia- São
Leopoldo/RS

decidem sobre a vida da juventude sem o menor pudor em áreas como as da educação, do trabalho, da técnica. Se milhões de jovens hoje estão programadamente fora do mercado de trabalho, isto não lhes causa o menor constrangimento. Decisões devem ser tomadas. O que importa são os objetivos das empresas, do sistema de governo, das políticas oficiais. Tempos cínicos.

Mas também são tempos de profunda e irremediável solidão. Jovens se drogam, buscam afetividade e perspectivas, sonham, se juntam, sofrem, lutam e, finalmente, colhem solidão e desprezo. A violência arrasa com muitas vidas recém desabrochando para a grande aventura da vida. É um escândalo no Brasil, denunciado até mesmo pela ONU e outros organismos internacionais.

São, portanto, tempos de crise em muitos campos e sentidos (tanto das vidas pessoais como da vida em sociedade. Um exemplo à mão é a crise ecológica).

De minha perspectiva teológica vejo, porém, uma razão maior para debater sobre este tema. A liberdade, como realidade e projeto, está no coração da mensagem cristã. A Bíblia pode ser vista como a história da liberdade do povo de Deus neste mundo. Ela fala o tempo todo sobre a luta pela liberdade e, de modo especial, nos seus lugares mais centrais (êxodo, profetismo, pentateuco e a lei, sabedoria, Jesus, apóstolos, Paulo, João). Vou procurar mostrar isto neste caderno.

Portanto, falar, pensar, refletir, dialogar sobre e experimentar liberdade é algo que tem a ver conosco mesmos, jovens de comunidades evangélicas em busca de um caminho para a vida. Espero que concordem comigo neste ponto.

Textos para refletir: AT - Ex 3.7ss; 20.2ss; 1 Sm 8.10ss; Sl 59.1ss; Is 61.1ss - NT - Lc 1.46ss; Lc 4.18ss; Jo 8.31s; At 4.19s; Rm 12.1s; 13.8-10; Gl 5.1,6s; 2 Co 3.17; Tg 2.12.



1. O que dizem alguns pensadores sobre a liberdade

Uma intelectual guilhotinada na Revolução Francesa, exclamou:

"Liberdade, liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome".

A poetisa brasileira Cecília Meireles escreveu um longo e belo poema sobre a Inconfidência Mineira, que acabou no enforcamento de Tiradentes, em 1789 (antes portanto da Queda da Bastilha, em Paris!). Tiradentes se tornou depois patrono da independência e exemplo da luta pela liberdade no Brasil. Mas isto aconteceu 30 anos antes da independência a medias proclamada por D. Pedro I (1822). Tiradentes foi traído. O poema trata disso. Dele extraí o seguinte trecho:

*Liberdade ainda que tarde
Ouve-se em redor da mesa
E a bandeira já está viva
E sobe na noite imensa
E os seus tristes inventores
Já são réus - pois se atreveram
A falar em Liberdade.
Liberdade, essa palavra
Que o sonho humano alimenta
Que não há ninguém que explique
E ninguém que não entenda.
(in: Romanceiro da Inconfidência, romance XXIV).*

Pergunto: será que só podemos entender a liberdade desse ponto de vista negativo? Liberdade como contraface da repressão e da proibição e que, então, só a morte resolve em definitivo? Será que podemos trabalhar um conceito mais positivo de liberdade? Vejamos o que dizem algumas outras vozes.

Robin Morgan, feminista e escritora norte-americana assume a definição liberal de que a liberdade é liberdade de escolha. Então se pergunta: "mas o que é escolha para o comprador do supermercado... Quem define as opções

que temos?" Esta pergunta questiona a liberdade enquanto opção, escolha que se dá entre dois ou três produtos previamente escolhidos/produzidos por empresas que se julgam detentoras do saber sobre o que é melhor para nós.

A filósofa brasileira Márcia de Sá Cavalcante, que traduziu e apresentou o livro do filósofo alemão F. Schelling *A essência da Liberdade Humana* (1809) para o português, resumiu assim o pensamento deste estudioso: "Do ponto de vista ontológico (do ser, RZ), o fato da liberdade humana evidencia-se na experiência de que não é a liberdade que pertence ao homem, mas o homem que pertence à liberdade ... O homem é livre na medida em que pertence à liberdade".

Esta idéia de pertencimento, de que a liberdade não é um dado, mas um processo e que você só é livre enquanto pertencer ao processo da liberdade, parece-me muito atual e merece ser aprofundada por nós.



2. Três histórias para ilustrar a questão

Deixem-me contar-lhes três histórias que poderiam ajudar a encaminhar a nossa discussão neste dia. Talvez elas tornem o tema menos abstrato e mais próximo à experiência do dia a dia.

a) Meu filho Daniel ganhou um galo de presente. Detalhe importante: é um galo garnizé. Quem conhece este tipo de galináceo sabe que é uma ave pequena que dá pouca carne. Portanto, não é o ideal para produzir carne. Pois bem, pra que ele não ficasse sozinho ciscando no quintal atrás de casa, minha esposa comprou duas frangas também garnizé. E tivemos a nossa primeira criação. O galo recebeu o nome de Zé Garnizé. Todos os dias aí pelas 5 horas da matina lá vem ele cantar na área dos fundos para minha alegria e para desespero do meu

segundo filho que adora levantar tarde. Depois de alguns meses as galinhas chocaram vários ovos e nasceu uma ninhada de pintos. Foram nove ao todo. Logo perdemos um, que nasceu doente. Dos demais, três foram mortos pelos cachorros dos vizinhos, um galo demos para um amigo, de modo que ficamos com mais cinco. O nosso plantel, portanto, têm seis garbosos garnizés, que são a alegria do quintal, que aliás, dividem com um cachorro, o Malom, e um gato. A convivência, depois de estabelecidos os limites de cada um, é pacífica. É bonito de ver aquele pequeno e doméstico zoológico.

b) A segunda história é uma visita que fiz outro dia com amigos a um agricultor de Teutônia, que vou chamar de Sr. Otto Braun. Pois, o seu Braun é um agricultor pobre. Não tem capital, vive do seu trabalho duro numa pequena propriedade e sem muito apoio técnico. Para melhorar de vida, aceitou a proposta de uma empresa e passou a criar frangos para abate. Só que o seu frango é para ser exportado para a Ásia, onde se exige um frango com 800 gramas. O seu Braun entrou no negócio com os galpões e o seu trabalho. O pinto de um ou dois dias é fornecido pela empresa e ele deve estar no ponto para abate no máximo em 15 dias (!). Ele recebe a ração e trata os frangos com ração e água. Para que não passem do peso, um ou dois dias antes da entrega diminui a comida e dá só milho. O seu Braun diz que ganha algum dinheiro com a produção, mas que sua experiência é a de um escravo na própria terra. Ouvindo a sua história, fiquei pensando: se fosse por mim, eu prefiro o meu Zé Garnizé andando livremente pelo quintal lá de casa, aos 11 mil pintos bem tratados, gordos, prontos para o abate em 15 dias, do seu Braun. Mas ele não tem escolha!

c) A terceira história foi contada pelo escritor Rubem Alves. Chama-se O Patinho que não Aprendeu a Voar.

Resumindo a história, ele conta o que aconteceu com um pato selvagem que desde pequeno não aprendeu a voar e assim ganhar as grandes alturas que lhe permitiriam seguir para outros lugares com os irmãos e os pais. Na infância, ele preferiu brincar com os amiguinhos da floresta e se esquivou dos duros exercícios que o pai praticava com seus irmãos. Quando chegou o inverno e os patos selvagens deveriam buscar outras terras mais quentes, o nosso patinho tentou acompanhar a sua família, mas como não se exercitara não conseguiu sair do chão. O pai ainda tentou ajudá-lo por vários dias, mas certa vez não voltou e o patinho teve de se refugiar no pântano. Não adiantou, pois vieram os caçadores e ele foi preso e levado a um terreiro de uma casa onde lhe cortaram as asas (e precisava?) e o passaram a engordar com milho todo dia. Uma vez ele ouviu de longe o ruído de outros patos e olhou para o céu. Era um bando alegre de patos selvagens que fizeram seu coração de pato estremecer e sonhar novamente com as alturas. Mas o bando passou e o pato - que se tornara pato doméstico - não conseguiu sair do chão. A porteira do cercado se abriu nesse dia e lá veio mais uma farta ração de milho. Mas o pato não quis comer. Havia perdido a fome.

"A liberdade é como o amor. Uma vez que nos pega, não nos deixa mais tranquilos."

Três histórias diferentes mas que tratam do mesmo tema: o desafio da liberdade. Esta última não acaba bem. É triste. Mas faz pensar. Por isso, pergunto a vocês: Que tipo de patos vocês desejam ser? Patos domésticos ou patos selvagens? Vocês imaginam quais os riscos que esta resposta implica? Vamos aproveitar muito bem este tempo de reflexão para avaliar quais os riscos que a liberdade implica e se estamos dispostos a assumi-los. Pra encaminhar a discussão, eu diria que a liberdade é como o amor. Uma vez que nos pega, não nos deixa mais tranquilos.

LIBERDADE & CONVIVÊNCIA

.....
Roberto E. Zwetsch

O medo à liberdade

Um pensador francês fala sobre os limites à liberdade. Escreve ele: "Muito cedo nos é imposto o sentimento dos limites que nos cercam de todos os lados: do corpo, das coisas, que resistem e contra as quais é preciso usar astúcia, limites resultantes da presença de outros ... Mas estes limites são o que nos permite existir ... Só existe liberdade absoluta na solidão e, finalmente, na morte". (Pierre Grimal)

Um jovem um dia me perguntou: Pastor, há uma definição de liberdade que diz assim: a minha liberdade termina onde começa a liberdade do outro. O que você acha disso? Procurei questionar e lhe disse o seguinte: este é um conceito liberal, um conceito formal de liberdade. É como se a gente fosse um ser isolado e para si e ninguém conseguisse mexer com a individualidade de ninguém. Perguntei: que liberdade é esta que a TV me impõe invadindo a minha casa com toda espécie de lixo sem me perguntar se isto é bom para mim, se me serve ou coisa parecida? Que liberdade é esta que expulsa estudantes das escolas e joga milhares de crianças e jovens nas ruas; que liberdade é esta que violenta a juventude e a impede de entrar no mercado de trabalho (cada ano entram cerca de 1,5 milhão de jovens no mercado de trabalho no Brasil e ao invés de aumentar o número de empregos eles estão diminuindo ano a ano por causa das políticas de modernização das empresas e do governo); que liberdade é esta que impõe um salário mínimo que mal dá pra alimentar uma pessoa (a lei diz que deveria servir para

.....
Prof. de Teologia Prática
da Escola Superior
de Teologia- São
Leopoldo/RS

uma família de 4 pessoas e garantir todas as necessidades básicas)? Que liberdade é esta que intoxica crianças pobres com agrotóxicos e ninguém vai preso?

Há uma distinção que pode nos ajudar: a liberdade pode ser entendida de modo negativo ou de modo positivo:

Negativo
Separação
Solidão
Morte
Imediato
Egoísmo

Positivo
espontaneidade
relação/comunhão
vida
história/memória
amor

Aproveito aqui uma idéia apresentada por uma das tribos no Acampamento Repartir Juntos de 1998, em Carazinho.

O pessoal falava de um triângulo, que denominei triângulo da liberdade. O esquema é o seguinte:

"O que mantém a chama da liberdade acesa é o amor."



A liberdade seria a dinâmica que prevalece nessa relação triangular entre Deus, os outros/as e a minha subjetividade. No interior do triângulo existe uma chama que alimenta a dinâmica e esta chama é o amor. Portanto, o que mantém a chama da liberdade acesa é o amor.

Comentei que a metáfora é interessante, mas também padece do mesmo esquematismo da liberdade formal dos

liberais. Pois a vida e a experiência da liberdade geralmente extrapolam os esquemas e o triângulo acaba sendo deformado pela realidade. Para conviver com e na liberdade é preciso bem mais...

Continuando, afirmei que o grande problema consiste no seguinte: em verdade, nós temos medo da liberdade. Por quê?

Somos inseguros. Normalmente, preferimos a segurança, ainda que falsa, do que sofrer buscando a liberdade.

Somos conformados. A rebeldia dói, causa escândalo, custa caro, de modo que preferimos concordar com o status quo. Além do mais, para que ser diferente, se todos pensam assim...

Somos egoístas. Não arriscamos nos abrir para o outro/a e amá-lo como ele é. Cada pessoa prefere cuidar da sua vidinha medíocre e os demais, bem isto não é meu problema...

Em suma, fazemos o contrário do que pensamos que seria bom e justo ou daquilo que dizemos que pensamos e queremos (cf. Rm 7.18ss e a argúcia do apóstolo Paulo).

Esse medo à liberdade tem nome na Bíblia: é o que ela chama de pecado. Pecado não é simples falha moral. É muito mais. É não aceitar o convite de Deus para ser livre, para amar!

Como resolver esta contradição, este paradoxo?

Não tem outro jeito senão arriscar entrar no caminho da liberdade (lembrem-se: quem brinca com fogo, está sujeito a se queimar). Este é o caminho proposto por Jesus de Nazaré. Jesus nos convida assim nos evangelhos: - Vem e segue-me! Ou como em Jo 8.31s: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará"!

E AÍ?
VAMOS
NESSA?



Liberdade e convivência

Prosseguindo, podemos dizer que a liberdade só se realiza enquanto ação humana. Por isto, ela se decide concretamente na vida em sociedade, na convivência diária, no cotidiano de nossas relações.

Mas é bom reconhecer que há entraves grandes e pequenos à experiência da liberdade entendida como vocação humana.

O psicanalista Erich Fromm, que escreveu o livro *O Medo à Liberdade*, afirma que a pessoa na sociedade moderna não alcançou a liberdade positiva por não ter realizado as suas potencialidades intelectuais, emocionais e sensoriais (olhai, os que hoje estão apresentando a tese da inteligência emocional como grande novidade se esquecem de informar que outros já falavam disso há bastante tempo atrás). Fromm escreveu isto em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, fazendo uma crítica arrasadora aos fascismos italiano e nazista, sem esquecer de apontar as inconsistências da liberdade no assim chamado mundo livre (Ocidente, em especial os EUA). Fromm fala da ambigüidade da nossa experiência com a liberdade. Distingue a liberdade em:

Liberdade de autoridades externas, leis, ditaduras.

Liberdade para novas relações, pleno desabrochar de cada pessoa, vivência do amor.

A partir das teses de Fromm aqui um pouco ampliadas, dá para identificar quatro mecanismos que nos impedem de ser livres:

Autoritarismo. Experiência muito conhecida por nós no Brasil, sobretudo para quem se lembra dos 20 anos do Regime Militar (1964-1984). Sua contraface seria o masoquismo. O autoritarismo é produto da fraqueza do aparentemente forte. Para Fromm, é alguém perder-se de si mesmo.

Destrutividade. É uma forma de realizar o instinto de morte do qual falava Freud. Ela se relaciona no Brasil com a intensidade com que as pessoas vêem tolhidas suas

chances de viver. Ela recai sobre os pobres, as mulheres, os povos indígenas, os negros, mas em grande parte sobre a população jovem e até mesmo infantil (p. ex. acidentes de trânsito, homicídios, menores de rua, prostituição e trabalho escravo infantil, sem terra).

Conformismo. É a perda do respeito por si mesmo e a conformação a ser como os demais, ser como os outros esperam que eu seja. A pessoa desiste de ser ela mesma e se torna autômato, idêntica a milhões de outras. Um bom exemplo disso aparece na música dos Titãs *Televisão*:

"A televisão me deixou burro muito burro demais

Agora todas as coisas que eu penso me parecem iguais"

A pessoa não consegue desenvolver um pensamento crítico. Triste o país que forma uma juventude conformista. (cf. Rm 12,1s onde Paulo propõe um caminho bem diferente, embora mais árduo. Cf. também em At 4.19s a atitude de Pedro e João diante das autoridades públicas).

Às vezes, só no sonho as pessoas conseguem respirar um pouco de liberdade. No período colonial, o banzo era um sentimento muito forte entre o povo negro, era um sentimento de saudade da liberdade perdida. Às vezes, levava à morte. Mas também ajudava a transformar a experiência de escravidão em resistência e revolta. A história dos Quilombos são a prova de que o povo negro transferido à força para o Brasil nunca se acomodou diante da escravidão. Durante os 350 anos (!) em que a escravidão imperou, sempre a chama da liberdade alimentou os sonhos e as ações de resistência da gente negra. Por isso, e seguindo exemplos como este, nunca deixemos de sonhar (Cf. de G. Bachelard. *O Direito de Sonhar*).

Fatalismo. É o pensamento que diz que a história já chegou ao fim, que é assim mesmo e será sempre assim. A história não muda. Não adianta lutar. Só há uma saída que é se ajustar ao curso da história como ela é, ou seja, como os grandes do mundo a querem que seja (cf. a crítica ao neoliberalismo feita por movimentos como o dos Zapatistas no México, do Movimento dos Sem Terra no Brasil, dos Verdes na Alemanha e assim por diante).

Protagonismo juvenil

Felizmente, há sinais de que estes impedimentos à liberdade não reinam sozinhos e sem contestação no Brasil. Exemplos disso temos na retomada do movimento estudantil que ressurgiu e mostra a sua cara. Um momento alto desse ressurgimento foi 1992 e o movimento Fora Collor! no qual a juventude brasileira teve papel destacado (caras pintadas). Surgem também, nos últimos anos, movimentos amplos e massivos como os Comitês de Cidadania contra a Fome e a Miséria (liderados pelo saudoso Betinho), os Comitês de Solidariedade e outras iniciativas com participação da juventude.

Novamente o Titãs colocam esta aspiração numa música bem conhecida, *Comida*:

"Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida
A gente quer comida diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte."

Nas igrejas e comunidades há grupos reorganizando a Pastoral Jovem com novos objetivos e métodos. E mesmo assim, há muito pela frente...

Bem, a este processo típico dos anos 90, o prof. Antonio Carlos da Costa dá o nome de Protagonismo Juvenil. Entenda-se protagonismo como um colocar-se à frente dos processos sociais, através de uma ação, de um movimento específico, deixando de ser massa de manobra de outros setores sociais. O protagonismo juvenil alia duas



características: autonomia individual (ser eu mesmo) e solidariedade (ser com os outros, construir juntos a liberdade geral para todos).

O caminho desta proposta é aliar vivência e prática, ou seja, experiência.

O núcleo da proposta é os jovens participarem e se envolverem na solução de seus problemas a partir de três atitudes:

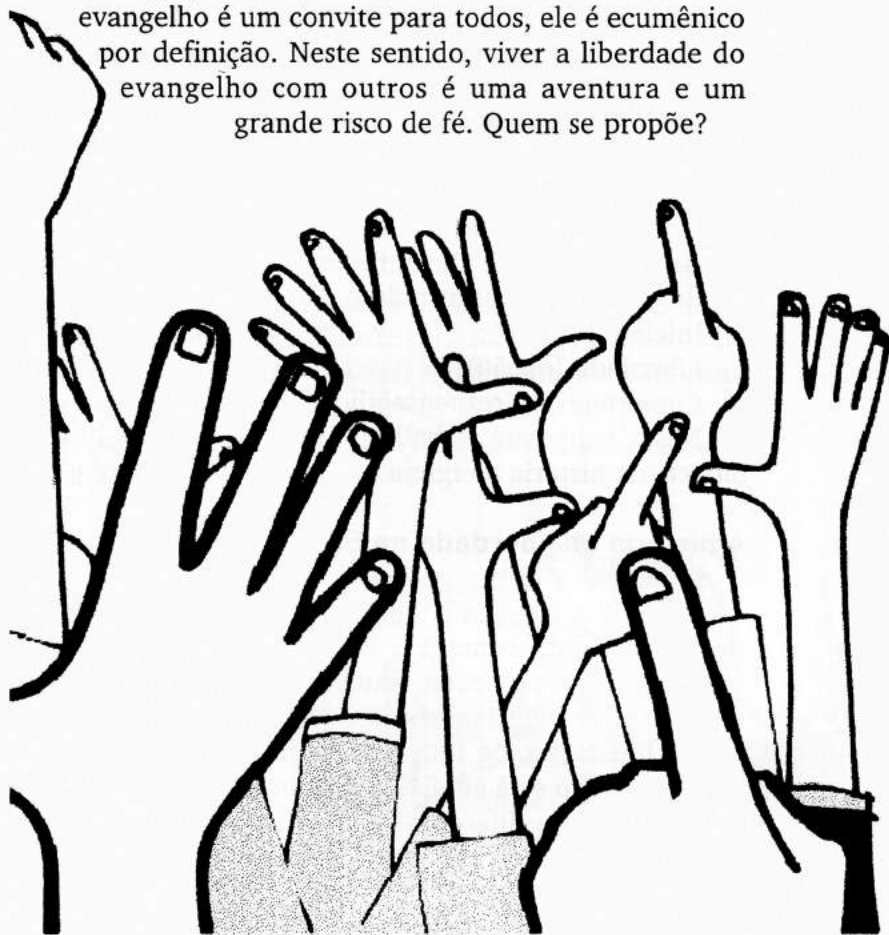
- Iniciativa (ação);
- Liberdade (opção);
- Compromisso (responsabilidade).



Desafio

Para ser livre é preciso, portanto, agir, optar e se comprometer.

Ora, a fé cristã, o evangelho da liberdade como Paulo traduziu a mensagem de Jesus de Nazaré, é justamente o chamamento para uma proposta de vida muito parecida com aquilo que o Prof. Antonio Carlos defende. Por isso, vejo que podemos caminhar juntos com muita gente, mesmo quando não fazem parte do nosso grupo, da nossa igreja nem pensam exatamente como nós. O evangelho é um convite para todos, ele é ecumênico por definição. Neste sentido, viver a liberdade do evangelho com outros é uma aventura e um grande risco de fé. Quem se propõe?



A LIBERDADE CRISTÃ

.....
● Roberto E. Zwetsch,

Introdução

No artigo anterior disse que para sermos livres e convivermos em liberdade é urgente superar o medo à liberdade. E que a liberdade só existe como ação humana. Também falei que é preciso distinguir *liberdade de* (autoritarismo, destrutividade, conformismo, fatalismo) da *liberdade para* (convivência, solidariedade, amor). Comentei ainda sobre o novo protagonismo juvenil, que alia autonomia individual e solidariedade a partir de três atitudes:

Iniciativa (ação);

Liberdade (opção);

Compromisso (responsabilidade).

Neste artigo vou trabalhar o tema a partir da história bíblica, da história da igreja e da teologia da liberdade.

A história da liberdade na Bíblia

Vocês que fizeram o Ensino Confirmatório poderiam responder onde começa a história bíblica? Pois é, ao contrário do que a ordem atual da Bíblia faz supor, a história do povo Deus tem como evento-fonte uma experiência de libertação, de luta pela liberdade (cf. o início do decálogo como está em Ex 20.2 e compare com o Catecismo Menor. Que diferença!) Os hebreus viviam escravos no Egito dos Faraós. Havia sido escravizados muito tempo antes dos fatos extraordinários que desencadearam a caminhada do povo hebreu rumo à liberdade. Moisés é

.....
Prof. de Teologia Prática
da Escola Superior
de Teologia- São
Leopoldo/RS

um dos grandes personagens dessa história. Ex 1 conta como tudo começou. E o incrível dessa história é que tudo começa com mulheres que desrespeitam as leis do Faraó. Primeiro são as mulheres hebréias que serviam de parteiras. Havia uma lei do Faraó, o imperador do Egito, que por medo de uma revolta dos escravos proibiu que as crianças nascidas do sexo masculino permanecessem vivas. Mandou que todas fossem assassinadas. As parteiras, num gesto subversivo, não só deixavam viver os meninos como os escondiam até crescerem e poderem se proteger por si mesmos. Um destes meninos foi escondido na beira do rio, em meio aos juncos, e teve uma surpreendente salvação. Outra mulher, desta feita a filha do Faraó (olhem só que ironia), também desobedece a lei, salva o menino das águas (daí o nome Moisés) e decide criá-lo. Só muito mais tarde este menino criado na corte, irá tornar-se - por um chamado de Deus - o guia do povo hebreu rumo à libertação e à terra livre (Ex 3.7s). Ainda assim, tal liberdade não veio sem muitas lutas, muito sofrimento, muito medo e fracassos enquanto a terra só foi alcançada depois de 40 anos de andanças pelo deserto da Arábia. O primeiro credo do povo de Deus (Dt 26.5ss) narra de forma bem resumida esta fabulosa história que deveria ser sempre contada de pai pra filho, de mãe pra filha, de avô para os netos e as netas.



Um segundo momento já se deu na terra de Canaã, a terra onde as tribos dos hebreus se reuniram e formaram o povo de Israel. Samuel era um dos juizes, uma espécie de líder dos judeus que reunia o povo em certas épocas. Chegou um momento em que o povo decidiu que queria um rei. Samuel então alertou o povo para o preço que se teria que pagar para ter um rei como os outros povos. Isto está registrado em 1 Sm 8. Ali o juiz adianta qual será o direito do rei e como ele irá oprimir e extorquir tributo ao povo para o seu benefício e o de seus funcionários e soldados. É uma dura crítica ao Estado que ainda vale.

No período do Reinado, há muitos relatos que mostram como os reis ora serviam aos desígnios do Deus libertador, ora se corrompiam e praticavam injustiça e infidelidade para com o Deus de Israel. No AT há uma interessante contraposição entre o povo e o reinado, o povo e o templo e seus sacerdotes. Dão conta dessas contradições os Profetas. Amós, Oséias, Jeremias, Isaías e sua escola, Miquéias são alguns nomes que permanecem vivos em nossa memória como portadores da palavra de Deus, muitas vezes julgando os erros das elites e conclamando o povo todo a mudar de vida.

Mas a injustiça venceu e o reinado caiu. Houve a invasão babilônica no século VI a.C. e muitos judeus foram levados ao exílio. O Salmo 137 começa dizendo: "Às margens dos rios da Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos ... os nossos opressores pediam que fôssemos alegres e diziam: Entoai-nos alguns dos cânticos de Sião. Como, porém, haveríamos de cantar o canto do Senhor em terra estranha?"

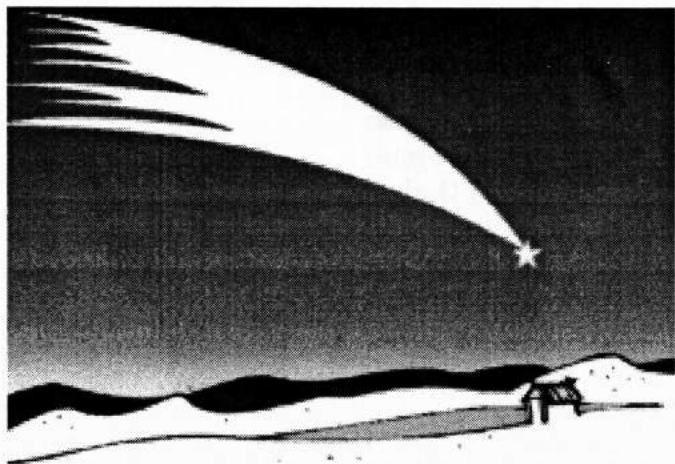
Foi no exílio que a fé de Israel precisou ser completamente renovada. Já não havia mais Templo, sinal visível da presença de Deus. Então alguns dos sábios começaram a anotar histórias que testemunhassem quem eram e quais as razões que poderiam manter o povo firme na esperança. Um dos relatos dessa época é o grande poema da criação que encontramos nos primeiros capítulos de Gênesis. É outro grande testemunho onde a liberdade

permeia a história ainda que não apareça de forma tão explícita como no Êxodo. Gostaria de chamar a atenção de vocês para um detalhe do relato da criação que diz respeito ao primeiro casal, Adão e Eva. Adão é um nome que vem de adamá, terra em hebraico. E Eva quer dizer mulher, a companheira daquele que nasceu da terra. O alvo do relato mostra que Deus criou os seres humanos para o desfrute do descanso e da sua companhia. Neste sentido, valeria a pena aprofundar o que quer dizer nesse contexto a nudez do primeiro casal diante de Deus. Posso estar dizendo heresia, mas penso que Deus queria e continua nos querendo nus, pelados mesmo, diante dele para compartilhar do prazer do descanso depois do trabalho, e do diálogo com Ele e as demais criaturas. No sabbado santo, o dia existe para o prazer, o ócio e a contemplação da boa criação de Deus. Que foi que fizemos a ponto de corromper tanto a sexualidade como o dia do descanso, enchendo-os de leis, de pecaminosidade e de perversões? A nudez seria como a nossa presença transparente diante de Deus. Ele nos conhece e nos ama assim como somos. E nos quer - outra vez libertos - nus e transparentes em sua presença. Sem subterfúgios, ilusões ou mentiras. Abertos uns para com os outros e livres diante de Deus. Eis aí um tema para tratar noutro momento.

Nos livros da Sabedoria de Israel (Salmos, Provérbios, Eclesiastes) o tema da liberdade retorna como fruto da experiência decantada por séculos de caminhada, de injustiças, fracassos e novas libertações.

Nos Profetas, especialmente em Isaías, encontramos uma nova e boa notícia: Deus não vai olhar para os pecados do povo mas vai suscitar-lhe um novo Moisés, um Libertador, que será o Rei da Paz. Is 9 fala desse novo e diferente Rei que virá. Is 61.1ss adianta de que liberdade se trata e mostra que esta libertação vem de baixo e começa a partir dos pequenos e mais humildes do povo.

Jesus de Nazaré nasce numa estrebaria filho de um jovem e pobre casal. Seu evangelho anuncia o perdão de Deus e convida as pessoas a mudarem de vida. Ele fala de



Deus como de um Pai que ama e salva. Ele mostra que este Deus age como um pastor que cuida de seu rebanho e busca a ovelha perdida no campo. No evangelho encontramos uma dinâmica nova marcada por dois momentos cruciais: Cruz e Ressurreição. No evangelho de Lucas, no início de seu ministério público, Jesus lê o profeta Isaías na sinagoga onde está escrito que o Espírito do Senhor está sobre ele para evangelizar os pobres, libertar os cativos,

dar vista aos cegos, libertar os oprimidos e anunciar o ano aceitável do Senhor (Lc 4.18s). A trajetória de Jesus é um contraste com tudo o que se imaginava como tarefa do Messias.

Este evangelho 30 anos depois da morte e ressurreição de Jesus será reinterpretado por Paulo em termos do evangelho da liberdade como aparece em 1 e 2 Coríntios, em Gálatas de modo particular, e na Carta aos Romanos. É de Paulo a citação: "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Não nos submetamos, de novo, à canga da escravidão" (Gl 5.1; cf. também 1 Co 10.23; Gl 5.13-15; 2 Co 3.17; Rm 13.8-10).

Bem depois, o evangelho de João vai dizer que Jesus é a verdade e que esta verdade liberta (Jo 8.31s). O Apocalipse expõe numa linguagem própria o confronto desta liberdade com o poder demoníaco do Império Romano. E anuncia que quem resistir com o Cordeiro será vencedor. Fala então de como Deus será tudo em todos e enxugará toda lágrima na nova cidade que virá.

Em resumo: ao longo de uma história de mais de 2000 anos, a Bíblia narra os feitos de Deus e seu povo e como Deus vai constituindo, em meio a escravidões, pecado e miséria humana, um povo livre e libertador (como gosta de

dizer o teólogo católico Leonardo Boff), cuja missão no mundo é proclamar esta liberdade, construí-la junto com outros/as e, se preciso, morrer por ela João registrou um dito de Jesus muito significativo: "Se o grão não morrer, fica só (estéril), mas se morrer, produz muito fruto", Jo 12.24.

A liberdade na história da Igreja Cristã

Vou apontar três momentos importantes, nos quais a história da liberdade foi testada na história da Igreja. As primeiras comunidades cristãs, em grande parte, eram formadas por gente pobre: artesãos, pequenos comerciantes, diaristas, funcionários e soldados, mulheres, viúvas, prostitutas, doentes. Eram aqueles que os fariseus chamavam de pecadores. Quando a fé cristã rompeu o círculo judaico da Palestina e começou a se expandir para a Ásia Menor e depois para o sul da Europa, as pequenas comunidades nascentes não mudaram de perfil. Em ambiente novo de cultura grega, continuaram sendo comunidades de gente humilde com o acréscimo de alguns intelectuais e pessoas de posses. Estudos recentes das teólogas feministas e de colegas nossas mostram a importância do papel das mulheres nesses inícios. Houve comunidades que foram presididas por mulheres desde o início. Algumas chegaram até mesmo a receber o nome prestigioso de apóstolas e também de presbíteras! Sobre esta situação é interessante ouvir um pensador grego de Atenas, por volta de 200 d.C., que perguntava: "que religião é essa, cujos principais divulgadores são mulheres, crianças e artesãos?" Sempre é bom recuperar a memória do tempo das origens. Ela nos ajuda a arejar o tempo presente na medida em que nos aproxima do espírito da liberdade primeira. Pois bem, esta trajetória foi se estabilizando e no século IV a Igreja cristã é oficializada pelo imperador romano Constantino, que via na nova religião (que já tinha mais de três séculos) um meio de renovação e controle no já decadente Império. É o que alguns chamam de a constantinização da Igreja, isto é, a Igreja se torna aliada privilegiada do Império, ganha muitas vantagens, mas em

contrapartida vai perdendo aquela liberdade que a constituiu. O evangelho vai sendo domesticado e institucionalizado mais e mais.

Um segundo momento que gostaria de destacar - num salto histórico - nos leva para o século XII e vai nos confrontar com um movimento de pobres que começaram a buscar o evangelho das origens. Desse movimento dos mendicantes o maior e mais sublime personagem é São Francisco de Assis, hoje considerado o patrono da Ecologia, por seu amor à criação! Francisco era filho de gente rica, mas deixou tudo para pôr em prática literalmente o evangelho e mais especificamente o que está dito no Sermão do Monte (Mateus 5 a 7). A singeleza e ao mesmo tempo radicalidade de Francisco até hoje constrange aos cristãos. E são um testemunho do que a liberdade do evangelho é capaz. Mesmo que mais tarde sua ordem tenha sido cooptada pela grande Instituição da Igreja, o seu exemplo continua vivo e desafia a todos nós.

O terceiro momento diz respeito mais de perto a nós. Trata-se da Reforma do século XVI. Lutero deu início a um movimento que marcou toda a história do Ocidente a partir de então. Ele redescobriu a fé que liberta das leis da igreja e da tradição, da lei que mata.

Anunciou que a graça somente nos leva a Deus por meio de Cristo e por meio dele nos aproxima do modo mais radical possível dos nossos semelhantes na prática do amor concreto.

Este redescobrimento do evangelho como fé libertadora vai influenciar o desenvolvimento de toda uma nova classe social, que



irá se beneficiar das transformações sociais e dos novos regimes políticos que então passam a existir: a burguesia. É claro que também a Reforma logo se institucionalizou. Haveria que falar também das sucessivas revoluções, sobretudo da Revolução Francesa no final do século XVIII, das Revoluções Socialistas desde o século XIX até o século XX, dos movimentos de libertação e autonomia nos diversos continentes (África, Ásia, América Latina), mas não há espaço para isto aqui. Importante é perceber como, ao longo da história, houve esta dialética entre escravidão e liberdade. Como a liberdade nunca se completa nem mesmo deixa de existir. Lutero escreveu um panfleto chamado *Da Liberdade Cristã*

(1520) que todo jovem luterano devia ler. Neste livrinho, de forma simples e direta, Lutero expõe a sua concepção de liberdade. Duas teses abrem o livro:

"Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém;

Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos."

Na correta relação entre estes dois aspectos da única vida de fé cristã está contida a honra e a riqueza deste caminho. A fé liberta para uma vida de amor, disponibilidade e serviço solidários. Isto continua ainda hoje muito atual. Desdobrar esta compreensão numa teologia contemporânea da liberdade é o desafio que nos está posto a partir da situação brasileira. Vou colocar apenas duas citações deste texto que



mostram a que leva o caminho da fé cristã. Lutero escreve (p. 46): "O cristão é livre, sim, mas deverá tornar-se de bom grado servo, a fim de ajudar a seu próximo, tratando-o e obrando com ele, como Deus tem feito com ele mesmo, por meio de Cristo. E o cristão fará tudo sem esperar recompensa, mas unicamente para agradar a Deus... Serei para com meu próximo um cristão, à maneira como Cristo foi comigo, não empreendendo mais que aquilo que meu próximo necessite, lhe seja proveitoso, salvador; que já possuo todas as coisas em Cristo, pela minha fé." Vejam que desafio a liberdade da fé nos coloca: ser como um Cristo para o outro. Que tal tentar uma vez?

A nossa história de liberdade

A gente pode então perguntar: como entrar/fazer parte dessa história, dessa aventura rumo à liberdade? Arrisco dar duas orientações.

Primeiro, há que pôr-se a caminho, escutar a voz do Vento que nos chama à liberdade, aceitar o convite daquele que diz: Vem e segue-me! Tomar iniciativa, agir, optar são facetas de como o convite passa a valer para mim. Vejam o que diz em Rm 12.1ss. Pôr-se a caminho é experimentar o gosto pela liberdade.

O segundo passo é comprometer-se com o outro/a. Trata-se de entrar naquilo que o prof. Antonio Carlos definia como solidariedade. Organizar-se em lutas da cidadania a partir da solidariedade seria exercitar tal compromisso. Há outras formas.

Concretamente, vislumbro o seguinte:

Atuar em grupos de jovens;

Participar da comunidade em atividades afins;

Participar dos grêmios e centros estudantis;

Participar dos Comitês de Cidadania;

Formar grupos de visita à prisão, a hospitais, a bairros e vilas;

Trabalhar com menores abandonados, de rua, na rua;

Participar de grupos de apoio (indígenas, sem terra);

Participar de serviços de alfabetização de adultos;
Participar de grupos ecológicos;
Participar e apoiar o cooperativismo de base;
Participar de grupos ecumênicos;
Apoiar e participar do Movimento dos Sem Terra, Sem Teto, etc.

O objetivo destas iniciativas é bem claro: trata-se de viver a opção da liberdade num caso concreto, numa opção concreta.

Por último, acrescento que em tudo é preciso aprofundar a fé. Como?

Mediante o estudo da Bíblia na ótica da liberdade;
Celebrando a fé e a vida com outros jovens e na comunidade;

Criando um movimento de jovens evangélico-luteranos forte, participativo e inconformado com o status quo. Precisamos sempre responder se queremos ser patos domésticos ou patos selvagens;

Participando do movimento ecumênico.

Apontamentos

A liberdade pode ser vista como um fio vermelho por dentro da história bíblica. A liberdade não nos é estranha. Ela está no cerne da mensagem cristã e é querida por Deus.

As traições à liberdade sempre acontecem na história do povo de Deus desde os tempos do velho Israel até a já milenar história da Igreja cristã chegando até nós. Isto implica em penitência, arrependimento e um recomeçar contínuos (ecclesia semper reformanda est, dizia a Reforma, ou seja, a igreja está sempre em reforma, em mudança).

A liberdade é nossa vocação maior: da lei para estarmos livres e aceitos perante Deus; do egoísmo para podermos amar e nos solidarizar com os outros nossos semelhantes (amigos e inimigos, como advertiu Jesus).

Entrar no caminho da liberdade é, portanto, entrar no caminho de Deus. Permanecer nele é o grande desafio da vida cristã, o grande e insuperável risco que a Bíblia chama

"Entrar no caminho da liberdade é, portanto, entrar no caminho de Deus. Permanecer nele é o grande desafio da vida cristã, o grande e insuperável risco que a Bíblia chama com a palavra fé. Esta opção é radical."

com a palavra fé. Esta opção é radical. E o evangelho não admite, neste ponto, meio termo (Cf. Mt 16.24-27). O que nos mantém de pé nesta aventura? Somente uma promessa de Jesus: "Quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida" (Jo 8.12).

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. *O patinho que não aprendeu a voar*. 8ª ed. São Paulo: Paulus, 1987 (Col. Estórias para pequenos e grandes).
- ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. *Paulo e a luta pela liberdade*. S/1, 1988.
- COMBLIN, José. *A liberdade cristã*. Petrópolis : Vozes, 1977 (Meditações evangélicas/VI).
- _____. *Cristãos rumo ao século XXI. Nova caminhada de libertação*. São Paulo : Paulus, 1996.
- FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. 9ª ed. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro : Zahar, 1974.
- GRIMAL, Pierre. *Os erros da liberdade*. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas : Papirus, 1990.
- LUTERO, Martin. *Da liberdade cristã*. Trad. Leonidas Boutin e Heinz Soboll. São Leopoldo : Sinodal, 1968 (também in: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. Vol. 2: O programa da Reforma. Escritos de 1520, sob o título Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã, do original latino. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo, Porto Alegre : Sinodal, Concórdia, 1989, p. 435-460).
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 8ª ed. Poesia brasileira. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1989.
- MORGAN, Robin. *Anatomia da liberdade*. Trad. Maíra F. Lima. São Paulo : Siciliano, 1992.
- RAJCHMAN, John. *Foucault: a liberdade da filosofia*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1987.
- RANGEL, Flávio; FERNANDES, Millôr. *Liberdade Liberdade*. Porto Alegre : L&PM, 1997 (Col. L&PM Pocket).
- SCHELLING, F. W. *A essência da liberdade humana. Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e*

das questões conexas. Trad. Márcia C. de Sá Cavalcante. Petrópolis : Vozes, 1991 (Col. Pensamento humano).

STUART MILL, John. *Sobre a liberdade*. 2ª ed. Trad. Alberto da Rocha Barros. Petrópolis : Vozes, 1991 (Col. Clássicos do Pensamento Político/22).

Tema: Liberdade

Bibliografia específica

- ALVES, Rubem. *O patinho que não aprendeu a voar*. 8ª ed. São Paulo : Paulus, 1987 (Col. Estórias para pequenos e grandes).
- AMES, José Luiz. *Liberdade e libertação na ética de Dussel*. Campo Grande : CEFIL, 1992.
- ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. *Paulo e a luta pela liberdade*. S/l, 1988.
- CACO e CÉSAR. *Qual a sua opção? Identidade e liberdade na pastoral de juventude*. São Paulo : Loyola, 1992.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Socialismo ou barbárie. O conteúdo do socialismo*. Trad. Milton M. do Nascimento e Maria das Graças de S. Nascimento. São Paulo : Brasiliense, 1983 (Col. A invenção democrática).
- COMBLIN, José. *A liberdade cristã*. Petrópolis : Vozes, 1977 (Meditações evangélicas/VI).
- _____. *Cristãos rumo ao século XXI. Nova caminhada de libertação*. São Paulo : Paulus, 1996.
- DEWEY, John. *Liberdade e cultura*. Trad. Eustáquio Duarte. Rio de Janeiro ; Revista Branca, 1953.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofia da libertação. Crítica à ideologia da exclusão*. Trad. Georges I. Maissiat. São Paulo : Paulus, 1995.
- FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. 9ª ed. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro : Zahar, 1974.
- GRIMAL, Pierre. *Os erros da liberdade*. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas : Papirus, 1990.
- JAHANBEGLOO, Ramin. *Isaiah Berlin: Com toda a liberdade*. Trad. Fany Kon. São Paulo : Perspectiva, 1996 (Col. Debates/263).

- LEFORT, Claude. *Pensando o político. Ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Trad. Eliana M. Souza. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991.
- LUTERO, Martin. *Da liberdade cristã*. Trad. Leonidas Boutin e Heinz Soboll. São Leopoldo : Sinodal, 1968 (também in: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. Vol. 2: O programa da Reforma. Escritos de 1520, sob o título Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã, do original latino. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo, Porto Alegre : Sinodal, Concórdia, 1989, p. 435-460).
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 8ª ed. Poesia brasileira. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1989.
- MORGAN, Robin. *Anatomia da liberdade*. Trad. Maíra F. Lima. São Paulo : Siciliano, 1992.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência & liberdade. Uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre : L&PM, 1995.
- RAJCHMAN, John. *Foucault: a liberdade da filosofia*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1987.
- RANGEL, Flávio; FERNANDES, Millôr. *Liberdade Liberdade*. Porto Alegre : L&PM, 1997 (Col. L&PM Pocket).
- SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. 3ª ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Masas y minorias. En la dialectica divina de la liberación*. Buenos Aires : La Aurora, 1973 (Col. Cuadernos de Contestación. Polemica).
- _____. *Liberación de la teología*. Buenos Aires : Carlos Lohlé, 1975 (Cuadernos Latinoamericanos/17).
- SCHELLING, F. W. *A essência da liberdade humana. Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas*. Trad. Márcia C. de Sá Cavalcante. Petrópolis : Vozes, 1991 (Col. Pensamento humano).
- STUART MILL, John. *Sobre a liberdade*. 2ª ed. Trad. Alberto da Rocha Barros. Petrópolis : Vozes, 1991 (Col. Clássicos do Pensamento Político/22).

LIBERDADE & POLÍTICA

Analfabetismo político

.....
● Edna Ramlow Beling

Quando fui convidada a compartilhar da experiência que estou vivendo como vereadora, fiquei pensando o que os jovens leitores do PalavrAção gostariam de ler, pois falar de liberdade, de política ... é tocar em tema complexo. Estas palavras, tão constantes em nosso cotidiano, são, ao mesmo tempo, de difícil definição. Podemos entender a política como a arte de governar os povos e a liberdade como o direito do que é livre de executar qualquer ato de acordo com a vontade. Temos então que a política com liberdade é a arte de governar o povo de acordo com a consciência de quem o faz. Já a liberdade na política é o agir segundo sua própria determinação, em proveito da sociedade. Partindo desses conceitos, falemos da realidade política da qual fazemos parte.

Fui empossada para iniciar o mandato de vereadora em 1º de janeiro de 1997. Neste mesmo ano, a IECLB lançava o tema do biênio 97/98 *Aqui você tem lugar*. Fiquei me perguntando: qual será o meu lugar na Câmara Municipal? Que posição devo tomar? Qual é a minha função? As respostas são fáceis quando lemos a Lei Orgânica do Município no que se refere ao papel de vereador: é o cidadão eleito para cuidar da liberdade, da segurança, da paz e do bem estar dos munícipes.

Liberdade para legislar de maneira correta, com ética, não existe. Colocar em prática aquilo que pensa é muito difícil, pois existem outras pessoas que sempre votam contra o seu projeto de vida.

Vila Pavão é um município com 8.640 habitantes e des-

.....
Diácona (atualmente licenciada) exerce a atividade de vereadora no Município de Vila Pavão, Estado do Espírito Santo. Exerce a atividade de Presidente do Conselho da Criança e do Adolescente, trabalha com música na comunidade luterana de Vila Pavão.

tes mais ou menos cinco mil são eleitores. A Câmara Municipal é composta por nove vereadores. O País atravessa sérias dificuldades e por isso é necessário que eu me mantenha informada dos acontecimentos. Infelizmente, porém, temos muitos políticos analfabetos, que apenas legislam em troca de favores, sem olhar para o bem-estar de todos, senão somente para o seu, e que não estão interessados nas dificuldades alheias.

Vivemos num país democrático, de igualdade de direitos, garantida constitucionalmente a todos os cidadãos. Porém, diante da realidade política, acredito que deveria existir uma lei que exigisse um mínimo de instrução do candidato a qualquer cargo eletivo. Somente desta forma poderíamos tentar alterar a situação política do País. Não quero com isto dizer que aqueles que não sabem ler ou escrever são incapazes de exercer tais funções. O analfabetismo não se resume a isso. Analfabeto político é aquele que se deixa manipular, vende suas idéias em troca de favores, enfim, não busca através do seu trabalho melhorias coletivas, somente próprias.

O primeiro passo para mudar esta situação seria partir do Congresso Nacional uma lei que exigisse tal requisito, o que não fere, a meu ver, a democracia. Ao contrário, ajuda a exercê-la de modo consciente. Desta forma, seria possível exercer o mandato político com liberdade e representar com dignidade aqueles que nos elegeram.

Nas escolas deveria haver uma ou duas aulas por semana falando de política, ética, pluripartidarismo, cultura, etc. O jovem participaria com mais segurança, escolheria seus representantes com mais cautela e, é claro, o País entraria num caminho certo de democracia, dignidade - "verde-amarelo".

Participação do jovem

Os jovens (os famosos caras pintadas) deram um passo importante em 1992 para a consolidação da liberdade política, quando conseguiram abrir caminho para o pro-

cesso de impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello. Como isto aconteceu? Através da conscientização, da participação, da vontade de envolver-se em movimentos populares. Para exercermos a verdadeira política, é necessário nos envolvermos em movimentos sociais, conhecer os problemas que atingem a nossa sociedade. A maioria dos membros da IECLB (Espírito Santo) ainda tem resistência a participar de movimentos sociais e com isso nós perdemos muito.

O jovem gosta de desafios, procura se informar, freqüentar cursos e isso é um passo importante. Na realidade em que vivemos é necessário envolver-se; integrar-se para que assim, sinais de vida possam aparecer. Como posso criticar se não participo de nada?

A política exige a nossa participação e para isso devemos nos organizar. Não podemos nem devemos exigir mudanças de forma individual, nem esperar que tais mudanças sejam tarefa que os outros devam fazer por mim.

Que jovem sabe o papel da Câmara de Vereadores? Quem participa ou já participou das sessões na Câmara Municipal?

Acredito que, se a juventude participar ou criar grupos de seu interesse, terá uma visão mais crítica e construtiva da sua vida, será muito mais respeitada e saberá escolher com mais critérios seus representantes na política, na Igreja, no sindicato, e terá mecanismos para cobrar soluções comprometidas com a vida. Este é um exercício político de liberdade, que não podemos desprezar sob pena de perdermos a própria liberdade de exercer a cidadania através das ações políticas.

Por tudo isso a participação do jovem é muito importante. Só participando ele fará

VÓTI NIM
NÓIS QUI
NÓIS É
BÃO, VIU?



parte, crescerá e ocupará seu espaço na transformação desta realidade.

O caminho só se faz ao caminhar. Não há caminho pronto.



LIBERDADE E SEXUALIDADE: RESGATE DA HUMANIZAÇÃO

.....
Priscila Schneider

Este texto trata da sexualidade, enquanto característica humana, que não se limita à genitalidade, diferenciando-nos dos animais. Refere-se à vivência do afeto e das relações, dentro do processo sócio-histórico, levando em conta, questões que dizem respeito ao poder e ao desenvolvimento humano, à liberdade e aos limites. Por fim, aponta questões quanto ao resgate da vivência da sexualidade com equilíbrio, tendo em vista a humanização.

O momento histórico presente

A atual conjuntura vivida por nós está marcada por crises, sejam estas, política, econômica, de identidade e de vivência da sexualidade. As propagandas de consumo, ilustram este aspecto associando seus produtos à liberdade, à segurança e ao prazer, enquanto respostas às várias crises. É incrível como os produtos podem ser tão diversificados e polivalentes: são úteis para qualquer situação, encaixando-se em qualquer cultura, credo, estética...

Parece haver um consenso de que o lema da atualidade é a liberdade. Liberdade de opinião, de crença, de postura política, de expressão, de vivência da sexualidade... Esta é a "liberdade" atual, ditada pelas leis do consumo.

Em nosso processo histórico, isto segue-se a uma época em que para tudo haviam normas e papéis definidos rigidamente. O que hoje é considerado liberdade, quando se compara, por exemplo, o comportamento sexual atual com a repressão do passado, ainda obedece ao poder dominante. Ou seja, em ambas as situações não está preser-

.....
*Gestalt Terapeuta.
Especialista em
Gerontologia.
Psicoterapeuta de jovens,
adultos e idosos em
Florianópolis. Membro
do Núcleo
Interdisciplinar de
Ensino, Pesquisa e
Assistência Geronto-
geriátrica/NIPEG do
Hospital Universitário -
UFSC. Membro do
Grupo de Estudos sobre
Cuidados de Saúde de
Pessoas Idosas - GESPI,
do Programa de Pós-
graduação em Enferma-
gem/UFSC. Co-coorde-
nadora do Grupo de
Ajuda Mútua para
Familiares de Idosos
com doença de
Alzheimer. Membro do
Corpo de Psicólogos e
Psiquiatras Cristãos -
CPPC.*

vado o ato de escolher. A sexualidade está exposta à violência e à invasão dos limites humanos.

Limites humanos e relacionamentos

Falo dos limites que se estabelecem no contato entre as pessoas. Fisicamente, a pele é um limite concreto. Porém, não é apenas físico. Ao ser tocada a pele, há sensações, sentimentos, pensamentos, comportamentos e atitudes socialmente aceitas ou não. Os limites são compostos por todos esses aspectos, físicos, psicológicos e sócio-culturais. Eles se constroem ao longo da vida de cada pessoa nas suas diversas relações, sendo caracterizados pelos valores, pelo modo de ser do indivíduo no mundo, que é a sua personalidade, e pelos padrões sociais e culturais assimilados ou introjetados, entre outros.

O desenvolvimento psicológico, onde esses limites são construídos, se dá com as experiências afetivas, cognitivas e sociais de cada indivíduo desde o início de sua existência. Ninguém é programado para ser de um ou de outro jeito. Mas, se torna o que é, experimentando-se, resgatando suas necessidades e atendendo-as de acordo com limites, a princípio, colocados pelos pais em nossa sociedade.

Em se tratando de relações tão fundamentais como as familiares, está em jogo a satisfação de necessidades primárias como o amor, a nutrição, a segurança, etc. Portanto, o mau uso deste poder dos pais, especialmente na infância e na adolescência, gera dificuldades para a autonomia dos filhos, que imaturos, não sabem lidar com sua liberdade. Este mau uso do poder pode ser retratado pela não explicitação dos limites ou referenciais sócio-culturais nas relações, pela colocação de limites rígidos e pela inflexibilidade ao expor limites, entre outros.

Como trata-se de relações, nada pode ser visto de maneira unilateral, elas estão sempre dentro de um contexto histórico-cultural, que tem como instituições sociais a igreja, a escola e a família, entre outros. Nesse processo, tais instituições foram limitadas por um desequilíbrio quanto

ao poder, não podendo ser potentes, assumindo a impotência ou a falsa onipotência. Esse desequilíbrio diz respeito a omissão quanto ao uso do poder, onde ele é necessário, e ao abuso do poder, que é o seu uso de maneira inapropriada.

Vivência da sexualidade hoje

Junto à sexualidade há ansiedades que quando não são bem administradas geram sofrimento. Os jovens, desorientados e imaturos, correm riscos desde a contração de doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e gravidez indesejada, até a violência sexual, psicológica e física. Especialmente a adolescência é período de auto-afirmação do jovem, e isto pode retratar, em parte, sua crise a respeito de sua potência (poder). Entretanto, tudo isto não diz respeito apenas aos jovens, mas também aos adultos, que, junto a eles, também estão desorientados e são, do mesmo modo, imaturos, sendo, ainda assim, incumbidos da tarefa de orientar os jovens sexualmente.

É assim que, em um extremo, há uma busca de prazer deliberada, que chega a descaracterizar o parceiro sexual enquanto pessoa. E, em outro pólo, há a negação da sexualidade, da necessidade de afeto e de prazer. É a desumanização das relações interpessoais.

Sexualidade e humanização

Biblicamente a queda do homem se deu pela cobiça do que competia somente a Deus, ferindo o propósito divino da criação do homem e da mulher, como humanos, onde estava incluída uma proposta relacional. Aliás, é característica de Deus ser Pai, Filho e Espírito Santo, o que o torna Ser em relação.

Para a humanidade, conhecer as possibilidades relacionais, ou seja sua potência, seus limites, e, em síntese,

**NÃO CONFUNDA
GENTE COM
MÁQUINAS, OK?**



**VIR SEM
MANUAL DE
INSTRUÇÕES
É RUIM, NÉ?**



sua liberdade, existem pelo menos duas condições. Uma diz respeito ao conhecimento de si, e outra ao reconhecimento e respeito pelos limites do outro. Para tanto, quando falo de conhecimento de si, sexualmente, refiro-me ao conhecimento não apenas teórico, como muito é veiculado, mas a um olhar para si, para seus sentimentos, para seu corpo com todas as funções de contato que lhe pertencem.

A outra condição é relativa a empatia. Esta é a capacidade de ver o outro como um semelhante a mim e desta forma, conhecendo os meus limites, relacionar-me com o outro, sabendo que ele também tem seus próprios limites. Tal empatia só é possível a partir de relações onde há o compartilhamento do que é humano, o que, por exemplo, esteve presente nas relações de Jesus com o povo.

Em se tratando da juventude e da adolescência, este aspecto do que é compartilhado pelos jovens na sua família quanto a sexualidade é fundamental. Porém, historicamente, há predominância da repressão quanto a esse aspecto, como forma de controle, o que é aprendido gerando outras ansiedades e dificuldades no exercício da sexualidade. Torna-se esta pouco falada, entendida como perversidade, tendo que ser omitida no discurso familiar. Cabe, portanto, questionar como me relaciono com o outro. E para gerar equilíbrio, isso implica abertura para ser irmão - ser humano.

.....
Endereço: Rua dos
Manacás, 3. Carvoeira.
CEP 88040-520
Florianópolis - SC.
Fone: (048) 2330481
ou 2332673.
prischneider@zipmail.com.br

Publicações da autora:

SCHNEIDER, P. *O que é a vida sem a morte?* Boletim de Psicoteologia, ano VIII, n.17, p.8-9, jun. 1995.
GONÇALVES, L. H. T.; SCHNEIDER, P. *Percepções e Sentimentos dos membros da equipe de enfermagem junto ao paciente de clínica médica antes e depois de sua morte.* Acta Paul. de Enf. (artigo encaminhado para publicação no final de 1998).

LIBERDADE RELIGIOSA

Liberdade induzida

.....
● Oneide Bobsin

Se precisamos falar tanto em liberdade é porque ela está muito ausente em nossas vidas e na sociedade. Duvida desta idéia? Vou tentar provar que ela é verdadeira e que você não é tão livre quanto imagina. Vamos aos exemplos.

Era sábado à tarde. Ao voltar das visitas, passei perto da cancha onde as/os jovens treinavam vôlei. De longe alguns deles notaram que eu estava usando um tênis novo. "Olha lá o pastor, de tênis novo!", gritou um jovem. E os outros olharam com sinal de aprovação, como se houvesse uma identificação por causa do calçado.

Depois do esporte, o grupo se reuniu no salão, como de costume. Uma jovem dirigia a reflexão bíblica quando me aproximei para participar do grupo, que estava sentado em círculo. Sentei e espichei os pés para frente. Concluída a reflexão, o grupo fez um momento de descontração. Foi então que alguém expressou a decepção de alguns participantes: "Pensamos que o seu tênis fosse de marca"! Evidente que o meu tênis não era nenhum Adidas, Olimpikus, Misuno, Nike, etc., pelos quais jovens já perderam as suas vidas em assaltos. A gozação se tornou maior quando falei do preço. Por ser fabricado por uma indústria brasileira, do Vale dos Sinos, pagara um terço do valor de um tênis de marca reconhecida, que permite a identificação entre jovens. Em tom de brincadeira respondi que comprei um par de tênis e não uma marca. E muito menos um símbolo.

Diante deste fato, pergunto: somos livres para escolher ou escolhemos aquilo que nos identifica com o suces-

.....
*Pastor e professor na
Escola Superior de
Teologia, em São
Leopoldo/RS.*



so? Decidimos com a nossa cabeça ou deixamo-nos levar pela pressão da maioria que nos cerca? Compramos um tênis ou uma marca?

O outro exemplo encontra-se num livro sobre namoro, de Lodi e Evaldo Pauly, da Editora Sinodal, com o título *O Namoro*. No livro, há uma comparação entre o tempo de juventude dos autores e hoje. Dizem que, há vinte ou trinta anos, a moça que não chegasse virgem no casamento era malvista e desconsiderada. Hoje, ao contrário, a menina ou menino que não transam cedo, são vistos como babacas, atrasados.

Desta forma, tanto num caso quanto no outro percebemos que os/as jovens não foram ou não são livres para pensar com suas próprias cabeças, podendo repetir na prática o que diz um velho ditado: "quem come pela mão das/dos outros/as pode se dar mal". Foi justamente o que aconteceu ao Fabiano e à Patrícia, 17 e 15 anos, respectivamente. Ela tornou-se mãe, comprometendo seus estudos e seus sonhos, pelo menos no momento. Fabiano, cujo pai já é morto, vive com a mãe e a avó. Não trabalha, não estuda. Vivem com dificuldades financeiras. Mesmo assim, sua avó deu-lhe de presente um par de tênis de R\$ 150,00, o que Patrícia ganha por mês para sustentar a sua filha.

Evidente que há muitos e muitas jovens que são autônomos. Não fazem isto ou aquilo porque é moda no momento ou por pressão do grupo ou do marketing. Lamentavelmente, estes são uma minoria.

Somos livres para decidir ou vamos na onda de todo mundo? Lembrem de que só o peixe morto é levado pela correnteza. Os vivos, sempre nadam contra.

Mercadoria e sedução

Diante da vitrine de um shopping, de uma loja ou em frente a uma prateleira de supermercado, somos seduzidos a comprar. Quanto maior a oferta, maior a sedução. Alguns estudiosos afirmam que a mesma sedução está

acontecendo no mundo das religiões e das igrejas. A cada dia surge um novo grupo religioso, uma nova igreja ou um movimento religioso que exerce atração sobre nós, ofertando-nos novas possibilidades de experiências religiosas, que prometem paz num mundo de tanto sofrimento e desesperança. Assim, dizem os estudiosos, surge um mercado religioso. Uma forma de feira onde cada grupo ou igreja apresenta a sua proposta como se fosse um produto. Logo, cada pessoa parece livre para fazer a opção por uma ou várias, deixando de lado ou esquecendo de sua formação religiosa.

Por trás deste mercado religioso está a idéia da liberdade individual. As pessoas são levadas a acreditar que são livres para optar entre esta ou aquela proposta religiosa. E o critério de escolha passa a ser a necessidade individual do momento ou aquilo que fecha com os meus sentimentos.

Se estou doente, procuro a religião pentecostal, dos crentes. Para resolver meus problemas financeiros, tenho à disposição um templo da Igreja Universal. As soluções para os problemas de relacionamento no namoro podem ser resolvidos num centro de umbanda. Agora, se eu estiver com saudade de uma pessoa falecida e sonho muito com ela, busco orientação num centro espírita. Estando confuso, faço uma meditação oriental, a fim de me encontrar comigo mesmo. Desta forma, a pessoa vai buscando no "mercado religioso" respostas para cada dificuldade. Além disso, a busca individual ignora as diferenças entre as religiões e igrejas. Em outras palavras, caem as fronteiras entre as religiões, pois a verdade é o que eu sinto e não o que a Igreja ou outra instituição fala.

De fato, existe a liberdade religiosa, inclusive assegurada pela Constituição brasileira. Mas não é de garantias jurídicas que estamos falando no momento. O que nos interessa é que ninguém precisa se submeter ou morrer na religião dos pais e avós. Pode mudar a partir de escolhas, nem sempre tão livres. Também é possibilitado buscar um pouco de cada religião e fazer uma "salada de fru-

"Somos livres para decidir ou vamos na onda de todo mundo? Lembrem de que só o peixe morto é levado pela correnteza. Os vivos, sempre nadam contra."

ta", o que é denominado de sincretismo.

No entanto, a liberdade de fazer a sua própria religião a partir do ponto de vista individual deve nos preocupar. Veja o que um líder religioso nos Estados Unidos disse: "Se você está insatisfeito com as religiões que te cercam, crie a sua". Em outras palavras, por trás desta liberdade religiosa pode se esconder um forte individualismo, que acena para a idéia de que Deus mora no coração e está disponível para satisfazer os meus interesses.

Na prática, a possibilidade de criar sua própria religião, endeusando o Eu, pode levar as pessoas a não se comprometerem com as causas comunitárias ou coletivas, especialmente com o próximo fraco que necessita de nosso apoio. Como no mercado, cada um se vira buscando o seu espaço em guerra com outros. Assim, vemos que o individualismo religioso pode ser o outro lado de uma sociedade que trocou a comunhão e a justiça pela competição e o salve-se quem puder. Chega-se ao extremo de afirmar que a morte de uma criança por causa da fome acontece porque ela está cumprindo o seu destino, o seu Karma.

Só Deus é livre

Evidente que é mais do que necessário garantir a liberdade religiosa. Faz parte da democracia. Sem ela alguns grupos religiosos ou até mesmo uma igreja poderiam fazer guerras em nosso meio, a fim de imporem suas crenças. Também deve ser dito que o pluralismo religioso não nos garante por si só liberdade e condições de uma vida justificada e justa. Miséria e religião crescem juntas em nosso Brasil. As religiões tanto matam quanto curam

Por esta razão precisamos ir além da liberdade religiosa: para viver vida digna precisamos da liberdade cristã. Vejam o que disse Lutero em seu livro Da Liberdade Cristã:

– Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém.

– Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos.

Em outras palavras, a pessoa, cuja vida fundamenta-se em Cristo, é livre; pela fé não se sujeita a ninguém. Não dobramos nosso joelhos diante de poderes religiosos, políticos e econômicos. Somos, pois, muito perigosos. No entanto, pelo amor somos sujeitos a todos. Assim, a fé em Cristo nos liberta para servir. A fé nos liberta de nós mesmos, de nossos preconceitos, de nossos ódios, de nossos fantasmas, de nosso temores, de nossas manias e da sedução do consumo, transformando-nos em semeadores de justiça e de verdade. Por isto, esta liberdade não é uma conquista pessoal, mas um presente que nos empurra a apostar nossa vida em favor de um mundo solidário com os que sofrem.

Segue uma história de prática da liberdade. Numa comunidade católica havia muitas pessoas desempregadas, pois era época de recessão. O grupo de jovens tomou uma decisão inédita. Cada cinco jovens e suas famílias adotariam, por um determinado tempo, uma família desempregada. Através de uma campanha de alimentos conseguiram muitas cestas, que foram doadas às famílias que sofriam com o desemprego. Assim, fizeram um pequeno exercício da liberdade, inspirados no Deus que libertou o seu povo do Egito, conforme Êxodo 3.7-12 e Gálatas 5.1, 13-15.



UMA VIAGEM PELO UNIVERSO DAS COISAS DESCARTÁVEIS

.....
Clovis Horst Lindner

.....
Pastor da IECLB atuando na área de comunicação no Sínodo Vale do Itajaí e micro-empresário de comunicação em Blumenau (SC). Foi presidente do Conaje e pastor de jovens na área da ex-RE II. É autor do livro "Cidadania - Faça a sua parte" (Coletânea Sintonia Jovem, da Editora Sinodal), de onde o presente artigo é extraído.

Com o fim da guerra fria e do comunismo no poder, o mundo tornou-se perigosamente capitalista... e muito chato. O planeta transformou-se num imenso mercado persa. A globalização tornou tudo igual. Há lojas de 1,99 no Brasil, no Paraguai e no Congo Belga. Todas vendem as mesmas quinquilharias e inutilidades. A tal globalização é o assunto da moda, em conversas de bar e conferências de executivos. Através dela, todos os países estão integrados num mesmo sistema de mercado, cujo objetivo final único é fazer consumir os produtos. Tais produtos, por sua vez, são modificados de forma tão rápida, não por último, para que se tenha novidades para vender a cada novo dia, que nem conseguimos acompanhar o ritmo das mudanças.

O que, na opinião do homo-consumus, vale e merece investimento é o que está na moda. Não importa se o produto é útil, bom ou adequado. O que importa é a satisfação momentânea do desejo de possuí-lo. Depois, ele vai para o lixo e para o esquecimento.

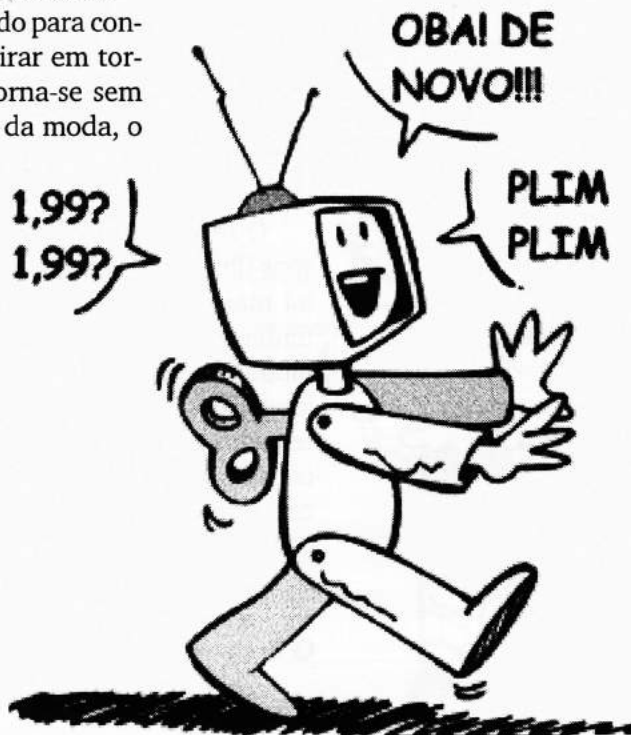
Como nos acostumamos a descartar tudo, também mudamos de opinião com a mesma versatilidade com que a indústria automobilística troca a cor do estofamento do carro ou muda o formato dos faróis, voltando a encantar os consumidores com a ilusão de que é um modelo novo. Descartamos nossas opiniões, nossos valores, nossos conceitos, nossos amigos, nossos colegas e nossa religião.

A escola do consumo

A televisão é a invenção que mais contribuiu para esta revolução dos costumes. A televisão muda a cabeça das pessoas, comprando sua liberdade de pensamento e de decisão. Ela transforma as pessoas em bonecos consumistas e egoístas.

Quando a criança formada pela escola da TV entra na adolescência, já tem uma cabeça muito bem feita. Ela está preparada para consumir. Quem dá o comando do que deve ser consumido é a propaganda, que está, espertamente, voltada para os jovens. Ser jovem é bonito e também é consumir as novidades. Quem quer ser jovem, mesmo que já tenha certa idade, precisa entrar no mundo do consumo. Afinal, segundo a propaganda, com dinheiro compram-se a felicidade e a eterna juventude. Basta acreditar piamente nos comerciais e consumir, sem questionar.

O adolescente e o jovem preparado para consumir, fará o sentido de sua vida girar em torno do consumo. Para ele, a vida torna-se sem sentido se não puder usar a camisa da moda, o tênis Puma Street, a gíria que todo mundo fala ou cavalgar uma Mountain Bike. Mais que isso: na onda do consumismo entra também o tipo de comida, a música descartável, os valores e os conceitos. Tudo o que o jovem pensa sobre amor, sexo, amizade, família, dinheiro, escola e religião lhe é incutido pela sociedade de consumo. Além de produtos, o jovem também consome opiniões. E, como ele consome conceitos e opiniões, ele não tem nem desenvolve opinião própria. Ele pensa o que os meios de comunicação lhe incutem.



É isso que vale. É isso que ele defende como sendo sua opinião. Mesmo que, na maioria dos casos, ele nem saiba explicar porque defende determinado ponto de vista.

Na verdade, por ser tão assediado pela propaganda, o jovem acaba tornando-se vítima dela, construindo todo o seu projeto de vida sobre ela. Seu mundo, é um universo de logomarcas e grifes. É um mundo com pretensões de liberdade, que, no entanto, escraviza cruelmente.

Um mundo descartável

O problema do consumismo não está em consumir produtos. Seu principal problema está no grau de volatilidade embutido nele. Tudo é passageiro. Tudo é "como uma onda no mar". Quem apenas consome, não dá valor às coisas. Usa e joga fora.

Tornando tudo descartável, não se sabe mais qual é o valor permanente das coisas. Tudo pode ser usado e jogado fora. Não só a lata de cerveja, a garrafa de coca-cola ou o lenço de papel, mas as pessoas também passam a ser descartáveis. Ao primeiro atropelo, troca-se os amigos, a namorada, os curso na universidade, as opiniões, o jeito de viver.

O resultado do consumismo é um mundo cheio de pessoas-ilha. Não há mais coletivo. Não há mais sociedade. Não há mais comunidade. Somente eu interesse. Desde que eu tenha minhas necessidades satisfeitas, "os outros que se explodam", como se diz. Na sociedade de consumo, na qual o jovem está inserido, não há lugar para a solidariedade, o respeito, o amor ao próximo e a igualdade. Na sociedade de consumo é cada um por si, usando todos os meios para alcançar os objetivos. Esta é a lei da selva de pedra. Esta lei faz com que os jovens de hoje sejam alienados, egoístas e indiferentes à religião, cultura e valores.

O limite do consumo

A ditadura do consumo é cruel. Além de escravizar com

falsas promessas de liberdade, destrói a vida pessoal e familiar. Mas, será que é possível controlar o desejo de consumir? Pode-se fugir de suas redes e vencer? Consegue-se viver bem sem ser o orgulhoso dono de um tênis Puma Street ou um assíduo freqüentador do shopping center (por que não dizer "centro comercial"? Inglês no meio do Português também é consumo!)?

Na verdade, é possível. Só que é necessário começar tudo de novo. Deixar de encher a casa com as inutilidades que consideramos úteis, de procedência duvidosa e de pouca durabilidade. Exige reaprender tudo na vida. Em muitos casos, é necessário mais do que boa vontade. Há que se buscar uma total reeducação, um redirecionamento de todos os hábitos de consumo, enraizados desde a mais tenra idade. Trata-se de uma reeducação para a liberdade de consumir. É a liberdade que pode dizer: "Eu consumo determinado produto se ele é útil para mim. Caso contrário, ninguém me obriga a consumi-lo".

No que diz respeito à moda, por exemplo, é preciso aprender a radical diferença que existe entre a estética e o modismo desenfreado, o que torna a pessoa asseada e apresentável sem parecer um ET, ou a moda que tem a ver com a sua personalidade. É possível estar sóbrio e bem vestido sem parecer uma árvore de natal ou um/a mauricinho/patricinha. Por exemplo, no momento em que você aprender algumas regras básicas sobre preservação ambiental e for se tornando um amigo da natureza, passará a rejeitar badulaques sintéticos e dar preferência a roupas de algodão e adereços feitos de fibras vegetais.

Isso mostra que a moda tem muito a ver com a cabeça das pessoas e mostra o que elas pensam. Mas, não use determinada moda para imitar. Use-a porque você se identifica com a idéia que ela transmite a seu respeito. Ao abrir seu guarda-roupas, seu amigo vai entender muito de você. Vai conhe-

AH, EU CONCORDO,
VIU? TAMBÉM
SOU SUPER-
CRÍTICA, SABIA?



cer o seu jeito; o seu estilo. A roupa que você usa, é a embalagem do seu estilo de vida e reflete seus pensamentos.

Livrar-se da ditadura do consumismo é coisa de cabeça. Na medida em que os horizontes vão se alargando e a cosmovisão se ampliando, você vai montando outro esquema de valores e vai dando menos valor à necessidade de acompanhar os modismos. Outras coisas vão criando novo significado. Com isso, também o senso crítico vai se ampliando e, com ele, a capacidade de se opor ao consumo vazio e ao mundo sem sentido que têm origem no consumismo.

Nossa vida deve produzir frutos que beneficiem outras pessoas. O verdadeiro sentido da vida não está em ter um

monte de coisas. Ele está em descobrir nosso papel dentro do todo. Qual é a minha função dentro do Reino de Deus? Que tarefa sou chamado a desempenhar? Como posso servir?

Servir: esta é a palavra mágica. O verdadeiro sentido da vida está no servir. Quem dá, recebe mais e mais. Quem guarda, tem o tanque cheio. Não pode mais receber. Quem não dá vida adiante, não é renovado na abundância de vida que Cristo presenteia.



DIREITOS HUMANOS & LIBERDADE

.....
Teobaldo Witter

Direitos Humanos, o que é isso? Esta foi a pergunta que Lurdes fez quando lhe convidaram para participar de um encontro sinodal da juventude evangélica. Estava previsto que o tema principal do encontro de jovens seria Direitos Humanos e Liberdade. Lurdes queria perceber que relação o tema tem com a liberdade do povo cristão. Mas, também, queria saber se teria algum sentido em ir ao encontro. Por isso, seu grupo local resolveu estudar o assunto.

Algumas pessoas do seu grupo prepararam o encontro. No sábado à noite, um mês antes do encontro sinodal, a juventude se reuniu. Fez uma reflexão a respeito da espiritualidade dos Direitos Humanos, ouviram o relato de uma prática sobre o assunto e discutiram alguns encaminhamentos.

Janaína esforçou-se na parte da fé. A sua argumentação impressionou o grupo. Ela disse: "Temos muitos textos e personagens bíblicas que testemunham da labuta em favor dos Direitos Humanos. Vejam o que encontramos no livro de Rute, no capítulo 1.16: Rute disse para a Noemi: Não me proíba de ir com a senhora, nem me peça para abandoná-la. Onde a senhora for, eu irei; onde a senhora morar, eu, também, morarei. O seu povo será o meu povo e o seu Deus será o meu Deus." O compromisso que Rute tem com Noemi é um compromisso de Direitos Humanos. É disso que fala todo o livro de Rute. Fala da espiritualidade da terra libertada, do pão partilhado, da família feliz, do povo amado e perdoado que tem segurança, descendência, apoio mútuo. Isso são Direitos Humanos.



.....
*Pastor Sinodal do
Sínodo Mato Grosso -
IECLB. Presidente do
Conselho de Defesa dos
Direitos da Pessoa
Humana do Estado do
Mato Grosso.*

Penso que nós podemos perceber que nossa fé e liberdade têm tudo a ver com o tema. Isso, também, nos ensina o nosso Catecismo Menor que Martin Lutero escreveu. Além de nos ensinar que não devemos matar, nos ensina, também, que devemos favorecer as pessoas para que elas possam viver com dignidade.

Há poucos dias estávamos conversando na escola sobre o assunto. Diariamente encontramos pessoas que levam vida moral boa. Não matam. Não praticam adultério. Não roubam. Às vezes vão ao culto. Socialmente são pessoas exemplares. Moralmente são pessoas indicadas como referência. São "pessoas de bem". Que bom que há pessoas assim. Mas, eu me pergunto: será que isso é o suficiente? Será que é suficiente ser bom? Ser bom ainda não significa ser solidário! Pessoas cristãs são mais do que pessoas de bem. Elas lutam para acabar com o mal. Certamente Jesus Cristo veio para destruir as obras das trevas e promover vida. Nisso Ele apostou toda a sua vida. Ele se tornou solidário com o sofrimento humano até na

morte. Tornou humana a ação de Deus. Rute, conforme texto acima, viveu os feitos libertadores de Deus e se solidarizou com a aflita Noemi. Ela é pessoa solidária, porque Deus é solidário.

Os mandamentos de Deus, com explicações de Lutero, nos ajudam a sermos comunidade participativa e solidária: Não devemos matar, mas ajudar e favorecer as pessoas em todas as suas necessidades corporais; não devemos cometer adultério, mas viver vida sexual responsável, amar e honrar esposa e marido; não devemos roubar, mas devemos apoiar as pessoas para que elas possam conservar o seu meio de vida e viver honestamente; não devemos desprezar a Palavra de Deus, mas estudá-la, ouvi-la e vivê-la com gosto, nos empenhando na convivência solidária e transformadora, junto com o povo que Deus chamou das trevas para sua



maravilhosa luz, como escreve a carta de Pedro. Esta é a comunidade que Deus cria e recria.

Pessoas cristãs não confiam na sua bondade própria. Elas confiam na bondosa justiça de Deus na vida, na solidariedade. Afinal, Jesus Cristo nasceu, viveu, morreu e ressuscitou em favor de todas as mulheres, todos os homens e todas as crianças em todos os tempos e lugares. Está vivo e luta para que nada falte a ninguém e para que todas as pessoas tenham grande confiança nele. Esta é a liberdade das pessoas cristãs. São livres para amar."

Depois da fala da Janaína, a turma pediu para que o Valdir contasse a sua experiência na área de Direitos Humanos. Ele representa a igreja na Comissão do Município.

Valdir falou de duas frentes de trabalho. "O Conselho está trabalhando o tema Direitos Humanos junto aos diretores e diretoras de escolas públicas. O objetivo é constituir um processo educativo em Direitos Humanos que possibilite o desenvolvimento e o aprendizado do respeito à dignidade humana em todas as relações sociais. O conteúdo é identificar o que são Direitos Humanos; educar para a cidadania e contra a violência nas escolas; fomentar a cidadania; e identificar os espaços institucionais que garantem o estado de direito e o exercício pleno da cidadania. A direção de muitas escolas já está se preparando para incluir o tema na educação."

O outro enfoque de Valdir foi a criação da Associação de Familiares de Vítimas da Violência. Valdir disse: "Esta é uma associação que surgiu a partir da reflexão na comunidade. As pessoas foram se reunindo, quando perceberam que muitas pessoas têm o mesmo problema. Dela participam mais de cem pessoas. Os principais objetivos são: Diminuir a violência que atenta contra os direitos da pessoa humana; promover ações de apoio às famílias de vítimas da violência; buscar soluções institucionais para a





eliminação da arbitrariedade, da injustiça e da impunidade; promover atividades de integração e de apoio solidário entre familiares de vítimas da violência; realizar seminários, cursos, debates bem como informar a sociedade sobre o andamento dos inquéritos e processos judiciais; promover e incentivar a militância cidadã a fim de que haja engajamento constante e vigilante contra a violência e a favor da vida."

Valdir ainda trouxe um desafio ao grupo: "Há poucos dias eu estava no centro da cidade. Um homem tinha uma camiseta onde estava escrito: Só padece de solidão quem não se envolve nas lutas de seu tempo. Eu já pensei

muito sobre esta frase. Ah, o pessoal dos familiares pediu para que nós participássemos de sua reunião na próxima sexta-feira, às 18 horas. Eu estou com vontade de ir lá. Quem vai junto?"

Entre cantos de louvor e oração, o grupo continua a reflexão. Agora é Rinaldo que lembra uma parte do texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos: "Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade, à educação, à saúde e à segurança pessoal. Ninguém será submetido à tortura, nem ao tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante. Todo ser humano tem direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei".

Pensando longe, ele afirma que milhões de pessoas apenas sobrevivem. Os Direitos Humanos ainda não são reais e concretos para elas. Por isso, a luta é para que os mesmos deixem de ser apenas tratados bem intencionados e sejam transformados no corpo efetivo de normas jurídicas e de convívio. O estado e a sociedade tem a pos-

sibilidade de reafirmar o pacto, assumindo o compromisso de efetivação dos Direitos Humanos.



Lurdes está disposta a seguir o caminho. Percebe que está sendo libertada por Deus para trabalhar em sua missão aqui no mundo.

LIBERDADE E RESPONSABILIDADE COM A CRIAÇÃO/ECOLOGIA

.....
● *Decimar Schultz*

.....
*Catequista, cursando
faculdade de pedago-
gia. Secretário executi-
vo do projeto BASES/
Sínodo Espírito Santo
a Belém. Há doze anos
atua em grupos popu-
lares (jovens, e famílias
de pequenos agriculto-
res no Estado do ES),
atividades de saúde
popular, agricultura
alternativa,
capacitação de lideran-
ças e organização
comunitária.*

O fato de ignorarmos a Criação, os princípios da ecologia, é uma das principais razões para estarmos destruindo o nosso meio ambiente natural que Deus nos deu de graça. Esta ignorância tem contribuído bastante para a atual crise mundial e continuará produzindo crises ambientais, a desestruturação da natureza, secas, furacões, enchentes, erosões, fome... até que nos tornemos ecologicamente instruídos.

Liberdade e responsabilidade só estão presentes quando estas são exercidas conscientemente pelo indivíduo e daí concretizam-se sinais de vida. Liberdade que é teorizada, facilmente vira libertinagem dando espaço a irresponsabilidade. Martim Lutero descreveu muito bem a liberdade: "o cristão é um senhor livre de tudo, a ninguém sujeito. O cristão é um servo dedicado a tudo, a todos sujeito."

Liberdade exige compromisso

O relato da Criação (Gn 1.2), detalha a ação de Deus de forma harmoniosa. "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom..." (Gn 1.31). Deus criou o ser humano e deu a ele a responsabilidade de cuidar da sua criação (Gn 1.26). Tudo era perfeito. Logo veio a ganância, a disputa pelo poder e o homem começou a destruir a grande obra.

Talvez, um dos problemas que ajuda na devastação é o próprio conceito que foi criado e que sempre aprendemos e reproduzimos. Dizer que o meio ambiente é "tudo o que quer que nos rodeie" é muito vago. A melhor defini-

ção, a mais completa, seria dizer que ele é formado por sistemas que se organizam e se regulam sozinhos. Nestes sistemas os animais, as plantas, os microorganismos o ser humano e as substâncias inorgânicas estão ligados uns aos outros formando uma grande rede. Nessa teia, a regra geral é a interdependência e ocorrem trocas de energia e matéria a todo momento. Estes ecossistemas, junto com os sistemas sociais, formam o que chamamos "Lar Terra".

A palavra ecologia vem do grego oikos (casa) e é o estudo de como o Lar Terra (a casa) funciona. Ou melhor, é o estudo das relações que interligam todos os membros desta comunidade formada pelo planeta, a Criação. Sem essa compreensão básica fica difícil falar em meio ambiente, preservação e estudar a história da criação. É preciso falar que, quando aplicamos agrotóxicos nas plantas e na terra, provocamos incêndios, desmatamentos, poluímos os rios..., é a nossa própria casa que estamos destruindo. Quando a casa é destruída a consequência é que não temos mais onde morar. Por isso dá para dizer que se queremos que a humanidade continue existindo no século XXI, devemos todos nos empenhar e nos tornar ecologicamente alfabetizados e atuantes em favor da Criação.

Criação – modelo de liberdade e responsabilidade

A Criação é um sistema de vida perfeito, harmônico. Deus não criou um mundo desequilibrado, poluído, doente, desorganizado e com crises. Todos os sistemas vivos devem sua identidade às interações e interdependência de suas partes. A teoria dos sistemas nos diz que todos os



sistemas vivos têm em comum entre si um conjunto de propriedades e princípios de organização. Estes princípios são os princípios da ecologia. Interdependência é a palavra chave para se entender as relações ecológicas. O sucesso do sistema depende do sucesso de seus integrantes, enquanto que o sucesso de cada integrante depende do sucesso do sistema como um todo. Isto só acontece quando há cooperação. A sociabilidade ou a tendência a se associar, estabelecer elos, cooperar, é uma característica essencial dos organismos vivos. Quanto mais diversificado o sistema, maior a chance de se manter, pois mais relações alternativas são possíveis quando algum elo da cadeia se quebra.

Da história da criação podemos tirar uma lição de vida e um modelo para as nossas atividades comunitárias, de organização de grupos e da sociedade. Pois somos parte integrante neste sistema vivo que reluta para sobreviver.

O meio ambiente é, ele mesmo, uma rede de sistemas vivos capazes de adaptação e criatividade. Organismo e meio ambiente adaptam-se um ao outro - eles "coevoluem". "Coevolução" é a dança da vida em andamento, um diálogo da Criação. A preservação, implantação e reprodução desse sistema, é uma atitude prática de expressão de liberdade e responsabilidade.

Ecologia – um novo jeito de educar

Ser ecologicamente alfabetizado e atuante é, antes de mais nada compreender os princípios da ecologia. Isto não é tarefa fácil, é preciso pensar de forma diferente. É preciso quebrar a tradição intelectual do mundo ocidental que já dura vários séculos, uma forma de ver o mundo que moldou nossas modernas socie-



dades e influenciou o resto do planeta. Faz-se necessário uma revisão radical dos conceitos que norteiam a forma de vida do mundo. Precisamos de uma nova forma de pensar - pensar em termos de relações, encadeamento, contexto. Precisamos dar uma reviravolta em nossa percepção: de um mundo visto como uma máquina para um mundo visto como um organismo vivo. É um pensar ecológico - a partir da Criação.

Em geral somos educados em escolas que se baseiam no princípio da competição, em vez de cooperação e associação. A informação é organizada em pequenos compartimentos que contêm os diversos assuntos. Estes são aprendidos através da repetição, memorização e teste. O resultado é a fragmentação do aprendizado e distante da realidade e prática diária. É uma metodologia imprópria, em uma cultura onde o volume de informação dobra em poucos anos.

O que precisamos é criatividade para selecionar, organizar e aplicar a informação com sabedoria. Transformar a informação em conhecimento significativo e relevante para a vida das pessoas e comunidades. Adotar um jeito ecológico de educar, exige repensar princípios. O mais importante nos grupos e comunidades de aprendizagem não é bem o espaço em que elas vão se desenvolver, mas o processo. Professores, facilitadores, pastores, lideranças, aprendizes, grupos e membros da comunidade estão todos interligados em uma rede de relações, trabalhando juntos para promover a aprendizagem. Todos cooperam refletindo, criticando e criando, em um ambiente que reflete e intensifica a idéia de comunidade.

Grupos e comunidades de aprendizagem são comunidades abertas, dinâmicas, onde as pessoas descobrem seu lugar dentro do sistema. O currículo toma forma em torno dos interesses dos participantes e os problemas do dia a dia viram assunto de discussão. As pessoas podem experimentar a riqueza da diversidade, a sensação que vem da

**MAS... SE EU NÃO
PRESERVAR, ONDE
VOU MORAR?**



riqueza com o todo, e o impacto que é a constatação de que o todo é maior que a soma das partes.

Num sistema de aprendizagem participativa, todos estão dispostos a contribuir. Não cabe o discurso de que as pessoas "não querem nada", "estão desanimadas". O que falta é despertar o potencial e valorizar os dons de cada um e que estes possam estar a serviço do todo. O ser humano, por natureza, "topa" fazer qualquer coisa, desde que despertado para o engajamento. O despertar exige mudança, uma proposta alternativa, cooperação. Em uma associação engajada e verdadeira, os sócios estão sempre mudando e evoluindo.

O aprender ecológico não pode se restringir a uma sala de aula, um templo. Somos convidados a nos relacionar com o todo, experimentar a riqueza da diversidade da Criação. Este processo de aprendizagem é o exercício da liberdade e responsabilidade.

COLEÇÃO
PALAVRAÇÃO

AÇÃO

AÇÃO

ação

ação

ação

ação

ABRAÇAR A LIBERDADE

SUBSÍDIOS PARA O TRABALHO ENTRE JOVENS - 2

AÇÃO

AÇÃO

ação



IECLB

palavra ação

guia de atividades para grupos de jovens

COLEÇÃO
PALAVRAÇÃO

Coleção PalavrAção
Subsídios para o trabalho entre jovens
Caderno nº 2 – Abraçar a Liberdade

Coordenação:
Joni Roloff Schneider

Capa e ilustrações:
Artur Sanfelice Nunes

Edição, diagramação e revisão:
Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

Realização:
Departamento Nacional para Assuntos da Juventude -
DNAJ da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no
Brasil - IECLB

Pedidos para:
Depto. Nacional para Assuntos da Juventude - DNAJ
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo - RS
Telefone/Fax: (051) 590-2366
e-mail: juventudieclb@nh.conex.com.br
Home Page: www.dnaj.org.br

***Reprodução total ou parcial dos textos deste
caderno somente mediante autorização
expressa do Departamento Nacional para
Assuntos da Juventude - DNAJ***

São Leopoldo, fevereiro de 2000

O primeiro livro da coleção **PalavrAção** foi um sucesso de público e de crítica. Esse resultado satisfatório, levou-nos a planejar e elaborar o segundo livro. Porém, diferentemente do primeiro, que abordou dois temas centrais (espiritualidade e cidadania) este segundo caderno enfoca a questão da liberdade e suas relações com a ética, a política, a sexualidade, a religião, o consumo e a responsabilidade social e ecológica. Em todas estas temáticas, a máxima de Lutero de que "o cristão é um senhor livre de todas as coisas, a ninguém sujeito; e um servo de tudo, sujeito a todos" dá sustentação à toda prática de liberdade cristã. *Abraçar a Liberdade* é portanto viver radicalmente a fé em Cristo através do serviço. Essa liberdade que se vive a serviço é, portanto, vocação a qual abraçamos com o coração.

Este caderno *Abraçar a Liberdade* está dividido em **Palavra** – subsídios teóricos, e **Ação** – subsídios práticos. Para estabelecer mais facilmente essa divisão, o caderno ganhou duas frentes. Uma inicia pela teoria, outra, pela prática. Você começa por onde quiser. A idéia é que você faça a mistura entre a Palavra e a Ação e vice-versa. Ou, não. Se preferir, pode trabalhar em seu grupo apenas um texto de reflexão. Ou aplicar uma dinâmica, relacionando-a a outro tema qualquer.

O caderno é seu! Várias pessoas escreveram o resultado de suas reflexões ou contaram suas experiências. Agora, você pode aproveitar livremente esse material para servir melhor ao seu grupo, à sua cidade, à sua Igreja.

Seja livre para usar e abusar desse material.

Departamento Nacional para Assuntos da Juventude
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

ÍNDICE AÇÃO

Três roteiros para celebração da liberdade.....6

Celebração nº 01.....6

Avançar (com Paulo) ou permanecer no tradicional (com Pedro)?.....6

Celebração nº 02.....8

Comunhão inclusiva à base de quê?.....8

Celebração nº 03.....9

Liberdade de quê e para quê?.....9

Livre de tudo servo de todos*.....12

Dinâmica 1.....12

Dinâmica 2.....13

Dinâmica 3 - "Pedras sobre o riacho".....13

Dinâmica 4.....14

Dinâmica 5 - final.....15

Um alimento humano. Jogos para trabalhar o tema liberdade16

1- Cobra Maluca.....17

2 - Correio.....18

3 - Lei da Selva.....19

4 - Escravos de Jó.....21

Liberdade... até onde? Dinâmica para trabalho em grupos.....24

Liberdade e convivência. Dinâmica para trabalho em grupos.....30

A liberdade cristã. Dinâmica para trabalho em grupos.....33

Pantomima. Uma encenação sobre liberdade.....39

Ajudando a recriar a vida através da reciclagem.....40

Reciclagem de papel.....41

Criando com descartáveis.....44

1 - Suporte para vaso de violeta ou porta-cuia.....45

2 - Porta-garrafa.....45

3 - Recipientes para comida.....45

4- Guarda-balas e guarda-bombons46

5- Arranjos de mesa.....46

6- Vasos multiformes ou esculturais.....47

7- Enfeites para ambientes.....47

8- Vai e Vem (brinquedo).....48

9 - Brinquedo.....49

10 - Pinheiro de Natal para casa (1).....49

11- Pinheiro de Natal para casa (2).....50

12- Pinheiro de Natal para pátio.....51

13- Presépio de Natal.....51

14 -Luminária para acampamentos.....52

O jogo do lixo.....53

O que o jogo pretende.....53

Destinatários do jogo.....54

Material.....54

Início do jogo.....55

Os valores.....57

O ano de jogo.....57

Balanço final.....60

Segunda passagem.....61

Avaliação do jogo.....62

Regras resumidas para o dirigente.....63

O fim do mundo.....66

Solidariedade e ação.....72

Por que reciclar?.....74

Geração do lixo... Quantos descartáveis!.....77

TRÊS ROTEIROS PARA CELEBRAÇÃO DA LIBERDADE

.....
● Luzmarina Campos
Garcia

Celebração nº 01
Avançar (com Paulo) ou permanecer no
tradicional (com Pedro)?

1- Boas Vindas

2- Invocação Em nome do Pai, Mãe; Filho e Espírito Santo. Bendito seja Deus que nos justifica em Jesus Cristo.

3- Leitura: Salmo 146

4- Canto: Tu és Santo (Per Harling, Suécia)

5- Oração: Guia-nos, Senhor: da injustiça para a justiça; da mentira para a verdade; da dissimulação para a transparência; da estagnação para o movimento que o Espírito produz.

6- Entrada da Palavra: Acolhamos a Palavra de Deus cantando: Aleluia

.....
Pastora da IECLB na
Comunidade Evangélica
Luterana do Rio de
Janeiro.

7- Canto: Aleluia Yin Oluwa (Emmanuel Badejo, Nigéria)

8- Leitura Bíblica: Gálatas 2.11-14

Após a leitura de todo o texto, convidar os participantes para repetirem quatro vezes, com ênfase crescente: "Por que obrigas os gentios a viverem como os judeus?"

9- Ação Simbólica: Entra uma pessoa fortemente atada (enrolada em panos) e se dirige vagarosamente para perto do altar. Enquanto percorre o caminho (que deve ter seu início no lado oposto ao altar para que possa passar pelo meio das pessoas), geme como quem carrega o peso de estar aprisionada e completamente oprimida. Quando ela chega ao altar, pára. A pessoa que coordena introduz um momento de reflexão/oração/confissão com palavras tais como:

*"Prezadas irmãs e irmãos,
Nós também somos atados e atamos de diferentes maneiras, em diferentes situações. Estamos convidados a, silenciosamente, nomear tais ataduras. Quais são as amarras que estão cerceando o nosso avanço, seja como cidadãos, cidadãos neste país, seja como membros do Corpo de Cristo por meio da IECLB? A que leis, conceitos, estamos presos? Como nós atamos os outros? Que ataduras usamos?"*



Fazer breve silêncio e então dizer:

"Cada uma de nós está convidada/convidado a nomear as nossas ataduras, escrevendo-as." (Quem convida se dirige até a pessoa atada e começa a escrever sobre o pano que a enrola. É importante que duas ou três pessoas estejam previamente convidadas a dar continuidade a esta ação e que o pano que cobre a pessoa seja de cor clara.)

10 - Canto: Kyrie Eleison (Simeí Monteiro, Brasil)
(Cantado durante a ação inteira)

11- Leitura Bíblica: Gálatas 2.15 e 16

(Após o término da ação, a pessoa que leu o texto anteriormente, lê novamente os versículos 15 e 16, coloca a Bíblia sobre o altar e começa a desenrolar a pessoa e a dizer:

"Em Cristo somos livres. Não mais ataduras com as quais somos atados ou atamos. Não mais a rigidez que imobiliza. Em Cristo somos livres."

12- Canto: Liberdade

13- Despedida e Bênção

Dica: As canções devem ser ensinadas antes do início da celebração. Canções curtas como o *Kyrie* e *Liberdade* não devem ser anunciadas; basta que quem lidera o canto as inicie. É importante que algumas pessoas saibam que devem entrar no canto na segunda vez (podem ser as mesmas que estavam preparadas para o início da ação).

Celebração nº 02

Comunhão inclusiva à base de quê?

1 - Acolhida: Todos somos um em Jesus Cristo.

2 - Canto: Canção da Chegada (Flávio Irala, Brasil)

3 - Oração livre



4 - Ação simbólica: *1ª cena:* Entra uma mulher teatralmente vestida segurando, de modo bem visível, uma jarra de cerâmica. Anda lentamente por dentro da roda olhando para cada um com expressão séria (não séria de zangada, mas de quem chega e está conhecendo e se deixando conhecer pela primeira vez; de quem não tem intimidade). Aproxima-se (distância de cerca de dois metros) de uma das pessoas da roda (o segundo ator ou atriz) e oferece-lhe a jarra (como quem oferece algo que lhe é próprio; um dom). A segunda pessoa olha para os olhos da primeira e recusa. Pela segunda vez a jarra é oferecida e, igualmente recusada. A mulher se dirige para fora da roda (cerca de dois metros) e permanece de pé, de costas para a roda.

5- Leitura Bíblica: Gálatas 3.23-29

(Após a leitura do texto, convida-se os participantes para repetir frase por frase dos versículos 25, 26 e 27 que serão ditas pelo dirigente.)

2ª cena: Uma quarta pessoa se dirige à mulher e a convida para voltar à roda (ação gestual, sem palavras). A mulher retorna e ocupa, por alguns segundos, um lugar no círculo dirigindo o olhar para todos. Então, fixa o olhar naquele/naquela que rejeitou a jarra, vai até ele/ela e a oferece outra vez. O segundo ator/atriz olha para os olhos da mulher e meneia de leve a cabeça, afirmativamente, como quem acabou de ser convencido e ainda está digerindo o processo de convencimento; estende as mãos para receber a jarra. Antes de entregar a jarra, a mulher pergunta: Nós somos um (pequena pausa) em Jesus Cristo?

O segundo ator recebe a jarra e diz: Sim, nós somos um em Jesus Cristo. Então, passa a jarra para a pessoa que está à direita e repete: nós somos um em Jesus Cristo. Aquela pessoa passa para a próxima à sua direita e repete: Nós somos um em Jesus Cristo. E assim, segue a ação até que a jarra volta à mulher que a coloca sobre o altar.

6 - Canto: Temos Esperança (Federico Pagura, Argentina e Homero Perera, Uruguai)

Celebração nº 03

Liberdade de quem e para quem?

1 - Acolhida

2 - Canto: Vede que grande amor...

3 - Invocação: Em nome do Deus que libertou seu povo da escravidão no Egito;

Em nome do Filho, que nos libertou de todo o pecado por meio da sua cruz;

Em nome do Espírito Santo, que quer nos libertar

das amarras do tempo presente.

Invoquemos, pois, o Espírito de Deus, cantando:

4- Canto: Vem, Espírito Santo, vem, vem iluminar.

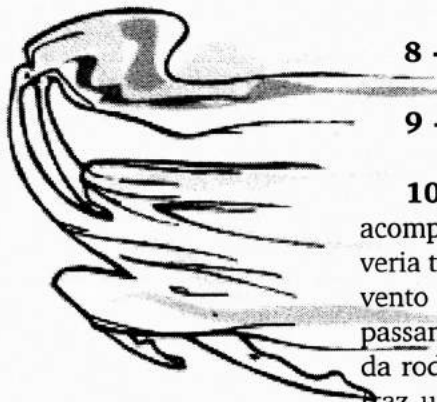
5 - Leitura Bíblica: Salmo 18.1 e 2

6 - Canto: Salmo 118 (O Povo Canta (OPC) 214)

7 - Oração

8 - Canto: Aleluia Caribenho (OPC 172)

9 - Leitura Bíblica: Gálatas 5.1-6



10- Ação Simbólica: Uma mulher entra dançando acompanhada por música que, no primeiro momento, deveria traduzir em som o movimento de água correndo ou de vento soprando (ou seja, um som leve e rápido). Ela corre passando por perto de todas as pessoas, fazendo o contorno da roda. O vestido é esvoaçante (de cor creme) e, na mão, traz um tecido azul turquesa, totalmente fino e leve, que, sustentado pelas mãos no alto dos braços estirados, desliza com leveza pelo ar. Os movimentos do corpo são amplos e soltos. Aos poucos, a música vai fazendo variações melódicas. A dançarina vai diminuindo os movimentos até parar. Quando está totalmente parada começa a cantar:

*Livre, sim livre,
livre em Jesus Cristo eu sou;
eu sei!*

Na segunda vez que canta atravessa a roda e pára perto do altar. Enquanto canta, olha para as pessoas. Quando termina o canto, olha especificamente para uma pessoa e pergunta: você é livre? Tão logo esta pessoa responda (dizendo sim ou simplesmente balançando a cabeça), repete a pergunta a uma outra pessoa e depois a uma terceira. Então, dirigindo-se a todos pergunta no plural: vocês são livres? Em resposta geral, canta:

*Livres, sim livres,
livres em Jesus Cristo somos;
eu sei!*

A dançarina pergunta: nós somos livres de quê? Do que é que você é livre?

(Dar tempo para as respostas que devem ser de uma ou duas palavras. É extremamente importante que duas ou três pessoas tenham sido contatadas anteriormente para começarem a responder a questão.)

(A dançarina inicia o canto sem anunciá-lo.)

*Livres, sim livres,
livres em Jesus Cristo somos;
eu sei!*

A dançarina pergunta: nós somos livres para quê?

(Dar tempo para as respostas)

Canto: Livres...

"Prezadas irmãs e irmãos, nós somos livres em Jesus Cristo. Entretanto, ainda há forças, estruturas, sistemas, que se constituem em empecilhos para a vivência plena desta liberdade. Por isso, queremos juntar as nossas vozes com a voz de Maria e reafirmar a convicção de que virá um dia em que todos, ao levantar a vista, veremos nesta terra reinar a liberdade."

11- Canto: Cântico de Maria (OPC 40)

Os braços que se estendem (fazer o movimento de estender os braços), paráfrase da liberdade dos filhos e das filhas de Deus, são os mesmos que se dobram para solidariamente se apoiarem e se acompanharem (dar o braço para a pessoa da direita e da esquerda formando uma corrente = paráfrase do serviço prestado).

12- Bênção

13- Canto: Cântico de Maria- OPC, 40

(Dançando em roda com os braços em forma de corrente. Um ou dois instrumentistas e cantores ficam tocando e cantando).

LIVRE DE TUDO, SERVO DE TODOS*

.....
Sibele Massirer

***Texto publicado
originalmente no
Firmando Pé nº36**

É muito bom podermos estar aqui, novamente reunidos. E é com alegria que quero saudá-los com as palavras do apóstolo Paulo, que diz: "Que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos todas vocês". Neste encontro queremos refletir sobre o que somos e recebemos como cristãos.

Invocação: Por isso queremos neste momento, de mãos dadas e de olhos fechados, invocar a presença de Deus que nos ama como Pai e Mãe, do Filho, Jesus Cristo que morreu e ressuscitou para redimir e salvar, e do Espírito Santo que nos consola, ampara e liberta. Que Deus Pai/Mãe, Filho e Espírito Santo nos acompanhe neste encontro.

Canto: O Povo Canta (OPC), nº 228 (Não Temas)

Dinâmica 1

Fazer duplas, que fiquem de frente, de mãos dadas e olhos fechados. A um sinal do orientador, soltam as mãos, dão dois passos para trás e sentam no chão. Então refletem sobre: O que é/ou quais são as situações que me aprisionam (na família, escola, comunidade, sociedade).

Depois de alguns minutos cada participante recebe um papel, uma caneta e um balão. E irá escrever, no papel, as situações de aprisionamento; depois o dobrará e o colocará dentro do balão.

Concluída esta atividade, todos/as retornam ao círculo inicial e colocam o balão junto ao altar, no centro.

.....
*Catequista, residente
em Estrela/RS*

Dinâmica 2

Enquanto canta, o grupo caminha no espaço central e, a um sinal do orientador, forma grupos das cinco pessoas mais próximas. Os grupos refletem sobre a frase de Lutero: "O cristão é um senhor livre de tudo, a ninguém sujeito".

Os grupos deverão relacionar a frase com a dinâmica 1. Refletir quais são os sinais de prisão na sociedade de hoje. Todos os grupos deverão anotar as suas conclusões.

Socialização 1: Os grupos de reflexão deverão compartilhar no grande grupo.

Complementação: Todos e todas nós, que somos cristãos e cristãs, somos plenamente livres de tudo e de todos. Essa é uma das maravilhosas graças que Deus nos concede por nossa fé. Assim como lemos em 1 Tm 1.9, "Para o justo não há lei", também Lutero reforça que ninguém precisa da lei, de obras, para se tornar salvo. Esta certeza da justificação e da salvação é que nos liberta! Neste sentido, nós também acabamos de cantar "A Verdade vos Libertará". Quem é esta liberdade? Onde a encontramos? Só Cristo pode ser a verdade que liberta e, só por fé chegamos a ela. Em 1Pe 2.9, o próprio Cristo nos chamou de "raça eleita". Fomos eleitos e, por isso, superiores a tudo e a todos que nos queiram prejudicar. Podemos concluir com as palavras de Jesus Cristo a respeito, em Rm 8.28, onde ele diz "Para os eleitos (libertos por fé) todas as coisas cooperam para o bem".

Dinâmica 3 - "Pedras sobre o riacho"

Cada integrante recebe duas folhas de jornal. Deverão fazer de conta que estas folhas são pedras com as quais precisam atravessar o riacho. (Colocam uma folha no chão e pisam em cima. Depois colocam a outra folha na frente e pisam nesta, liberando a outra para pôr na frente, e assim sucessivamente).



No segundo momento, a metade do grupo fica com as suas duas folhas e a outra metade fica sem nenhuma. Mas todos "precisam" atravessar o riacho. Para isso deverão encontrar uma forma alternativa no grupo para que todos consigam atravessar.

Dinâmica 4

Após a dinâmica, todos retornam aos grupos iniciais, para refletirem sobre a frase de Lutero: "O cristão é servo de tudo, a todos sujeito".

Os grupos deverão relacionar a frase com a dinâmica 3, tendo duas perguntas desafiadoras: Cada um e cada uma era livre para atravessar o riacho sozinho/a? Como aconteceu? O que foi preciso fazer para que todos conseguissem atravessar o riacho?

Socialização 2: Os grupos compartilham suas discussões.

Complementação 2: Podemos começar esta segunda reflexão com as palavras que encontramos em 1 Co 9.19, que dizem: "Porque sendo livres de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número de pessoas".

Assim como Cristo agiu conosco, nós também somos chamados a agir como Ele, ou seja, por sermos plenamente libertos, estamos também plenamente livres para, por gratuito amor, servir ao próximo. Lutero mesmo diz que "o cristão não vive em si mesmo, mas em Cristo e no próximo; em Cristo pela fé, e no próximo pelo amor". Nós acabamos de experimentar nesta simples brincadeira que fizemos há pouco, onde cada um, teoricamente, era livre para atravessar sozinho o riacho, mas preferiu ajudar àqueles que não tinham "pedras" para atravessá-lo junto com vocês. Na fé libertadora, Deus quer agir em nós por amor. Para isso, Jesus Cristo nos diz, em Mc 12.31b: "Ame os outros como você ama a você mesmo".

Dinâmica 5 - final

Cada um e cada uma pega um balão no centro, junto ao altar, e o enche. Então joga para cima para misturá-los, depois pega um e estoura. Assim, encontrarão um bilhete, após, lêem-no, retornando ao círculo.

Refletir como agora cada um e cada uma, ciente de sua liberta liberdade, assume o desafio de procurar ajudar a outras pessoas a se libertarem das coisas que as aprisionam. Guardam o bilhete como símbolo deste encontro e do compromisso que assumiram.

Oração Final: Pai Nosso

Benção: Em círculo cantam "Deus te abençoe" (coloca as mãos na cabeça dos/das dois/duas colegas ao lado), "Deus te proteja" (coloca as mãos nos ombros) e "Deus te dê a paz" (todos se abraçam).

UM ALIMENTO HUMANO

JOGOS PARA TRABALHAR O TEMA LIBERDADE

.....
● *Marcelo Schneider,*
Angelita Lucas, Gustavo
Scherer e Sabrina
Martins

Liberdade é uma palavra muito ampla e quando temos que explicá-la, temos uma tarefa difícil. Talvez Cecília Meireles o tenha feito com propriedade: "Liberdade - Palavra que o sonho humano alimenta. Não há ninguém que explique. Não há ninguém que não entenda".

A liberdade por assim ser, alimento da utopia humana, nos empurra para um futuro o qual desconhecemos, pois não sabemos em que situação encontraremos nosso mundo daqui para frente.

"Há que se educar as crianças para não ser preciso punir os homens". E há que se cuidar das plantas, dos rios, dos pássaros e do ar; caso contrário, não teremos alimento, não teremos água ou asas para voar e vento para soprar. Precisamos preservar a vida e o meio em que vivemos. Cultivar o ser humano e seu habitat, o qual como dádiva nos foi entregue e como objeto descartável é tratado. Quando não o destruimos, nos amordaçamos ao silêncio vendo-o desmoronar como erosão.

A utopia é uma força coletiva, defendida pela união de corpo e mente, de coração e sentimentos, de sonhos e atitudes. É um exemplo da comunhão cristã a caminho da celebração de um mundo vivo e livre. Demos um passo a frente, defendamos nossa terra em busca da utopia antes que não tenhamos onde pisar.

A seguir a descrição de quatro dinâmicas a serem utilizadas com grupos de trabalho.

.....
Integrantes do Grupo
Teatro Geração
Bugiganga, Av. Tomaz
Edson, 3822-A, Ap.
103, Charrua 2, Bairro
São Miguel, São
Leopodo/RS - Fone
para contratar o grupo
para assessoria ou
apresentações: (0xx51)
590- 6903

1- Cobra Maluca

Objetivo: integrar o grupo, desenvolver espírito de equipe e desenvolver agilidade corporal.

Número de participantes: mínimo - 8; máximo - 30 pessoas.

Tempo de duração: de 1 a 5 minutos cada cobra.

Ambiente: espaço bastante amplo ou rua.

O jogo: Cobra maluca é um jogo de muita correria, desgaste físico e principalmente de união de grupo; onde um busca alcançar o objetivo que o grupo tenta defender.

Desenvolvimento: A cobra maluca é composta por todos os participantes da dinâmica, menos um, o qual será o caçador da cobra. A cobra é formada por uma fileira onde o primeiro é a cabeça, o último, o rabo e os demais são o corpo. Todos deverão estar unidos através das mãos na cintura do colega da frente.

O jogo inicia através de um sinal dado pela pessoa que é a cabeça. O caçador tem por objetivo agarrar o rabo da cobra de qualquer maneira; sendo a cabeça e o corpo responsáveis por defendê-lo. Para isso poderão todos movimentar-se de diversas maneiras - de um lado a outro, em círculo, caminhando, correndo etc. - mas não poderão em hipótese alguma desgrudar da cintura do colega pois se isso acontecer; arrebenta a cobra e o caçador é o vencedor. O caçador alcança também o objetivo se agarrar o rabo da cobra. A cobra vence o caçador apenas no cansaço, quando o mesmo desiste. Após o término, a cabeça vira caçador, o caçador rabo, o rabo faz parte do corpo e reiniciamos.

Observação: Procure observar a reação dos participantes, às vezes a vontade do caçador e da cobra são tão grandes que há necessidade de adaptar algumas regras para ninguém se machucar.

1 - o caçador não pode atravessar a cobra pelo meio de seu corpo.

**TÔ BEM
DOIDONA**



- 2- a cobra não pode se enrolar para proteger o rabo.
- 3 - e outros observados no decorrer da prática.

2 - Correio



Objetivo: conhecer o grupo, proporcionar a comunicação e expressão dos mais inibidos, integrar o grupo, desenvolver a cultura geral, concentração, atenção e paciência individual.

Número de participantes: mínimo - 8; máximo - 30 pessoas.

Tempo de duração: de 30 a 40 minutos (um item a cada etapa)

Ambiente: espaço apropriado para o tamanho do grupo.

Material: uma caneta para cada participante, uma tira de papel em branco (4x20cm - faça as tiras cortando as folhas de ofício com régua) para cada um, uma caixa de sapato.

O jogo: Correio é um jogo de perguntas entre os participantes com assuntos diversos. É ideal para encontros longos (três ou mais dias) e trabalhos sistemáticos, pois a cada utilização avança-se uma etapa.

Desenvolvimento: o jogo possui três etapas, divididas em três itens cada. Após realizadas as perguntas, senta-se em círculo e faz-se o bate-bola de perguntas e respostas que a cada etapa avança e se completa.

Procedimentos: Cada participante recebe por item desenvolvido uma tira de papel (direito a uma pergunta por item) e terá 5 minutos para elaborar a pergunta que será depositada na caixa de sapato. Em seguida, a pergunta é lida em voz alta, sempre pelo orientador e respondida pelo orientador ou o participante, dependendo da etapa em que a dinâmica estiver.

Etapas: 1- Participante pergunta, orientador responde.

a) Todo e qualquer assunto: geral, pessoal ou profissional, sem identificação do autor da pergunta no papel.

b) Assunto específico (Bíblia, ecologia, liberdade, política, sexualidade, etc.), sem identificação do autor da pergunta no papel.

c) Todo e qualquer assunto com identificação de quem pergunta.

2- Participantes perguntam para participantes.

Nesta etapa as perguntas devem ser identificadas com autor e a quem se destina, de acordo com os assuntos definidos nas etapas 1a e 1b.

3- Orientador e participantes perguntam e respondem.

Nesta etapa as perguntas devem ser identificadas com o autor e a quem se destina, de acordo com os assuntos definidos nas etapas 1a e 1b.

Observação:

a) A necessidade de não identificar o autor das perguntas na primeira etapa se justifica pelo objetivo de proporcionar oportunidade ao inibido de se expressar.

b) Há necessidade do orientador em cuidar para selecionar as perguntas e censurá-las se for o caso, pois podem surgir perguntas que constrojam, agridam ou ridicularizem as pessoas em termos de estética corporal, racismo, jeito de falar, vestir e outro.

c) O orientador deve levantar a questão de censura e explicar as razões antes de iniciar as perguntas.

d) Sugere-se que a cada encontro, ou turno de encontro, se faça um item de cada etapa.

3 - Lei da Selva

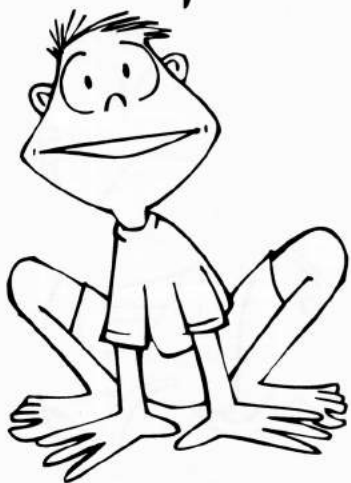
Objetivos: desinibição corporal, integração do grupo, conscientização ecológica e reflexão de poder.

Número de participantes: mínimo - 10.

Tempo de duração: 20 minutos

Ambiente: amplo e livre

CROAC!



O jogo: Lei da Selva consiste em um trabalho corporal, onde há imitações de animais que formam uma cadeia natural até chegar ao homem. Aí a prática dá lugar a reflexão.

Desenvolvimento:

a) *Desinibição* - jogo de caminhar e fotografar; através do ambiente livre todos caminham e ao anúncio do orientador - "Fotografa" - todos viram estátuas (há necessidade do orientador explicar e demonstrar - ele caminha e fica imóvel, sem fazer pose); repetir diversas vezes até o corpo estar aquecido (pode haver variações: caminhar rápido/lento, de frente/de costas, com braço erguido, mão na cabeça, mão na barriga, etc.), objetivando descontração o grupo.

b) *Imitação* - continuam todos caminhando, porém agora o orientador sugere a imitação de um bicho: o caminhar de um rato, um gato, um cachorro, um leão e uma pessoa qualquer (seguir a ordem dos bichos colocados e instigar trejeito, sons e relacionamentos - o tempo para cada imitação varia de 1 a 1 minuto e 30 segundos). Finalize pedindo para fotografar.

c) *Cadeia natural* - Posicione-se no meio do espaço e divida o grupo. De um lado teremos os ratos e do outro, os gatos. Peça agora a reação natural, imitando os bichos: os gatos caçam os ratos. Explique que os ratos só estarão a salvo quando abraçados (2 a 2, 3 a 3...). O tempo da cadeia natural deve ser de 30s a 1min. Após isso, peça para fotografar. A sequência é a troca de quem era rato para a imitação de cachorros e segue com a reação natural, após, os gatos transformam-se em leão e por fim, quem era cachorro vira domador com chicote imaginário (peça para fazerem sons e ruídos dos bichos e chicotes). Peça para fotografar e finalize a dinâmica.

d) *Reflexão* - convide o grupo a sentar em círculo, lançando um momento para opiniões sobre o trabalho. Após algumas opiniões sugira pontos para reflexão: cadeia na-

tural, rato, gato, homem, por que o ser humano vira domador, ...

Fomente a discussão sobre as relações: opressor e oprimido, a lei do mais forte, a sobrevivência, a união e a relação ser humano - natureza.

4 - Escravos de Jó

Objetivo: integração e espírito de coletividade do grupo, desinibição, aquecimento corporal, desenvolvimento da motricidade.

Número de participantes: mínimo 4, máximo 30 pessoas.

Tempo de duração: 15min ou mais.

Ambiente: espaço amplo

Material: um sapato de cada participante (pode ser o que está calçando)

O jogo: O jogo consiste em três partes, a primeira é a aventura do sapato, a segunda é a aventura coletiva através da música e a terceira é a transformação do corpo em agente da dinâmica.

Desenvolvimento: O orientador convida a todos a sentar em círculo

a) *Aventura do Sapato:* O orientador (como um contador de histórias) explica que todos já tivemos aventuras, alegres, tristes, perigosas ou engraçadas e quase sempre temos um companheiro que não é lembrado, o sapato. Assim convida cada um a tirar um de seus sapatos e contar uma aventura do sapato (real ou fictícia; sendo necessário o orientador exemplifica: um dia de chuva, no futebol, o salto quebrado, etc.).

Após todos terem contado suas histórias, incluindo o orientador, há necessidade de dividirmos as histórias e principalmente seus personagens principais: os sapatos. Utilizando a cantiga de roda *Escravos de Jó* faremos o sapato de cada um passar de mão em mão.





b) *Ensinar a cantiga aos participantes.*

c) *Aventura coletiva - Coreografia da cantiga:* Todos, em círculo, com o sapato na mão direita. Todos cantam a música.

Coreografia: a cada tempo forte da música o sapato é passado à frente do colega da direita, no chão (não atirado, ou jogado). Assim, os sapatos serão passados de um para o outro, girando no círculo.

Quando a letra diz: Tira, a pessoa levanta o sapato.

Quando a letra diz: Bota, a pessoa bota o sapato à sua frente (no chão) e segue a coreografia.

Quando a letra diz: Zigue-zigue-zá, o sapato é segurado à frente do colega da direita no primeiro zigue. Volta para a sua frente e é segurado no segundo zigue. No zá é colocado à frente do colega da direita.

Quando termina a letra, canta-se outra vez, podendo aumentar a velocidade.

Observação: É importante ter bastante paciência até todos aprenderem.

d) *O corpo:* O orientador explica que a partir de agora tudo o que o sapato fazia o corpo vai fazer.

Todos em círculo e em pé, cantando a cantiga.

A cada tempo forte da música, dá-se um pulo para direita, ocupando o lugar do colega. Assim sucessivamente, completando um giro no círculo através da música.

Quando a letra diz: "Tira", um pulo para trás.

Quando a letra diz: "Bota", um pulo para frente, e segue a coreografia.

Quando a letra diz: Zigue-zigue-zá, preste muita atenção. O primeiro zigue indica um pulo para a direita. O segundo zigue volta, com um pulo, para a esquerda. No zá, novamente um pulo para a direita. Prossegue-se reiniciando a cantiga e a coreografia.

Finda a dinâmica na orientação do coordenador.

Letra da cantiga

Escravos de Jó,
Jogavam caxangá,
Tira, bota, deixa
O Zé Pereira que se vá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá

Pauta da cantiga:

The musical notation consists of five staves, each with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The notes are written in a simple, rhythmic style. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across notes. The lyrics are: "Es - cra - vos de Jó jo - gavam caxan- ga Ti - ra. bo - ta deixa_o Zé Pe- reira que se vá Guer - reiros com guer-reiros fazem zigue, zigue zá Guer - reiros com guer-reiros fazem zigue, zigue zá".

Es - cra - vos de Jó jo - gavam caxan-
ga Ti - ra. bo - ta deixa_o Zé Pe-
reira que se vá Guer - reiros com guer-reiros fazem
zigue, zigue zá Guer - reiros com guer-reiros fazem
zigue, zigue zá

LIBERDADE... ATÉ ONDE?

DINÂMICA PARA TRABALHO EM GRUPOS

.....
● Roberto E. Zwetsch

Nota introdutória

Aos três capítulos da série Palavra – Liberdade... até onde?, Liberdade e Convivência e A Liberdade Cristã –correspondem três atividades de grupos. Cada tema tem uma tarefa/assunto de debate diferente. A formação dos grupos e a dinâmica de funcionamento interna de cada um, porém, são dadas nos passos a seguir:

Os participantes do encontro são divididos em quatro grandes tribos. A divisão pode ser feita no momento da inscrição ou na chegada dos participantes, através da entrega a cada pessoa de uma fita ou papel colorido da cor correspondente a uma das quatro tribos: Vermelha, Azul, Amarela e Verde.

No momento determinado pela coordenação, as pessoas se juntam de acordo com a sua tribo (cor). É aconselhável que a coordenação escolha previamente um coordenador para cada tribo, que recebe quatro fichas para orientar o trabalho dos pequenos grupos, chamados de clãs.

Cada tribo divide-se, então, em quatro clãs. Cada clã recebe uma ficha com a proposta de debate. Cada clã tem de 25 a 30 minutos para realizar o debate.

Após a discussão no clã, a tribo volta a se reunir, e cada qual apresenta o resultado do seu trabalho. A tribo então decide o que levar para a grande Assembléia das Tribos (plenário): um dos resultados da discussão nos clãs ou uma mescla. Cada tribo tem de 15 a 20 minutos para esta tarefa. A seguir, a tarefa do tema Liberdade... até onde?.

Como atividade complementar, pode-se fazer um grande Painel da Liberdade. Cola-se uma grande folha de papel pardo na parede e nela cada pessoa pode colocar o que bem quiser: pensamentos, palavras, mensagens, fotos, textos, marcas, desenhos, etc. No final do encontro, o painel poderá servir para alguma celebração.

.....
Prof. de Teologia Prática
da Escola Superior
de Teologia- São
Leopoldo/RS

Tribo Azul

1) Ler o poema:
Liberdade (Paul Éluard)

*Em meus cadernos de escola
Nessa carteira, nas árvores,
Nas areias e na neve,
Escrevo o teu nome.*

*Nas imagens redouradas
Na armadura dos guerreiros
E na coroa dos reis
Escrevo teu nome*

*Em cada sopro de aurora
Na água do mar, nos navios
Na serra demente
Escrevo teu nome*

*Até na espuma das nuvens
No suor das tempestades
Na chuva insípida espessa
Escrevo teu nome*

*Na lâmpada que se acende
Na lâmpada que se apaga
Em minhas casas reunidas
Escrevo teu nome*

*Em toda carne possuída
Na frente dos meus amigos
Em cada mão que se estende
Escrevo teu nome*

*E ao poder de uma palavra
Recomeço a minha vida
Nasci para te conhecer
E te chamar: Liberdade*



2) O poeta francês não diz o que é liberdade. Apesar disso, canta o seu nome e diz que nasceu para conhecê-la e chamá-la.

3) O que acham do poema? Vocês conhecem a liberdade? Já a chamaram?

4) Escrevam um poema com três linhas dizendo o que é LIBERDADE!

Tribo Verde

1) Leiam o texto:

No período da escravidão (*), qualquer tentativa de libertação dos negros era castigada com crueldade imaginável. Em 1751, regressando de uma expedição contra índios e escravos fugidos, Bartolomeu Bueno do Prado trouxe consigo 3.900 pares de orelhas de negros que destruiu.

Dá para entender o que o poeta e advogado Luís Gama gritou no início da amarga batalha literária pela libertação do negro no Brasil (segunda metade do século XIX): "Todo escravo que matar seu senhor, seja em que circunstância for, mata em legítima defesa"!!!

in: *Liberdade, Liberdade*, peça de teatro de Flávio Rangel e Millôr Fernandes.

2) O negro, a negra, é livre no Brasil?

3) O que significa liberdade num país onde:

- a maioria dos presos é negra;

- a maioria das pessoas analfabetas é negra;

- é raro pessoas negras chegarem à Universidade.

3) Façam uma pequena encenação, de 2 minutos, sobre o que o grupo discutiu.

Tribo Vermelha

1) Leiam o texto

"Mas, afinal, o que é liberdade?

Apesar de tudo o que já se disse e de tudo o que dissemos sobre liberdade, muitos dos senhores ainda estão naturalmente convencidos que a liberdade não existe, que é uma

**(*) A escravidão durou
350 anos no Brasil.**

figura mitológica criada pela pura imaginação do homem. Mas eu lhes garanto que a liberdade existe. Não só existe, como é feita de concreto e cobre e tem cem metros de altura. A liberdade foi doada aos americanos pelos franceses em 1866 porque naquela época os franceses estavam cheios de liberdade e os americanos não tinham nenhuma. Recebendo a liberdade dos franceses, os americanos a colocaram na ilha de Bedloe, na entrada do porto de Nova York. Esta é a verdade indiscutível. Até agora a liberdade não penetrou no território americano...

A confecção da monumental efígie custou à França trezentos mil dólares. Quando a liberdade chegou aos Estados Unidos, foi-lhe feito um pedestal que sendo americano, custou muito mais do que o principal: quatrocentos e cinquenta mil dólares. Assim, a liberdade põe em cheque a afirmativa de alguns amigos nossos, que dizem de boca cheia e frase importada, que o "Preço da Liberdade é a Eterna Vigilância". Não é. Como acabamos de demonstrar, o preço da liberdade é de setecentos e cinquenta mil dólares. Isso há quase um século atrás. Porque atualmente o Fundo Monetário Internacional calcula o preço da nossa liberdade em três portos e dezessete jazidas de minerais estratégicos (RZ, e eu acrescento, e mais a Petrobrás, a Telebrás, a Embratel, a Embrapa e uma parte considerável da biodiversidade da Amazônia...). In: *Liberdade, liberdade*, peça de teatro de Flávio Rangel e Millôr Fernandes.

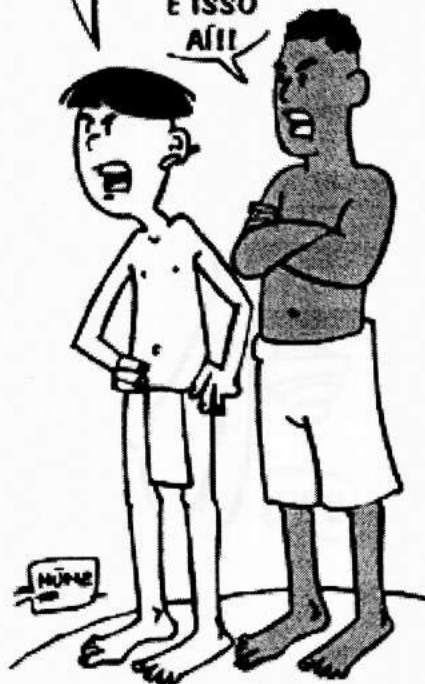


- 2) De que liberdade falam os autores?
- 3) Qual é o preço da sua liberdade?
- 4) Escrevam uma frase curta, num grande cartaz, com as idéias discutidas sobre o tema.

Tribo Amarela

FALA POR TI,
CARA-PÁLIDAII

É ISSO
AÍII



1) Leiam o hino:

Hino da Proclamação da República (1889)

M: Leopoldo Miguez; L: Medeiros e Albuquerque

1- Seja um pálio de luz desdobrado

Sob a amplidão destes céus

Este canto rebel que o passado

Vem remir dos mais torpes labés!

De esperanças de um novo porvir!

Com visões de triunfos embale

Quem por ele lutando surgir!

Estríb.: Liberdade! Liberdade!

Abra as asas sobre nós!

Das lutas na tempestade

Dá que ouçamos tua voz!

2- Nós nem cremos que escravos outrora

Tenha havido em tão nobre país...

Hoje o rubro lampejo de outrora

Acha irmãos, não tiranos hostis.

Somos todos iguais! Ao futuro

Saberemos unidos levar

Nosso augusto estandarte que, puro,

Brilha ouvante da pátria no altar!

3- Se é mister que, de peitos valentes,

Haja sangue em nosso pendão.

Sangue vivo do herói Tiradentes

Batizou este audaz pavilhão!

Mensageiro da paz, paz queremos,

É de amor nossa força e poder,

Mas da guerra, nos transes supremos,

Heis de ver-nos lutar e vencer!

4- Do Ipiranga é preciso que o brado

Seja um grito coberto de fé!

O Brasil já surgiu libertado

Sobre as púrpuras régias de um pé!

*Sobre as púrpuras régias de um pé!
Eia, pois, brasileiros, avante!
Verdes louros colhamos louções!
Seja o nosso país triunfante
Livre terra de livres irmãos!*

2) É o Brasil, de fato, "Livre terra de livres irmãos!"?
Por quê?

3) A partir do estribilho, imaginem o que seria a liberdade hoje no Brasil.

Façam então uma encenação, de 2 minutos.

Na Assembléia cada tribo faz a sua apresentação e depois conclui com um breve comentário destacando os seguintes pontos:

○ A liberdade não se define em abstrato. É antes um risco que se assume na vida cotidiana e na história de cada povo, de cada comunidade. É uma experiência coletiva e pessoal de pertencimento. Não é a liberdade que pertence a nós. Nós é que pertencemos ou não à liberdade.

○ A liberdade só se realiza na vida prática de cada dia e na história do povo do qual fazemos parte. Um povo que não luta/busca cotidianamente a sua liberdade não é livre.

○ A liberdade é um tema central da mensagem cristã. Está no cerne da história do povo de Deus contada na Bíblia. Parafraseando a Primeira Carta de João, dá pra dizer: Deus é liberdade. Quem permanece em Deus é livre e quem experimenta a liberdade permanece em Deus e Deus nele (1 Jo 4.16).

LIBERDADE E CONVIVÊNCIA

DINÂMICA PARA TRABALHO EM GRUPOS

.....
● Roberto E. Zwetsch

Nota Introdutória

A atividade de grupo a seguir proposta está baseada em divisão descrita na nota introdutória do capítulo anterior Liberdade... até onde? e se refere ao capítulo Liberdade e Convivência da série Palavra

Tribo Azul

1) Leiam o texto:

"Foi-nos dito que liberdade é sinônimo de escolha; no entanto, o que é escolha para o comprador no supermercado que pode optar entre 20 cereais diferentes para levar para seu café da manhã (todos fabricados pela mesma companhia) ou para o estudante que pode ser treinado para qualquer carreira (dependendo da forma ou da cor de sua pele), mas terá acesso a poucas delas? O que é escolha para um eleitor num pleito de um só partido - ou num sistema bipartidário onde ambos os partidos articulam exatamente a mesma política apenas com diferenças retóricas engenhosas? Quem define as opções entre as quais escolhemos?"

A ultradireita nos contou que a liberdade deve depender de nossa capacidade de manter 'uma guerra nuclear limitada'. A extrema esquerda nos contou que a liberdade dependeria de nossa capacidade de uma 'violência revolucionária'. O insípido partido do centro nos contou que a liberdade pode ser definida por nossa capacidade de tomar Coca-Cola, de ver desenhos animados, de ter uma conta de poupança, de ter vizinhos 'do nosso tipo', e de ter duas semanas de férias todos os verões. Podemos suspeitar que a ultradireita e a extrema esquerda estendem-se não sobre uma linha reta, mas sobre uma curva, um círculo, encontrando-se no breu apocalíptico, bem como suspeitamos que o partido do centro não é o lugar da segurança e da racionalidade, mas de

.....
Prof. de Teologia Prática
da Escola Superior
de Teologia- São
Leopoldo/RS

um vazio que flui tão suavemente quanto a Disneylândia. Podemos suspeitar - mas fazer mais que suspeitar é arriscar ser livre da direita, da esquerda e do centro, como os conhecemos. Arriscar sermos verdadeiramente livres de todos eles, mas estar politicamente engajados, é um pensamento alarmante." (In: Anatomia da Liberdade, Robin Morgan, 1992, p. 23)

2) O caminho para a liberdade exige que façamos escolhas, opções. Quais opções você enxerga como jovem da IECLB? Há outras? Sugira...

Coloque num cartaz três opções para mobilizar a juventude da IECLB no caminho da liberdade.

Tribo Verde

1) Leiam o texto

"Os bastidores da adolescência

O nome não poderia ser melhor. Ciclo da Adolescência marca a estréia dos alegretenses do Bastidor em Porto Alegre. O grupo é composto por atores entre 18 e 20 anos e se formou nas oficinas de interpretação e direção dos festivais de teatro amador no interior do Estado. No ano passado, o Bastidor venceu o 4º Festival de Teatro do Vale do Paranhama com A Máscara do Futuro.

Ciclo da Adolescência comenta as descobertas e as fantasias de duas adolescentes (Vagner Souza e Letícia Santana), confrontadas com uma tia rabugenta (Alessandra Prates). Fábio Elvis é o boyzinho do bairro, calça rasgada no joelho, cabelo comprido, ideal de homem para as duas garotas. Os 55 minutos da peça pretendem provar que todo adolescente liberal acaba sempre se transformando em um adulto repressor.

O diretor Vagner Souza criou uma comédia escrachada, com tipos físicos e perfis psicológicos raspando a caricatura. Cenário e figurinos apostam nas cores berrantes, numa linguagem próxima das histórias em quadrinhos. A trilha serve para adolescentes de todas as idades, incluindo desde o Tema de Romeu e Julieta até Pretty Woman.

Vagner, 22 anos, é uma espécie de faz-tudo no Bastidor. Além de escrever e dirigir *Ciclo da Adolescência*, sua atuação como Sabrina lhe valeu o prêmio de melhor ator do Festival Estadual de Teatro Estudantil em agosto do ano passado. Ele defende uma receita para atrair espectadores aos teatros: tem de ser comédia, tem de ter relação direta com o dia-a-dia de quem está na platéia. "*Comédia dell'Arte é uma técnica extraordinária, mas não atrai o público.*" (Jornal Zero Hora, 2º Caderno, 29.01.98)

2) Discussão

- Você concorda ou discorda da opinião do autor: "todo adolescente liberal acaba se tornando um adulto opressor"?

Imaginem uma entrevista para a TV na qual a jornalista faz uma pergunta para dois jovens (rapaz e moça) que dão suas respostas no horário nobre.



Tribo Vermelha

- 1) Leiam o texto de João 8.1-11
- 2) Qual o conflito básico do texto?
- 3) Qual o significado da atitude de Jesus para aquela mulher?

Façam uma encenação a partir dessa história, dando ênfase ao tema da liberdade.

Tribo Amarela

- 1) Leiam Mateus 20.20-28 e comparem este texto com o de Filipenses 2.5-11
- 2) Como entender a liberdade para a convivência com outros a partir da proposta de Jesus?

Como tarefa, preparem uma encenação sobre suas conclusões.

A LIBERDADE CRISTÃ

DINÂMICA PARA TRABALHO EM GRUPOS

Nota Introdutória

A atividade a seguir está baseada em divisão de grupos dada na nota introdutória do capítulo Liberdade... até onde? e se refere ao capítulo A Liberdade Cristã da série Palavra.

Tribo Azul

1) Leiam o texto de Lutero

"Para conhecermos a fundo o que seja um cristão e saber-mos em que consiste a liberdade que Cristo para ele adquiriu e ofertou, de que São Paulo tanto escreve, quero frisar estas duas frases:

Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém.

Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos.

Desejas cumprir os mandamentos e ver-te livre da cobiça má e do pecado, como os mandamentos exigem? Crê em Cristo, nele te prometo graça, justificação, paz e liberdade plena. Se crês, já possuis, mas se não crês, nada tens. Porque tudo aquilo que jamais conseguirias com as obras dos mandamentos, (que são muitas, sem que nenhuma valha) conseguirás facilmente por meio da fé. Pois na fé deposte diretamente todas as coisas, de maneira que quem tenha fé, tudo tem e será salvo; mas quem não tenha fé, nada possuirá.

Lemos em Salmo 145.19: "Deus cumprirá o desejo dos que o temem; ouvirá o seu clamor e os salvará." Esta honra o cristão receberá só pela fé, jamais pelas obras. Do que ficou dito, percebe-se claramente que o cristão é livre de todas as coisas e soberano delas, sem que necessite, portanto, de boa obra alguma para ser justo e salvo. É a fé que dá de tudo em abundância.

Então, que poderá danificar ou atemorizar um coração que assim se sente? Se o pecado e a morte se aproximam, sua fé lhe diz que a justiça de Cristo é sua e que seus pecados tão pouco

.....
● Roberto E. Zwetsch

.....
Prof. de Teologia Prática da Escola Superior de Teologia- São Leopoldo/RS

são seus, mas de Cristo. Assim, o pecado se desvanece diante da justiça de Cristo pela fé, como antes foi dito, e o homem aprende a desafiar a morte e o pecado, aprende a dizer com o apóstolo (I Co 15.55-57): "Onde está, ó morte, a tua vitória?"

Passemos agora a tratar da parte referente ao homem externo ou corporal. Aqui responderemos a todos aqueles que, escandalizados com nossas afirmações, exclamam: Ah, se a fé é tudo e por si só bastante para a justificação, porque é que foram ordenadas as boas obras? Pois então vivamos a boa vida sem fazer nada! Não, meu caro, assim não.

Cabe também aqui aplicar o que antes se disse: O cristão é servidor de todas as coisas e está sujeito a todos. Isso significa que, sendo livre, nada precisa fazer; sendo servo, deve fazer muitas e diversas coisas.

Serei para com o meu próximo um cristão, à maneira como Cristo foi comigo, não empreendendo mais que aquilo que meu próximo necessita, lhe seja proveitoso, salvador; que já possuo todas as coisas em Cristo, pela minha fé." (In: Da Liberdade Cristã, Editora Sinodal, 1968.)

2) Lutero afirma que é a fé em Cristo que torna a pessoa livre de tudo e de todos. A fé no evangelho da liberdade é poderosa. Você concorda? Por que?

3) Quais as consequências dessa fé na liberdade?

Preparem um resumo da discussão para apresentar na assembléia.

Tribo Verde

1) Leiam o texto de José Comblin

"Com certeza, o evangelho de Paulo não quer negar os atributos de liberdade que os filósofos descobrem na própria natureza humana. Essa forma de liberdade de indeterminação pela qual o homem é diferente dos animais não se nega: porém ela não interessa à mensagem de Paulo. A liberdade de que o Apóstolo está falando atinge um nível mais radical e mais significativo para a existência humana. Devemos entendê-la dentro do contexto do Novo Testamento, isto é, colocá-la frente à lei do qual fala o judaísmo contemporâneo. A liberdade é a capaci-

dade de construir uma vida baseada no amor e não num sistema (de leis, preceitos, costumes ou necessidades). Ora, essa liberdade não está no homem em virtude da sua nascença; ela não é atributo de uma nação, nem de uma civilização: a liberdade é objeto do evangelho: ela é anunciada por um evangelho.

Que quer dizer: a liberdade é anunciada por um evangelho? Duas coisas: em primeiro lugar que a liberdade é dom de Deus. Um evangelho anuncia e proclama uma ação de Deus. Aqui a ação consiste em suscitar a liberdade no homem. Não podemos entender essa ação como gesto material. A liberdade não é nenhum objeto que se possa receber duma vez. Ela é um lento e progressivo processo. Deus está realizando esse processo pelo qual a liberdade emerge na criatura humana. Desse modo Deus está restaurando a sua criação: Deus tinha feito o homem livre e agora está reconstruindo essa liberdade perdida. Esse é o evangelho.

Mas aqui intervém o segundo aspecto do evangelho. A ação de Deus não há de entender-se ao lado ou fora da ação humana. Deus age no homem a partir do núcleo do seu ser. A ação de Deus é também ação do homem. Por isso, o anúncio é, ao mesmo tempo, apelo. O evangelho é apelo ao homem para que se torne livre. Pois um único processo é a ação de Deus dando a liberdade e a ação do homem conquistando essa liberdade. Por isso deve-se dizer ao mesmo tempo que a liberdade vem da parte de Deus, que Deus está tornando o homem livre, e que o homem é chamado a assumir a sua liberdade.

Se a liberdade é objeto do evangelho, isto quer dizer que a liberdade não é a condição normal e tranqüila do homem. O homem não a exerce espontaneamente. Não há nenhum instinto de liberdade, nem inclinação espontânea para a liberdade. Pelo contrário, a liberdade é uma vocação. Ela é uma opção: o homem decide fazer a opção pela liberdade ou não. Essa opção há de se manter durante toda a existência no meio de inumeráveis obstáculos. Ela é uma reconquista contra muitos fatores adversos. A liberdade é o termo de um longo processo histórico no qual colaboram as gerações sucessivas, cada uma recebendo a contribuição das anteriores, mas também pagando o preço das covardias e dos erros acumulados.

A liberdade está sujeita a todos os acidentes e às limitações, aos desvios e às parcialidades da história. A proclamação do advento da liberdade como ação de Deus na história e como vocação do homem abre um processo, um movimento histórico novo. Não se trata de uma operação-milagre que transformaria magicamente a condição humana, mas sim do início duma transformação progressiva e sempre ameaçada, sempre na necessidade de ser reassumida a cada geração." (In: A liberdade Cristã, Petrópolis, 1977, p. 25-26.)

2) A liberdade é vocação de Deus e, simultaneamente, uma opção humana. O que fazer para assumi-la na sua vida?

3) Pensem num desafio para lançar na assembléia.

Tribo Vermelha

1) Leiam os textos de Gálatas 5.1 e 6 e de 2 Coríntios 3.17.



2) Conversem sobre esta mensagem da liberdade. Você já havia se dado conta da centralidade da liberdade na mensagem de Cristo e seu evangelho?

3) Como responder a esta mensagem hoje? Pensem num desafio para levar à tribo e, talvez, para toda a assembléia.

Tribo Amarela

1) Leiam o texto

"Protagonismo juvenil: educação para a cidadania

Antônio Carlos Gomes da Costa

Em seu livro, *A Era dos Extremos*, uma das obras de não ficção mais vendidas no Brasil, Eric Hobsbawn nos fala da brevidade do nosso século. Como um mau funcionário, o século XX chegou mais tarde e compensou o ocorrido saindo mais cedo. De fato, para Hobsbawn, nosso século começa em 1914, com a I Guerra Mundial, e termina em 1991, com a dissolução da União Soviética.

Era dos Extremos é a grande conseqüência da Revolução Russa, que foi, podemos afirmar sem receio, o grande divisor de águas do acontecer político neste século. Todos os fatos podiam ser avaliados como favoráveis ou contrários a esse acontecimento básico. A Guerra Civil Espanhola, o Eixo Roma, Berlim, Tóquio, a II Guerra Mundial, a Guerra Fria e, finalmente, a queda do Muro de Berlim, com a conseqüente derrocada do chamado socialismo real.

Durante essa Era dos Extremos, também os educadores perfilaram-se em dois blocos antagônicos. De um lado, aqueles que professavam uma visão mais individualista do ser humano e uma visão de sociedade baseada na democracia política e na economia de mercado. De outro, aqueles que viam o ser humano como agente de transformação social, envolvido na dinâmica maior da luta de classes, entendida como o motor da História.

Na prática, o que tivemos foi que, no lado ocidental, prevaleceu um tipo de homem muito autônomo e pouco solidário, o self made man, o homem que se faz por si mesmo. No lado leste, por sua vez, predominou um tipo de homem compulsoriamente solidário e muito pouco autônomo.

Ao virar a página da Guerra Fria, qual deve ser nosso novo ideal antropológico? Temos defendido que seja aquele que reúna em si o melhor de dois mundos: o respeito à autonomia individual cultuado no Ocidente e os ideais de solidariedade que alimentaram o sonho socialista. Chegamos, assim, a um novo ideal de homem - solidário e autônomo.

Utopia irrealizável? Parece que não. Basta a gente parar um pouquinho e se lembrar daquela memorável série Gente que Faz, do Bamerindus. Quase todas aquelas histórias poderiam, em última análise, ser resumidas em duas palavras: autonomia e solidariedade.

Admitida essa premissa, nosso desafio pedagógico se torna a construção do jovem solidário e autônomo. Como fazê-lo? Não é preciso refletir muito para perceber que a questão central nesse desafio são os valores. Como nós, adultos, deveremos agir para transmitir às novas gerações esses valores básicos?



De cara percebemos que não por lições, prédicas, preleções, conselhos, exortações, explanações logicamente estruturadas e outros recursos nessa linha. O caminho deve ser o das práticas e vivências. É preciso reconhecer que é muito difícil para um adolescente assimilar uma atitude básica diante de si mesmo e do mundo que o cerca, senão pela vivência, pela experimentação.

É justamente essa altura da reflexão que a introdução da idéia de protagonismo juvenil vem preencher um grande vazio teórico-prático. O núcleo da proposta é que, através da sua participação ativa, construtiva e solidária, o adolescente possa envolver-se na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na sociedade mais ampla.

Para que isso possa ocorrer, os educadores familiares, escolares e comunitários devem ver o jovem como fonte de três coisas fundamentais: iniciativa (ação), liberdade (opção) e compromisso (responsabilidade). A palavra fonte quer significar que essas coisas devem brotar do jovem, e não ser introjetadas nele de fora para dentro.

Qualquer ação que, obedecido esse pressuposto básico, envolva o jovem, não numa simulação mas na resolução de algum problema concreto que transcenda a esfera das questões puramente pessoais pode ser chamada de protagonismo juvenil. Um mutirão, uma campanha, a organização de um evento, de uma associação, de uma publicação, de uma manifestação contra ou a favor de alguma coisa. Protagonismo é tudo isso e muito mais. A gama de possibilidades realmente é enorme.

Por tudo isso, a construção pedagógica do jovem solidário e autônomo através do protagonismo juvenil pode e deve ser considerada uma forma superior de educação para a cidadania." (In: Revista Pais&Teens, Ano 2, nº 6, nov/dez/jan, 1997/1998)

2) Confrontem o texto com a afirmação do apóstolo Paulo em Gálatas 5.1. Conversem a respeito.

3) Pensem num desafio para levar à tribo e, talvez, para toda a assembléia.

PANTOMIMA

UMA ENCENAÇÃO SOBRE LIBERDADE

Além de muito útil para apresentar um tema para debate a pantomima é de fácil execução, exigindo pouco ou nenhum material. Na pantomima, uma peça de qualquer gênero é encenada por atores que se manifestam simplesmente por gestos, expressões corporais ou fisonômicas, prescindindo da palavra e da música, que pode ser, também, sugerida por meio de movimentos.

A pantomima proposta a seguir tem três atores e necessita de um lençol para cada um. Ela pode ser apresentada na abertura de um programa ou encontro, e tantas vezes quantas forem necessárias para mover a platéia para a ação que é esperada.

Cena: Três pessoas envoltas em lençóis sobem no palco gemendo e gritando porque estão presas. Elas se enroscam no chão e não conseguem se levantar. A encenação termina nesse ponto.

Debate: Após a apresentação, a platéia é convidada a dizer o que a cena representou, sugerir soluções para o drama dos atores, propor questões para debate. A coordenação deve conduzir esta atividade, recolhendo as opiniões, devolvendo perguntas, incentivando a fazer relações com o cotidiano de cada pessoa.

Ao final do debate, a cena pode ser reapresentada, para ver se às palavras correspondem ações. A dinâmica pode ser encerrada com a canção "Momento Novo" ("Deus chama a gente pr'um momento novo").

AJUDANDO A RECRIAR A VIDA ATRAVÉS DA RECICLAGEM

.....
● Helena Berger (pro-
fessora), Ediana Kumm
Kipper e Flávia
Ruchdeschel Dávila
(alunas) e Aglair
Ramlow (secretária),
da Associação
Diacônica Luterana-
ADL, Serra Pelada/ES)

LEMBRE-SE:
TEM LIXO
QUE NÃO
É LIXO!!



Com as mudanças bruscas que a sociedade vem sofrendo pelo avanço da tecnologia e automação de tarefas antes executadas manualmente, cresce também o consumismo e a descartabilidade. Cada vez mais o mundo vai se tornando um espaço para depositar as sobras da chamada civilização e o espaço para a ecologia vai se estreitando.

Em nome do progresso a civilização deixa-se levar pela roldana do imediatismo que propõe maior conforto, porém, com produtos descartáveis que, como os sentimentos, não podem ocupar espaço físico. Entre esses vilões da modernidade estão as embalagens de plástico, alumínio, papel e outros que se transformam em montanhas de lixo nas periferias das cidades grandes.

A partir dessa constatação é preciso descobrir um jeito de transformar o lixo para que não represente perigo à saúde da população bem como encontrar formas de garantir recursos econômicos na transformação. Não basta jogar o lixo na lixeira para afastá-lo da população, é preciso reciclá-lo para o reaproveitamento, o que já é possível.

A reciclagem pode acontecer como alternativa artesanal, como recurso econômico, como questão ecológica e até como meio de divulgação da empresa que a faz.

No nosso caso, optamos pela reciclagem como meio de despertar dons artísticos nos alunos das aulas de artes bem como garantir um destino aceitável pela ecologia para o grande contingente de papéis que acaba se acumulando nas dependências desta casa.

Reciclagem de papel

É ótima técnica para se trabalhar com os mais diversos grupos: crianças (a partir dos 10 anos), jovens, adultos, mulheres, homens, etc. Através dela aproveitamos papéis que estão sendo desperdiçados, incentivamos mudanças no próprio comportamento e ensaiamos nova postura diante da vida no mundo.

Reciclar papel é uma forma de dar testemunho cristão visível e concreto.

Experimente vivenciar esta experiência com o seu grupo!

Abaixo vão algumas dicas para desafiar e motivar o grupo a se ocupar com a confecção do papel reciclado e criar ou recriar pequenas obras de arte com o papel feito pelo próprio grupo.

Passos no processo da reciclagem do papel

Material necessário:

Papel jornal ou outro tipo qualquer, muita água, recipiente grande (caixa d'água), liquidificador de uso exclusivo para este fim, tela fina de nylon com armação de madeira de 45 cm por 30 cm (ou conforme o tamanho do papel que se quer reciclar), uma armação de madeira na mesma medida sem tela, um pano grande (que servirá de toalha) e vários panos pequenos para a absorção da água. Além disso, muita criatividade, é claro!

Modo de fazer:

Picar o papel em pedacinhos e colocar de molho por dois dias, tendo o cuidado de trocar a água periodicamente. Ao final do segundo dia, colocar o papel junto com a água no liquidificador e triturar bem (figura 1).



Figura 1



Figura
2

Jogar essa massa dentro da caixa d'água com mais ou menos trinta litros de água (depende da quantidade de papel) (figura 2).

Sobre a tela, colocar a armadura de madeira (em forma de peneira) e afundá-la na água, abaixo da massa. Retirar essa "peneira" cheia de papel formatado pela armadura de madeira que deverá ser retirada (figura 3).

Estender o pano grande em forma de toalha sobre uma superfície plana e sobre ela emborcar a tela com a massa de papel. Com os pedaços de pano pequenos enxugar bem a tela para depois retirá-la (figura 4).

Deixar a massa secar por uns dois dias e empregar o papel reciclado

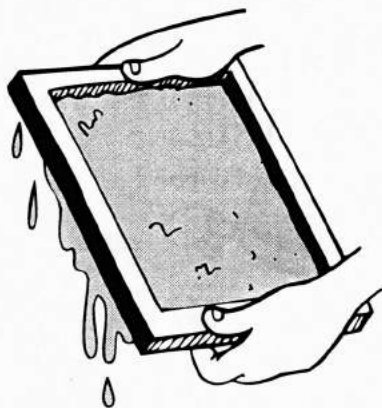


Figura 3



Figura 4

O que fazer com o papel reciclado?

Lembrancinhas: caixas de presentes, marcadores de página, cartões diversos.

Convites para encontros e festas em geral.

Brinquedos infantis (ex.: cata-vento, etc.).

Pastas para guardar material, folhas para desenhar, etc.

Outras utilidades ficam a cargo de sua imaginação e criatividade.



CRIANDO COM DESCARTÁVEIS

.....
● *Joni Roloff
Schneider*

Num mundo onde quase tudo é descartável, há a necessidade de cuidado dobrado com o lixo antes de jogá-lo na lixeira. Uma das opções saudáveis é separarmos o lixo em nossa própria casa. Outra, dependendo de onde moramos, é reaproveitar cascas e restos de comida em nosso habitat. E, uma opção para qualquer lugar e para todas as idades, é colocarmos a criatividade e habilidades manuais em ação para reaproveitarmos o lixo limpo de forma simples e barata.

Com a reciclagem do lixo limpo teremos vantagens, como:

- Diminuir o consumismo;
- Despertar a criatividade;
- Possibilitar diversão;
- Manter o ambiente limpo.

Um produto muito consumido é o refrigerante. Na maioria das vezes as pessoas o compram em garrafas descartáveis. Além de ocupar muito espaço na lixeira, a garrafa plástica leva 420 anos para se desfazer na natureza. Ao contrário das latas de bebidas descartáveis, as garrafas plásticas não tem reaproveitamento pelas empresas que as produzem. Por isso, quem sabe você lhe dá uma finalidade sadia. A garrafa plástica pode ser reaproveitada para utilidades domésticas, para confeccionar enfeites e brinquedos, ornamentar espaços, criar ambientes e inclusive construir barcos, resistentes e impermeáveis. Observe o que já existe por aí. Nós vamos dar algumas sugestões, mas lembramos que precisa haver muito cuidado ao con-

.....
Catequista, Coordenadora do Departamento Nacional para Assuntos da Juventude - DNAJ.

feccionar-se algumas delas com crianças. No mais, use a sua criatividade.

Para iniciar qualquer atividade, providencie algumas garrafas brancas e verdes e retire o invólucro da marca do refrigerante. Junte as ferramentas e adereços necessários para trabalhar com as garrafas, como estilete, tesoura de ponta, fita métrica, fita adesiva, caneta, corda, cola, fitas variadas para enfeite, flores secas e artificiais, pincel, tinta acrílica ou plástica, caneta para retroprojektor.

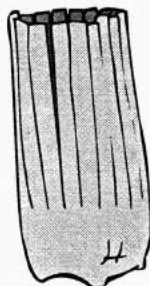
1 - Suporte para vaso de violeta ou porta-cuia

Corte uma garrafa, na horizontal, um pouco abaixo do gargalo.

Corte tiras verticais, de mais ou menos 1,5 centímetro de largura, da parte superior até uns 8 centímetros do seu fundo.

Vire as tiras para fora e as cole com fita durex contra a parede do suporte.

Faça um bom acabamento sobre a fita durex, com fita mimosa, flores secas, papel colorido, pintura com tinta plástica,...



2 - Porta-garrafa

Corte o gargalo de duas garrafas.

Faça um bom acabamento nas extremidades.

Coloque uma garrafa de licor ou vinho dentro de uma das partes do suporte e use a outra parte da garrafa descartável para tampa.



3 - Recipientes para comida

Usando a garrafa tal qual, você pode lhe dar um acabamento com colagem de papéis coloridos, com colagem de pa-



pel contact ou pintura com tinta plástica ou acrílica.

Estas garrafas podem ser usadas para conservar alimentos. O feijão, por exemplo, necessita de um recipiente bem fechado para que não se criem os carunchos. Outros alimentos, como arroz, sagu, pipoca, podem ser guardados longamente nestes recipientes.

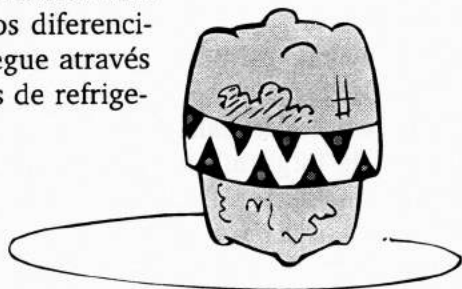
4- Guarda-balas e guarda-bombons

Você pode fazer o pote do tamanho que desejar.

Para este pote é bom ter duas garrafas de tamanhos diferenciados, o que se consegue através de marcas diferentes de refrigerante.

Para o fundo do pote, corte o fundo de uma garrafa menor. Para a tampa do pote, corte outro fundo de uma garrafa maior.

Faça o acabamento com fitas ou com pintura. Para a pintura pode ser usada a caneta para retroprojektor ou tintas.



5- Arranjos de mesa

Você pode criar o tamanho que quiser. Corte uma garrafa pelo meio, na horizontal, um pouco acima da metade.

Introduza uma rolha na boca da garrafa, que formará o suporte do arranjo. Nesta rolha meta uma flor artificial, conforme a cor do motivo da festa: confirmação, 15 anos, aniversário, bodas,...

Passe fita para dar acabamento, combinando com a cor da flor.

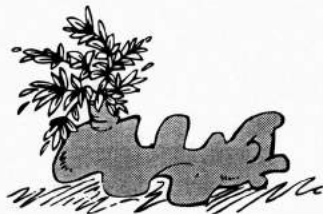


Tampe a flor com a outra parte da garrafa cortada.

Uma outra opção é colocar sagu dentro da tampa e depois virá-la sobre o suporte onde está a flor, até a altura da boca da garrafa. Desta forma se criará um outro visual.

6- Vasos multiformes ou esculturais

Uma das maneiras para transformar uma garrafa em formas esculturais, é colocar água bem quente dentro dela. Em seguida, feche-a bem.



Com o auxílio de panos, torça a garrafa, amasse-a e crie a forma que você desejar.

Tire a água quente e coloque, imediatamente, água fria. A garrafa logo endurecerá.

Agora você pode colocar folhagens que sobrevivem na água, encher a garrafa com água colorida e fechá-la bem, colocar pedregulhos coloridos ou outros elementos que criam efeitos especiais. Também é possível unir duas garrafas e criar esculturas. Depois, pode-se, inclusive, fazer recortes, vazando alguns espaços.

Uma outra opção, mais perigosa, é esquentar a garrafa sobre o fogo ao invés de enchê-la com água quente. Através deste método também é possível criar as mais diferentes formas, mas é necessário cuidar para não incendiá-la e se queimar.



7- Enfeites para ambientes

Para festas de São João ou festas infantis, pode-se usar enfeites com garrafas descartáveis. Uma das opções é recortar a garrafa em espiral. Para isso, exclua o fundo e comece a recortar, em tiras estreitas, sempre ao redor da garrafa.



As espirais podem ser presas no forro da casa ou do salão, sendo possível colocar nas suas extremidades balões coloridos. As espirais também podem ser unidas formando correntes.

Outros enfeites podem ser criados, como móveis de figuras geométricas ou de bichos.

8- Vai e Vem (brinquedo)

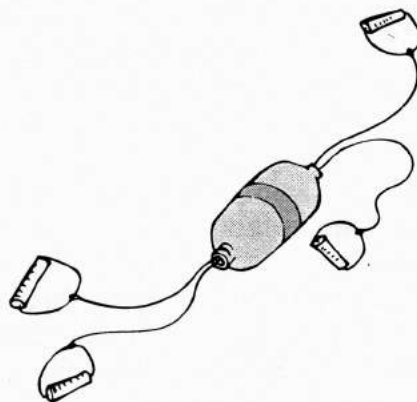
Corte fora o fundo de duas garrafas.

Emende as duas garrafas nestes cortes com fita de empacotamento.

Providencie 4 metros de corda de nylon (tipo corda para varal) e 4 pedaços de cano plástico, não muito grosso, de mais ou menos 10 centímetros. Corte a corda ao meio.

Passe os dois pedaços de corda pela garrafa. Nas 4 extremidades da corda você prende um pedaço de cano, fazendo um bom arremate.

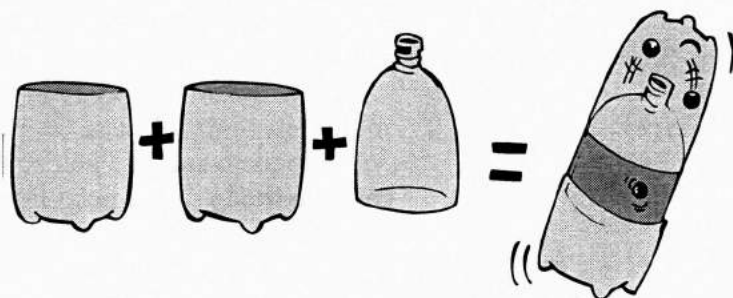
Agora é só jogar. Uma pessoa segura as cordas numa extremidade e a outra no lado oposto. Enquanto uma pessoa abre os braços, afastando a corda, a outra pessoa fecha os braços, juntando as duas extremidades da corda. Assim, a garrafa vai e vem de um lado para o outro, em movimentos acelerados ou lentos, conforme interesse.



9 - Brinquedo

Para mais um jogo divertido, individual ou coletivo, providencie duas garrafas, fita adesiva e uma ou mais bolitas (bolas de gude).

Corte duas garrafas pela metade e dispense uma metade que contenha o gargalo.



Introduza a parte que tem o gargalo pelo lado oposto, numa das outras metades.

Coloque uma ou mais bolitas dentro do recipiente. Feche o mesmo com a outra metade e passe fita adesiva na emenda.

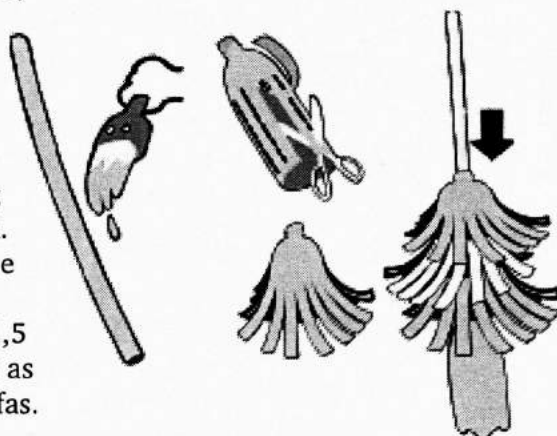
Agora é só jogar. A regra é segurar o brinquedo na vertical, tendo que ficar para cima a parte que tem a boca da garrafa. As bolitas devem estar na parte superior ao começar-se o jogo. O(A) jogador(a) terá a chance de passar as bolitas para a parte de baixo, dando impulsos tantas vezes quanto combinado anteriormente. Boa sorte!

10 - Pinheiro de Natal para casa (1)

Providencie um cabo de vassoura de mais ou menos 90 centímetros, de preferência de madeira, ou pinte um cabo plástico de marron ou verde; 19 garrafas descartáveis verdes ou brancas; 1 garrafa de 500 ml; areia e pedregulhos; enfeites de Natal.

Recorte o fundo de 19 garrafas e dispense-os.

Corte tiras de mais ou menos 1,5 centímetro de largura, do gargalo até as extremidades. Faça isso com 16 garrafas.



Corte tiras de mais ou menos 1,5 centímetro de largura, do gargalo até as extremidades. Faça isso com 16 garrafas. Em 3 garrafas recorte um pouco mais do fundo para que as tiras fiquem mais curtas e recorte tiras de 1 centímetro de largura.

Force as tiras para o lado contrário de sua posição normal.

Coloque o cabo de pé e encaixe-o na boca de uma garrafa, de modo que a boca fique virada para baixo. Proceda da mesma forma com as outras. Reserve as que têm as tiras mais curtas para o final. É importante deixar uma parte do cabo sem "galhos".

Numa garrafa inteira, de menor altura, coloque areia no fundo e pedregulho por cima. Enfie a parte do cabo sem "galhos" dentro dessa garrafa.

Agora é só enfeitar o pinheiro. No alto pode ser colocado uma estrela de 5 pontas e nos galhos podem ser colocados enfeites coloridos leves.



11- Pinheiro de Natal para casa (2)

Arrume 8 garrafas descartáveis verdes ou brancas. Caso você queira fazer maior, providencie mais garrafas.

Recorte fora o gargalo de todas as garrafas, dispensando-os, sendo que de três garrafas recorta-se fora tamanhos diferentes, para criar "galhos" mais curtos.

Recorte o restante das garrafas em tiras de mais ou menos 3 centímetros, até uns 4 centímetros antes do seu fundo.

Picote as tiras, dando cortes diagonais de 1 centímetro para dentro, dos dois lados.

Dobre as pontas dos picotes alternadamente, uma para cima e outra para baixo, dos dois lados.

Passe um arame pelo meio de todos os fundos das garrafas, prendendo-o bem no primeiro fundo.

Preencha o fundo da garrafa que sobrou com papel verde.

Sobreponha os fundos das garrafas, sendo que os mais curtos ficam na parte mais alta.

12- Pinheiro de Natal para pátio

Planeje a estrutura e tamanho do pinheiro. Providencie arame ou cordões de nylon, um poste de madeira maior que a altura do pinheiro, muitas garrafas verdes ou brancas, pregos, martelo, ripas de madeira de uns 50 centímetros de comprimento.

Faça a estrutura do pinheiro, prendendo arames mais compridos que o poste numa das extremidades. A quantidade de arames depende do tamanho do pinheiro.

Perfure o fundo das garrafas e deixe-as sem tampa. Passe tantas garrafas pelo arame quantas couberem. Faça isso com todos os arames, formando assim os galhos do pinheiro. Na parte superior não poderão ter tantas garrafas para elas não se sobreponham.

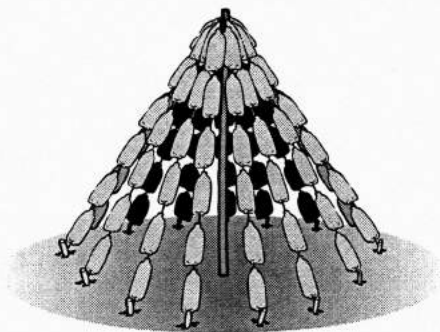
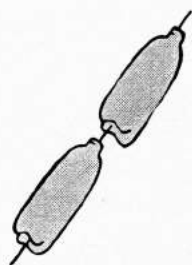
Quando os arames estiverem cheios de garrafas, faça um arremate na extremidade para que não caiam fora.

Levante o poste e enterre-o num buraco. É importante que ele fique bem firme.

Prenda cada extremidade do arame em uma ripa de madeira. Estas ripas serão enterradas no chão, na distância permitida pela estrutura.

Coloque enfeites, como topos vermelhos, estrela de cauda na ponta, ...

Outras opções: as garrafas podem ser todas levemente torcidas com a técnica da água quente, o que dará um efeito interessante. Ao longo dos arames, por dentro das garrafas, se poderá passar as luzinhas de Natal (Piscapisca), o que ficará muito bonito à noite.



13- Presépio de Natal

Idêntico ao pinheiro, pode-se fazer um presépio para colocar na rua. Você necessitará de ripas de madeira, cordões de nylon, pregos, martelo e muitas garrafas verdes e

brancas.

Construa uma estrutura de galpão com as ripas de madeira.



Passe o cordão de nylon por dentro das garrafas.

Revista o telhado do galpão/presépio com as garrafas brancas e as paredes com as garrafas verdes esticando bem firmemente o cordão.

Para que a estrutura de garrafas não resvale, passe um cordão de nylon na horizontal, dando uma laçada no cordão que sai da boca das garrafas.

Você pode dar um acabamento, como colocar barba de pau na beirada do telhado. Agora é só criar o cenário com os personagens bíblicos da história de Natal, numa cena viva ou com figuras recortadas em chapas de compensado. Feliz Natal!

14 -Luminária para acampamentos

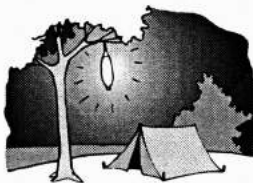
a) Fixar uma vela dentro da tampa de uma garrafa plástica de 2 litros com a própria parafina quente da vela.

b) Fazer 4 furos em volta da garrafa a 1 cm do fundo e passar dois arames fininhos os quais devem ser amarrados pelo lado de fora.

c) Os buracos devem ter 2 cm de diâmetro cada por onde sairá o calor da vela quando ela estiver acesa.

d) Amarre um cordão no arame que fica pelo lado de fora da garrafa. Com este cordão pendura-se a garrafa em árvores, barracas ou cabanas. Portanto, o comprimento do cordão fica à sua escolha.

e) Acenda a vela e enrosque a garrafa cuidadosamente na tampa. Pronto, agora pode-se pendurar a garrafa ao ar livre que o vento não conseguirá apagar a vela. Aproveite seu acampamento iluminado.



O JOGO DO LIXO

Ensinem a vossos filhos o que temos ensinado a nossos filhos: que a Terra é a nossa mãe. O que quer que aconteça à Terra, acontecerá aos filhos e filhas da Terra. Se as pessoas cospem no chão, cospem em si mesmas. Somos uma parte da Terra e ela é uma parte de nós.

As perfumadas flores são nossas irmãs; a rena, o cavalo, a grande águia - são nossos irmãos. As rochosas montanhas, os suculentos vales, o calor do corpo do pônei e o ser humano - tudo isso pertence à mesma família."

Cacique Seattle - 1854

O que o jogo pretende

Um jogo que pretenda ser razoável e possa ser satisfatoriamente supervisionado, não pode reproduzir o problema ambiental 100%. Se faz necessário, por isso, que ele se concentre em alguns aspectos, suportando desvios e parcialidades. O Jogo do Lixo concentra-se na tensão entre desenvolvimento industrial e preservação do ambiente natural; entre lucro a qualquer preço e chances de sobrevivência. As questões do crescimento populacional e do esgotamento das reservas naturais não são levadas em conta. Apresenta-se apenas um resumo das atividades de produção da humanidade (no jogo há somente indústria e agricultura). Cada jogador é, ao mesmo tempo, consumidor e político.

Tais relativizações podem levar à conclusão de que o jogo não corresponde bem à realidade e dá uma visão distorcida dos fatos. Isto está correto, em parte. O jogo não fornece dados, números ou fatos. Seu sentido é de mostrar como

.....
*Extraído de: "Des
Umwelt Spiele Buch"
Ökotoxia, Münster
Adaptação: Clovis
Horst Lindner*

são as diferentes forças e tendências em confronto, e mostrar que nossa geração precisa abandonar as milenares regras de jogo do desenvolvimento e do progresso a qualquer custo, começando a aceitar novas regras, que podem até vir a ser desconfortáveis e incomuns.

O jogo pode servir igualmente como ponto de partida para a reflexão sobre o problema mundial da preservação do ambiente natural. As informações sobre a realidade podem ser apresentadas e trabalhadas no final, durante a avaliação do jogo.

Independentemente de um questionamento ecológico específico, o Jogo do Lixo pode ser usado para exercitar comportamento cooperativo e problematizar a relação entre cooperação e concorrência.

Destinatários do jogo

Por permitir o diálogo acerca dos problemas apresentados, o Jogo do Lixo é especialmente indicado para o trabalho de formação. Pensa-se em grupos maiores de jovens a partir dos 14 anos. O número de participantes é ilimitado, desde que acima de seis. O jogo descrito a seguir é montado em torno de dez pessoas. O material deverá ser adaptado ao número de jogadores.



Material

10 lotes de terra: Quadrados de cartolina marrom, divididos em quatro campos. Cada jogador recebe um. Todos os lotes em conjunto formam a superfície da Terra, que permanece a mesma durante todo o jogo, sem que possa ser acrescentado ou subtraído nenhum lote. (Para a criação das peças necessárias ao jogo, deve-se aplicar a criatividade. Nada de comprar peças prontas! Fabrique-as você mesmo. Para isso, você certamente encontrará o que precisa entre a sujeta de sua casa. Não hesite em utilizar seu lixo para isso.)

10 habitantes: Peças de ludo ou de xadrez. Cada jogador é representado por uma peça sobre a superfície da terra.

3 fazendas: Placas verdes do tamanho de um lote, também divididas em quatro campos. Uma fazenda somente poderá produzir assentada sobre um lote. Portanto, não pode ser colocada em qualquer lugar, ao lado da terra.

10 fábricas: placas cinza, do tamanho de meio lote, divididas em dois campos. Também a fábrica só pode ser edificada em terreno disponível. Pode ocupar dois campos de um lote ou, em havendo acordo, um campo de cada lote de dois vizinhos.

60 produtos industrializados: porcas ou roelas coloridas. Devem ser do tamanho que caibam quatro num único campo.

30 produtos agrícolas: peças verdes ou amarelas (também podem ser usados grãos, como milho ou feijão).

10 x \$ 5.000,00: Dinheiro de brinquedo, ou feito de pedaços de papel (notas de 10, 50, 100, 500 e 1000). Disponível, por exemplo, no Jogo da Vida, da Estrela.

Início do jogo

Cada jogador recebe um lote de terras. Os lotes são montados sobre a mesa (ou sobre mais mesas, no caso de grupos maiores) na forma de continentes. O jogo torna-se mais emocionante quando os continentes são de tamanhos diferentes.

O transcorrer do jogo vai determinar diferentes conflitos de interesses entre os continentes (países do terceiro mundo contra países industrializados), podendo isso acontecer de maneira consciente. Para tal, é necessário que os jogadores de um mesmo continente formulem interesses comuns e tentem impô-los ao outro continente.

Os jogadores são divididos em fazendeiros e industriais. A relação numérica entre ambos é muito importante para o bom funcionamento do jogo. Um terço (o mais exato possível) deve ser de fazendeiros. Os demais serão

Para matemáticos: O jogo só dá certo quando pelo menos 5/8 dos jogadores forem industriais e, no mínimo, 1/4 de fazendeiros.



industriais. Se o número de jogadores não é divisível por três, arredonda-se. Com dez jogadores, portanto, teremos três fazendeiros e sete industriais.

A tensão do jogo também aumenta na medida em que os diferentes continentes tenham número desigual de fazendeiros e de industriais. Colocamos, portanto, dois fazendeiros no continente menor, e somente um no maior.

Para o início do jogo, cada fazendeiro e cada industrial receberá uma fazenda e uma indústria, respectivamente. As demais indústrias ficam, por enquanto, nas mãos do dirigente do jogo. Além disso, cada um receberá um habitante e \$ 5.000,00 em dinheiro. Os fazendeiros colocam sua fazenda sobre seu lote, e os industriais a sua indústria. Os moradores são colocados em campos livres. Cada habitante necessita de um campo inteiro como espaço de moradia. Portanto, não podem morar duas pessoas num único campo. Mas, certamente se poderá comprar um campo de outro jogador para morar, ou até mesmo alugar um, acertando preço ou contrato de aluguel.

Os fazendeiros poderão habitar um dos campos de sua fazenda. Este campo, no entanto, não poderá mais ser utilizado para a produção agrícola, restando-lhe apenas três campos para o plantio. Caso um fazendeiro queira produzir em todos os quatro campos de sua fazenda, precisará comprar ou alugar um campo para morar. Fábricas não são habitáveis.

Quando os jogadores estão instalados em seus lotes, o dirigente supervisiona se há campos agrícolas suficientes à disposição.

Cada campo alimenta um habitante.

No nosso caso deve haver, pelo menos, 10 campos agrícolas livres. Se todos os fazendeiros mo-

rarem em seus lotes, haverá somente nove campos produzindo alimentos. Um fazendeiro, portanto, precisará morar em outro campo. Caso contrário, um dos jogadores morrerá de fome logo no início. Esta orientação é necessária quando menos de um terço dos jogadores são fazendeiros (quando

há 7, 10, 13, 16 ou 19 jogadores). Nos demais casos, todos os fazendeiros poderão morar em suas fazendas. Essa contagem meio confusa infelizmente não pode ser evitada, uma vez que o jogo precisa ser orientado de tal forma que os problemas ambientais possam ser solucionados na medida certa. A solução não pode ser muito fácil, nem impossível. Por isso, a correlação numérica tem que ser exata.

Os valores

O dirigente explica a todos como suas posses serão classificadas em termos de valor financeiro no final do jogo:

1 lote.....	\$ 2.500,00
1 fazenda.....	\$ 2.500,00
1 fábrica.....	\$ 2.500,00
1 produto agrícola.....	\$ 500,00
1 produto industrializado..	\$ 500,00

O dinheiro é para este fim. Cada um recebe \$ 5.000,00 em dinheiro no início do jogo. A tabela de preços vale somente para o cômputo final. Durante o jogo não haverá tabelamento de preços. Nesse período o industrial, por exemplo, poderá vender seu produto industrializado a \$ 1.500,00, se alguém estiver disposto a pagar tal preço. O dirigente do jogo também não venderá nenhum produto ou meio de produção em troca de dinheiro durante todo o jogo. O banco somente fornece algo em troca de produtos industrializados (p. ex.; uma indústria em troca de quatro produtos industrializados). Negócios em espécie somente poderão ser realizados entre os jogadores.

O ano de jogo

O jogo transcorrerá em ritmo de anos, tendo cada um quatro estações. Cada estação tem sua função específica:

Primavera: PRODUZIR

Verão: NEGOCIAR

Outono: CONSUMIR

Inverno: DESCARREGAR O LIXO

O dirigente do jogo precisa estar atento para que, em cada uma das estações, aconteça somente aquilo que está previsto. No outono não deverão mais ser realizados negócios. Na primavera não se poderá mais descarregar lixo. A estação seguinte deve ser anunciada com clareza pelo dirigente quando a atividade da estação anterior tiver chegado ao fim.

Primavera: PRODUZIR

O dirigente coloca um produto sobre cada campo em condições de produzir. Portanto, dois produtos industrializados em cada fábrica e quatro (ou três no caso de um dos campos ser habitado) produtos agrícolas em cada fazenda.

O preço é regido pela lei da oferta e da procura. Alguém poderia, por exemplo, comprar muitos produtos agrícolas baratos e revendê-los no mesmo verão a preços mais elevados aos que dormiram e ainda precisam comprar comida. Comprar produtos industrializados é especialmente lucrativo pois, o mais tardar em quatro anos, serão necessários para eliminar lixo ou adquirir novas fábricas. Produtos estocados logicamente também poderão ser revendidos em verões futuros. Além disso, cada um é livre para vender, arrendar ou comprar terras e meios de produção.

Verão: NEGOCIAR

Cada jogador precisa consumir um produto industrializado e um produto agrícola por ano. Ele pode abastecer-se de sua produção própria, mas precisa adquirir o que não produz. Durante o verão cada fazendeiro deve adquirir pelo menos um produto industrializado, enquanto que cada industrial precisa de pelo menos um produto agrícola. No verão também podem acontecer mudanças de residências. Os jogadores podem fazer contratos entre si, fundar indústrias associadas (SA) e multinacionais, podendo igualmente estabelecer planos e estratégias de ação conjunta. Quem comprou quatro produtos industrializados no decorrer dos anos, poderá trocá-los junto ao dirigente do jogo por uma nova

indústria, para a qual obviamente necessita de (alugar, arrendar) dois novos campos de terra para poder instalá-la.

Também no verão (e somente no verão!) o lixo poderá ser jogado fora. Este ainda não é o caso no primeiro ano, mas se mostrará necessário em breve, pois o lixo se amontoará aos poucos em vários campos. Para sanear um campo, é preciso dar um produto industrializado ao dirigente do jogo, que retirará todo o lixo do campo solicitado. Livrar um campo do lixo custa sempre um produto industrializado (ou um novo preço estabelecido livremente pelo dirigente a qualquer altura do jogo), não importando a quantidade de lixo que nele esteja. Findo o verão, todas as fazendas e indústrias precisam estar vazias. Quem ainda tiver algum produto nelas, deve retirá-lo e torná-lo sua propriedade particular, isto é, o coloca sobre a mesa diante de si.

Outono: CONSUMIR

Cada jogador dá ao dirigente do jogo um produto agrícola. Isto equivale à quantia de alimentos de que precisa para viver por um ano. Quem não tiver nada para comer, morre. Seu morador é retirado do campo e seu meio de produção pára. Portanto, não será mais preenchido com produtos.

Em seguida, cada jogador apresenta um produto industrializado. Quem não o possui, fica sem produzir na próxima primavera. Sua fábrica ou fazenda permanecerá vazia.

Inverno: DESCARREGAR LIXO

Cada jogador precisa descarregar um produto industrializado como lixo. Ele poderá depositá-lo em qualquer lugar, menos em sua indústria. Também não está preso aos limites de sua propriedade. Os demais jogadores não o podem impedir, a não ser que façam contratos e acordos entre si. O lixo, no entanto, precisa ser descarregado, uma peça por habitante.

Cada campo suportará o depósito de até quatro peças. Caso o lixo seja depositado num campo habitado, o morador sofrerá duras consequências. Com uma peça ainda não

lhe acontece nada. Mas, se forem depositadas duas ou três peças em sua habitação, ele ficará doente. Durante esse período ele não poderá produzir, até que sua habitação esteja livre do lixo ou ele se mude para outro campo que esteja limpo. Ambas as coisas só poderão acontecer no próximo verão. Desta maneira, ele permanecerá pelo menos uma vez na primavera seguinte sem receber novos produtos. Ele igualmente estará impedido de passar seu meio de produção a outro jogador, para que este produza em seu lugar. Isto também só poderá acontecer no próximo verão. Com quatro peças de lixo em sua habitação o morador morre. Ele se retira do jogo e seus meios de produção permanecem vazios.

Também a agricultura sofre muito com o depósito de lixo. O campo agrícola com lixo não pode mais produzir, mesmo que haja somente uma peça de lixo sobre o mesmo.

Balanço final

O jogo vai por mais de 10 anos. Quando todos os jogadores descarregaram seu lixo pela décima vez, as posses são somadas, os bens segundo as cotações dadas acima e as quantias em dinheiro. Aquele que tiver mais posses, venceu o jogo. A pergunta mais importante, no entanto, é se o grupo conseguiu resolver o problema do lixo a contento sem ter sacrificado pessoas nesse processo.

Assim poderia ser a aparência de um continente na primavera do quarto ano: Em baixo, uma fazenda com 3 produtos agrícolas. O fazendeiro mora no quarto campo (1). Na maior parte dos campos livres há lixo depositado. O jogador número 3 está doente por ter duas peças de lixo em sua casa. Nas outras fábricas há dois produtos industrializados em cada uma. O jogador número 5 ainda pode produzir porque tem somente uma peça de lixo em sua casa. Os moradores 2 e 4 têm dois produtos industrializados em reserva cada um. Os semicírculos na borda mostram as propriedades particulares de cada jogador. O continente precisa importar alimentos por-

que tem pouca agricultura. Em troca, exporta produtos industrializados ao outro continente.

Segunda passagem

Somente poucos grupos conseguem uma solução para o problema ambiental já na primeira rodada sem sensíveis perdas. Quanto menos os jogadores planejarem em tempo hábil, desenvolvendo conceitos, tanto mais mortífero é o transcorrer do jogo. Há crises de fome, alguns sufocam no lixo, outros ficam na miséria, as indústrias mais fortes aniquilam as concorrentes. O transcorrer do jogo mostra a imagem de um capitalismo descontrolado e impiedoso que sacrifica todos os mais fracos.

Caso a primeira rodada tenha transcorrido dessa maneira, o dirigente interrompe para um diálogo a respeito. Deverá ficar claro a todos que, assim, o mundo terá poucas chances de sobrevivência. A tarefa de uma segunda rodada será o desenvolvimento de melhores condições de sobrevivência.

Isto pode acontecer de diferentes maneiras. O grupo poderia estudar leis que possibilitem a sobrevivência de todos, e que poderiam ser adaptadas e corrigidas constantemente durante o jogo. O grupo também poderia eleger um governo responsável pela sobrevivência de todos, que teria poderes para emitir leis, cobrar impostos e intervir no mercado sempre que necessário. Grupos grandes poderiam, além disso, formar partidos que desenvolvessem diferentes programas de governo e enfrentassem eleições. Uma constituição poderia determinar a periodicidade dessas eleições. Sob essas novas condições o jogo correrá mais uma vez durante dez anos. Mostrar-se-á aqui se leis convenientes podem salvar a humanidade de uma catástrofe ambiental.



Avaliação do jogo

1) Metacomunicação

Já no transcorrer do jogo os participantes não poderão evitar uma reflexão em torno de sua comunicação. Comunicação tem aqui a forma da negociação, do comércio, dos acordos e da polarização. Os industriais compreenderão logo que breve lhes faltará comida, se poluírem os campos agrícolas. E os fazendeiros perceberão que não podem preparar seu campos sem a técnica que a indústria lhes coloca à disposição. Um depende do outro.

A pergunta pela maneira de produzir não poderá mais ser respondida apenas a partir do próprio empreendimento, mas unicamente a partir do jogo de trocas entre os diferentes setores da economia. Por isso, os jogadores, mais cedo ou mais tarde, vão começar a refletir sobre sua maneira de jogar, se quiserem permanecer com vida. Dessa forma, vão começar a pensar em leis que ajudem a melhorar essa convivência e aprenderão que deve ser assim também na vida real.

2) Emoções

O jogo também pode ser analisado a partir da comunicação não-verbal dos jogadores. São os gestos, os sinais, os movimentos da face, os gritos e barulhos que o grupo emite, e que certamente vão crescendo durante o jogo. Alguns começam a transpirar, ficam vermelhos, gesticulam com as mãos. Tais sinais indicam que o grupo está diante de uma tarefa hercúlea, cuja resolução provoca relações emocionalmente carregadas. Descubrem assim que a solução não se dá somente num plano material. Na política mundial também não é diferente, pois as relações entre países e grupos de interesse envolvem também ligações e ressentimentos irracionais e passionais.

O Jogo do Lixo, na verdade, é uma maquete do mundo. Por isso, mais importante do que o jogo em si é a avaliação posterior. Nela, os jogadores poderão comparar as experiências do jogo com as da vida real, na qual a humanidade inteira está empenhada em depredar os recursos naturais do planeta, comprometendo sua sobrevivência sobre a Terra. Depois deste jogo, os que dele participam não poderão mais ser os mesmos, especialmente no que diz respeito ao trato com o ambiente natural.

Regras resumidas para o dirigente

Antes do início do jogo

✓ Cada jogador recebe um lote. Juntar na forma de cotinentes (de tamanhos diferentes).

✓ Dividir os jogadores em fazendeiros e industriais. 1/3 de fazendeiros; o restante de industriais. Se a conta não fecha, olhar as regras ampliadas.

✓ Uma fazenda por fazendeiro; uma indústria por industrial.

✓ \$ 5.000,00 (ou equivalente) por jogador.

✓ E, naturalmente, uma peça que represente o jogador sobre a mesa.

✓ Colocar os habitantes sobre campos livres. Não podem morar dois habitantes em um campo. Mas, é possível comprar ou alugar um campo para morar. Campo habitado não pode mais ser plantado. Não se pode morar em fábricas. Caso não existam suficientes campos livres para a agricultura (cada campo alimenta um habitante/ano), um jogador deve morar fora de sua fazenda (necessário com 7, 10, 13, 16 ou 19 jogadores).

Preços/Comércio/Banco

· Informar os jogadores sobre o valor de seus bens (ver tabela à p 57.)

· Não haverá tabelamento de preços durante o jogo (a não ser que venha a ser estabelecido em acordo pelos jogadores). Vale a lei do livre mercado, regulado pela oferta e procura.

· O banco só fornece novos bens em troca de produtos industrializados. Nada pode ser comprado com dinheiro junto ao banco.

Estações do Ano

Primavera - Produzir

· (Atenção: observe possíveis limitações por causa do Outono e do Inverno)

Para facilitar a tarefa de dirigir o jogo é bom formar uma dupla de dirigentes ou até mesmo uma equipe de coordenadores. Enquanto um dirige, o outro distribui os meios de produção e um terceiro encarrega-se de coordenar a mudança das estações.

- Colocar quatro produtos agrícolas em cada fazenda. Caso um dos campos da fazenda seja habitado, colocar somente três produtos.

- Colocar dois produtos industrializados em cada indústria.

- Nas outras rodadas, verificar o grau de poluição de cada campo, observando também a saúde de quem pretende produzir.

Verão - Negociar

- Cada um pode negociar produtos industrializados e agrícolas com os outros. O preço é determinado pelo livre mercado.

- Vender, alugar, trocar terras ou meios de produção.
- Fazer contratos, fundar empresas associadas, elaborar planos.

- Troca de quatro produtos industrializados por uma nova fábrica (necessários dois campos livres para implantação). Somente junto ao banco.

- Eliminar lixo (no primeiro ano ainda não é o caso). Isto significa: um campo contaminado pode ser limpo em troca de um produto industrializado.

- Limpar todos os campos: tornar os produtos propriedade particular.

Outono - Consumir

- Um produto agrícola de cada jogador à direção do jogo. Quem não tem, morre de fome (retira-se o morador do campo de habitação). Não produz mais (não preencher mais seus meios de produção).

- Cada jogador precisa apresentar um produto industrializado. Quem não tem, fica sem produzir na próxima primavera (campo permanece vazio).

Inverno - Descarregar Lixo

- Cada um descarrega um produto industrializado como lixo (no máximo quatro peças por campo). Podem ser colocados em todos os lugares, menos em fábricas.

Mudanças nessa "liberdade" só poderão acontecer por meio de contratos ou leis.

- Lixo em campos habitados: duas ou três peças fazem o habitante ficar doente (não pode produzir mais até que sua casa esteja despoluída ou ele tenha se mudado para outra casa no verão seguinte). Quatro peças de lixo na casa provocam a morte do morador (não produz mais).

- Lixo em campos agrícolas significa que não cresce mais nada, mesmo que tenha apenas uma peça no campo.

Balanço Final

- Tempo de jogo: dura acima de 10 anos (rodadas de estações).

- Contar bens e dinheiro. Quem tem mais, ganhou o jogo... ou talvez, na verdade, o tenha perdido?

O encaminhamento correto do jogo e seu desenvolvimento satisfatório dependem muito do dirigente. Por isso, ele deve inteirar-se o máximo possível das regras que determinam seu funcionamento e, principalmente, da intenção principal, que é a aprendizagem do cuidado com a natureza.

O FIM DO MUNDO

.....
● Franz Hohler

Então olhei e vi uma nuvem branca, e sentado nela estava um ser que parecia um homem, com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice afiada na mão.

Outro anjo saiu do templo e gritou bem forte para o que estava sentado na nuvem:

– Use a foice e faça a colheita, pois já chegou a hora de colher. A Terra está pronta para a colheita! Depois o que estava sentado na nuvem passou a foice sobre a Terra e fez a colheita. (Apocalipse)

Dinâmica: Este texto pode ser usado de várias formas. Pode ser transformado em jogral, em encenação dramatizada, em motivação para discussão ou simplesmente em texto de meditação numa reunião grupal ou num retiro.

O fim do mundo, senhoras e senhores, segundo o moderno saber,

deverá, por certo, assim acontecer:

Inicialmente vai sumir um insignificante besouro que vive numa pequena ilha do Pacífico Sul.

O tal besouro era, no dito popular, absolutamente inconveniente, e todos irão vibrar:

Graças a Deus, este besouro sumiu finalmente e, com ele, a coceira miserável que causava, e também o fedor da sujeira em que habitava.

Pouco tempo depois

os habitantes da dita ilha vão notar

que, pela manhã, entre os pássaros a cantar,

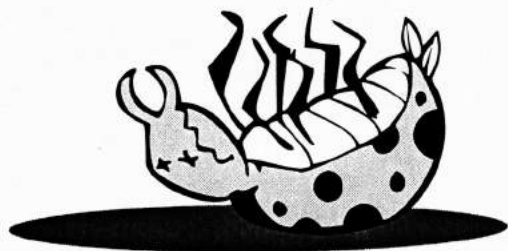
falta uma voz,

alta e de bom estrilo,

tal como o ensurdecido canto do grilo.

É a voz daquele pássaro cujo manjar, com certeza,

era aquele insignificante e fétido besouro.



Pouco tempo depois
os pescadores da pequena ilha terão notado que,
em suas redes, sumiu uma espécie,
de um tipo de peixe pequeno e
especialmente delicado que...

Aqui é necessário interromper e
falar que o dito pássaro de canto exemplar
tinha o costume de fazer longas revoadas sobre o oce-
ano e, ao voar, sobre as águas costumava defecar.
Suas fezes eram, para aquele pequeno peixe,
o pão de cada dia.

Pouco tempo depois
os habitantes do continente,
em cujas proximidades está aquela ilha do Pacífico,
perceberão que em todos os lugares, nas árvores, nos
gramados, nos trincos das suas portas, sobre a comida,
nas roupas sobre a pele e entre os cabelos
se escondem minúsculos insetos pretos
que eles jamais viram.
E não compreenderão o que está acontecendo,
pois não podiam saber
que aquele pequeno e especialmente delicado peixe
servia de alimento a um peixe bem maior e nada deli-
cado que, por sua vez, se alimentava de outra espécie pe-
quena e amarela, que tinha sua ração diária naquele in-
seto preto.

Algun tempo depois os habitantes da Europa irão per-
ceber que os preços dos ovos dispararam exageradamente.

E os granjeiros dirão que o milho, do qual se produz a
maior parte da ração para as aves, não está mais sendo
enviado daquele continente em cujas proximidades fica
aquela pequena ilha do Pacífico;

por causa de alguma praga de insetos que, combati-
dos com sucesso com inseticidas, fizeram perecer também
o milho.





Pouco tempo depois,
agora cada vez com maior rapidez ,
não aparece mais frango algum sobre a mesa.
Em busca de um substituto para o milho desapareci-
do, dobrou-se a porção de farelo de pescado na ração das
galinhas.

Mas, como se sabe, todo peixe hoje em dia,
está contaminado com seu teor de mercúrio...
e agora,
há uma mortandade mundial de frangos.

Pouco tempo depois,
os habitantes daquela pequena ilha no Pacífico
fugirão em polvorosa
da praia para dentro de suas casas;
porque nem imaginam o que pode ser aquilo que aca-
baram de ver.

Acontece que o mar, e se faz necessário observar,
não havia vento, o céu estava azul
e o movimento das ondas era pequeno como em dias
de mais absoluta calma;
e, naturalmente, ninguém sabia que,
naquele mesmo dia,
no mundo inteiro as pessoas fugiram
apavoradas das praias para o interior de suas casas,
chamando pelo nome aquela excepcional maré.

Pouco tempo depois,
os habitantes daquela pequena ilha do Pacífico
descerão dos telhados de suas moradias
para dentro de seus barcos de pescarias
e navegarão em direção àquele continente
do qual o milho se fez ausente.
Mas, também lá o mar subiu muitos metros
e, tanto as cidades da costa quanto os portos, já se
encontram sob águas profundas.

Pois, tudo isso veio a acontecer porque,

assim era necessário proceder,
queimaram-se todas as aves,
6 bilhões de animais, envenenadas como estavam.
A nuvem de fumaça preta que isso originou
deu à atmosfera,
já extremamente comprometida por aquecimento e
queimadas,
o golpe de misericórdia.
Ela deixava, como sempre fazia,
passar a luz e o calor do dia;
mas, esse calor não podia mais sair aquecendo-se,
por isso, o ar de tal
maneira que começaram
a derreter as geleiras
dos pólos, onde a tem-
peratura subiu e, com ela,
o nível dos oceanos.

O apocalipse sempre
tem sido encarado como
uma realidade futura vin-
da dos céus.

Para muitos, como ame-
aça e pavor.

A indomável tendência
destruidora da humanida-
de em nossos dias, no en-
tanto, traz o apocalipse
para bem mais perto de
nós, como horrível possibi-
lidade criada pela mão do ser
humano.

Só a esperança de novos céus e nova terra
– razão da esperança dos cristãos –
é que pode nos animar à luta em defesa da Criação
ameaçada pelo apocalipse que não vem do Senhor
da História.



Pouco tempo depois
as pessoas que, entrementes,
fugiram para as montanhas,
irão perceber por detrás dos cumes dos montes uma
luz de rara palidez.

E não saberão o que pensar,
pois, pode-se ouvir um leve trovejar.
E, quando alguém dos mais velhos profetizar
que agora iniciou a grande batalha
pelo último espaço que sobrou para seus povos,
outro perguntará, cheio de amargura,
como, pelo amor de Deus,
as coisas chegaram a tal ponto?

Pois é, senhoras e senhores,
o mar subiu, porque o ar superaqueceu;
o ar superaqueceu,
porque os frangos foram queimados;
os frangos foram queimados,
porque continham mercúrio;
mercúrio continham, porque lhes deram peixe;
o peixe virou ração, porque o milho sumiu;
o milho sumiu, porque foi usado inseticida;
inseticida era necessário,
porque os insetos tomaram conta;
os insetos tomaram conta,
porque um peixe não os comia mais;
o peixe não mais os comia, porque foi comido;
comido ele foi, porque um outro morreu de fome;
O outro morreu de fome,
porque um pássaro não voava mais;
o pássaro não mais voava,
porque um besouro sumiu;
aquele besouro fedido que deu início a tudo.

Permanece a pergunta
que se levanta com arrepio:
Por que, afinal, esse besouro sumiu?



Isso, senhoras e senhores,
infelizmente ainda não está claro.

Mas, tenho cá comigo que ele se alimentou de forma errada.

Ao invés de capim,
comia capim com óleo.

Ao invés de folhas,
comia folhas com fuligem.

Ao invés de água,
bebia água com ácido...

Assim, com o tempo, se é surpreendido pela doença.

Permanece ainda a pergunta
para a qual estou a me precaver:
Quando, afinal, isso vai acontecer?

Os cientistas normalmente coçam sua sábia cabeça
e dizem: talvez em dez, ou em vinte anos;
talvez em cinquenta, ou até em cem!

Por mim, julgo diferente.

Estou certo, senhoras e senhores,
que o fim do mundo já teve seu início há tempos.



SOLIDARIEDADE E AÇÃO

.....
Regina A. Fracassi
Marques

.....
51 anos, dona de casa,
casada, mãe de três
filhos, natural de Jaú -
São Paulo, residindo em
Porto Alegre desde
fevereiro de 1981.
Católica, atuando na
Comunidade Santíssima
Trindade (Vila Dique),
através da Equipe de
Apoio da Paróquia
Cristo redentor de POA,
como assessora e tesou-
reira da Associação de
Catadoras de Materiais
Recicláveis Membro da
Equipe de Apoio à
Promoção Humana.

Ao se deparar com seres humanos que recolhiam materiais nos lixões, inclusive frutas e verduras para saciar a fome, algumas pessoas, com formação cristã, idealizaram uma maneira de melhorar a vida desses irmãos menos favorecidos.

Seguindo um caminho já existente em Canoas, foi planejado um galpão onde as pessoas pudessem fazer a separação do lixo e onde pudessem estocar o material para uma posterior venda. Junto a este trabalho de separação do lixo, o grupo voluntário exercia um trabalho humanitário entre essas pessoas, promovendo a união e a auto-estima, valorizando assim essas pessoas como seres humanos.

Passou-se a conscientizar a comunidade, através de palestras, slides e depoimentos, para que selecionassem o seu lixo. A coleta do lixo começou a ser feita em igrejas, escolas, órgãos públicos e prédios residenciais, por um pequeno caminhão emprestado por uma instituição religiosa. Outras pessoas e empresas passaram a entregar seus resíduos diretamente nos galpões de reciclagem, que agora, dez anos depois, continuam fazendo a entrega com a mesma regularidade.

Logo após a construção dos dois primeiros galpões, houve a implantação da coleta seletiva do lixo, pela prefeitura de Porto Alegre. A referência da seleção de lixo foi este trabalho iniciado pelo grupo voluntário, que já vinha sendo feito. A partir de então, passou-se a atuar em conjunto, sendo o resultado da coleta entregue nos galpões de reciclagem. Hoje existem oito unidades de reciclagem na Capital.

A proposta deste trabalho, além de gerar empregos, melhorar a renda das recicladoras, é promover a preservação do meio ambiente.

Vou falar mais especificamente sobre uma unidade de reciclagem, com a qual mantenho contato diretamente, que é a Associação de Catadoras de Materiais Recicláveis Santíssima Trindade, situada na Avenida Dique, atrás do aeroporto de Porto Alegre. Aproximei-me deste trabalho através de um grupo de jovens. Após assistir uma palestra sobre a realidade das pessoas que faziam a separação do lixo, a comunidade eclesial resolveu fazer uma campanha para arrecadar "sucata", que seria armazenada no pátio interno da igreja, de onde depois o caminhão recolheria. De quem não tivesse condições de levar até a igreja, o grupo de jovens faria a coleta. Como eu tinha um carro relativamente grande (uma Caravan), coloquei-me à disposição dos jovens para fazer o serviço de transporte. O trabalho se tornou tão gratificante que passei a gostar do que fazia.

Com a chegada da coleta seletiva em nossa cidade, não tinha mais sentido fazer a campanha. Fiquei afastada por algum tempo desse serviço, porém separando metodicamente meu lixo em casa e entregando no galpão. Nessa época a Irmã Cristina, da Igreja Católica, era quem acompanhava o trabalho dessas mulheres, orientando, ensinando e ajudando a separar todos os tipos de materiais.

Certo dia a Irmã Cristina adoeceu, tendo que ficar afastada por bastante tempo do galpão. Foi então que novamente coloquei-me à disposição, e mesmo com a volta da Irmã, continuei envolvida no trabalho. Atualmente a Irmã Cristina trabalha em Fortaleza- Ceará, na área da prostituição infantil, e está tentando um trabalho com a separação de lixo.



Nesta unidade de reciclagem trabalham 13 mulheres e três homens. São 16 famílias, com seus dependentes, num total de aproximadamente 70 pessoas que sobrevivem da renda do lixo.

No galpão, o lixo é separado da seguinte forma: plástico, de diversos tipos; papéis, também de vários tipos; vidros, novamente de vários tipos; cacos de vidro; alumínio; latas; ferros; radiografias; cartuchos de impressoras. Todo material possível é prensado, enfardado, estocado e vendido, quase sempre para os atravessadores, no final da semana, ou quando houver uma quantidade suficiente para ser vendido.

Nas sextas-feiras é feita a divisão da renda entre as associadas, em partes absolutamente iguais, descontando as faltas ao serviço, quando houver. Da receita é descontado um percentual que é depositado na conta da Associação para as despesas com luz, arame para os fardos, óleo para as prensas e despesas que eventualmente possam surgir. Havendo um saldo no final do ano, que supera a previsão de despesas, parte do dinheiro é dividido entre as associadas, proporcionalmente ao tempo de trabalho no ano.

Atualmente o galpão está em fase de reconstrução, pois um incêndio destruiu totalmente o prédio, os maquinários, o material que estava estocado para a venda. Dele sobrou o sonho de ver tudo funcionando novamente e a solidariedade das pessoas, empresas, DMLU, entidades sociais e religiosas, que estão colaborando financeiramente para a sua reconstrução. Com a falta do galpão, o DMLU improvisou um outro espaço para a continuidade do trabalho.

A Associação é uma Cooperativa, com Estatutos Sociais e Regimento Interno definido pelas associadas, tendo presidente e vice, 1ª e 2ª secretária e 1ª e 2ª tesoureira.

Por que reciclar?

Todos nós temos responsabilidades para com o meio

ambiente. Temos a obrigação de preservá-lo. Ouvimos muito isto, porém o que fazer?

Em primeiro lugar é preciso ter consciência de qual mundo queremos para nós, nossos filhos, nossos netos.

Partindo do princípio de que LIXO É MATÉRIA PRIMA DESORGANIZADA, a solução fica fácil: é só organizar. Separando o lixo dentro de casa, teremos uma surpresa ao ver que o lixo orgânico é produzido em quantidade muito menor que o lixo reciclável.

Agora que já está separado, não é mais lixo. O material orgânico, depositado na terra, a fertilizará. O reciclável será devolvido às indústrias. Desta forma, reciclando papéis, corta-se menos árvores; reciclando plástico, poupa-se petróleo; no vidro, economiza-se a areia; nas latas, ferro e alumínio, economiza-se minério. E é claro, poupamos energia em toda reciclagem. Se na sua cidade não existe uma unidade de reciclagem, pense uma! Entre em contato com a prefeitura, as Igrejas, os empresários. Vá atrás do mundo que você quer para seus filhos e netos, caso contrário, quando eles começarem a caminhar, não vão ter onde por os pés.

Ao vermos garrafas, latas, plásticos e outros lixos recicláveis atirados na rua, sabemos que os bueiros ficarão entupidos, provocando alagamentos e, inclusive, mortes. O mesmo acontece com as praias, os rios, os arroios e os valões que estão cheios de detritos que não se decompõem com facilidade. Quando jogamos fora qualquer tipo de material, sem dar destino correto a ele, podemos ter duas certezas:

- Estamos tirando um pouco de comida do prato do nosso irmão;

- O mundo que escolhemos não é aquele idealizado por Deus.

RECICLADO

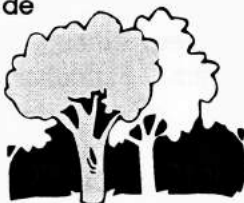
Economia de
Petróleo e
energia



Economia de
areia e
energia



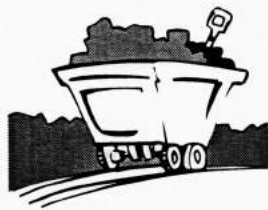
Economia de
árvores e
energia



Economia de
minério e
energia

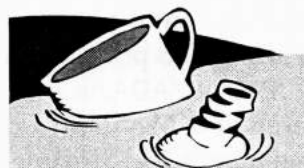


**Folheto da
Prefeitura de
Porto Alegre/
RS**

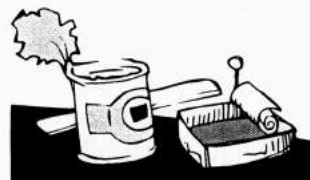
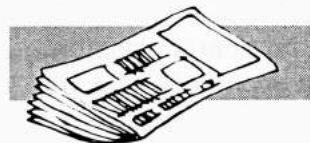


Economia de minério e energia

NÃO-RECICLADO



450 anos para a decomposição



100 anos para a decomposição



XXX anos para a decomposição

Geração do lixo... Quantos descartáveis!

Indústria produz	Você compra	Consome	Descarta
Leite Saco plástico Garrafas plásticas Caixinhas	Leite + saco plástico Leite + garrafa plástica Leite + caixinha	Leite 	Saco plástico Garrafa plástica Caixinhas
Refrigerante Garrafa plástica Garrafa de vidro Tampa Lata Invólucro com a marca	Refrigerante + garrafa plástica + tampa + invólucro Refrigerante + lata	Refrigerante 	Garrafa plástica Tampa Latinha Invólucro
Margarina Pote plástico	Margarina + pote plástico	Margarina 	Pote plástico
Pasta de dente Tubo de lata Tampa Caixa	Pasta de dente + tubo de lata + tampa + caixa	Pasta 	Tubo de lata Tampa Caixa
Azeite Lata	Azeite + lata	Azeite 	Lata

Você já reparou que a quantidade de produtos descartáveis vêm aumentando consideravelmente? São copos e pratos plásticos, guardanapos, toalhas de papel, fraldas. Tudo isso economiza seu tempo, porém além de gerar uma quantidade enorme de lixo, você terá de comprá-los constantemente e o produtor terá que retirar a matéria-prima do meio-ambiente. (Extraído de um folheto da Prefeitura de Porto Alegre/RS)

SE-PA-RE

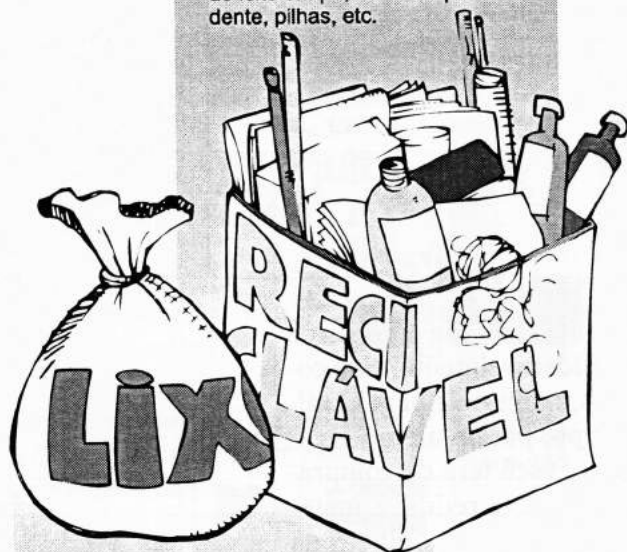
LIXO DO LIXO (lixo inorgânico):

Plástico - garrafas, sacos, brinquedos, etc.

Vidro - garrafas, vidros de conservas, etc.

Papel - jornais, caixas de papelão, revistas, etc.

Metal - latas de óleo, conserva e de leite em pó, tubos de pasta de dente, pilhas, etc.



LIXO ORGÂNICO:

Restos de comida, cascas de frutas, ovos, legumes, verduras, folhagens, restos de cinzeiro, papel higiênico, etc.

Como você pode colaborar?

► Separando o lixo em sua casa. Coloque-o em uma caixa de papelão resistente, em lata ou em saco plástico.

SE-PA-RE

Lixo Orgânico: restos de comida, cascas de frutas, ovos, legumes, verduras, folhagens, restos de cigarro, papel higiênico, etc.

Lixo inorgânico:

. Plásticos- garrafas, sacos sacolas plásticas, brinquedos, sacos de leite, frascos de suco, restos de canos, ...

. Vidro- garrafas, vidros de conserva, vidros de café, lâmpadas, ...

. Papel- jornais, revistas, caixas de papelão, cartuchos, ...

. Metal- latas de azeite, latas de conserva e de leite em pó, tubos de pasta de dente, pilhas, tampas, tampinhas, pedaços de fio, ...

► Colabore para que nossas ruas, calçadas e praças estejam sempre limpas, não jogando lixo no chão. Ele entope os bueiros, o que agrava as inundações.

► Dê preferência a utilização de produtos biode-

gradáveis e recicláveis. Não utilize aerossóis que contêm clorofluorcarbonos (CFC), pois estes contribuem para a destruição da camada de ozônio.

► Colabore para a preservação de matas nativas, denunciando ações de desmatamento e participando de movimentos que tenham como objetivo a preservação dessas áreas.

► Contribua para a arborização de sua cidade, plantando mudas de espécies nativas.

► Quando for a praias ou parques, leve consigo uma sacola para guardar o lixo produzido e ao sair coloque-o numa lixeira.

► Não leve animais para passear em praias ou parques, pois a areia contaminada pode transmitir doenças.

► Troque regularmente o óleo do carro e utilize filtro antipolvente no escapamento.

► Economize energia elétrica. Evite banhos quentes e demorados e não deixe ligados aparelhos que não estiverem sendo utilizados.

► Não desperdice água. Evite canos ou torneiras com vazamentos. (Extraído de um folheto do Unibanco Ecologia)